

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO-SENSU EM PSICOLOGIA:

ESTUDOS DA SUBJETIVIDADE

CAROLINA CARDOSO MANSO

NARRATIVAS DO CEGAR: (RE) CRIAÇÕES DE UM CORPO

PROFESSORA ORIENTADORA: MARCIA MORAES

NITERÓI

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO-SENSU EM PSICOLOGIA:

ESTUDOS DA SUBJETIVIDADE

CAROLINA CARDOSO MANSO

NARRATIVAS DO CEGAR: (RE) CRIAÇÕES DE UM CORPO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

PROFESSORA ORIENTADORA: MARCIA MORAES

NITERÓI

2010

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

M289 Manso, Carolina Cardoso.

Narrativas do cegar: (re)criações de um corpo / Carolina Cardoso
Manso.

122 f.

Orientador: Marcia Moraes.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal
Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento
de Psicologia, 2010.

Bibliografia: f. 109-114.

1. Cegueira. 2. Pessoa com deficiência visual. 3. Narrativa. 4. Corpo humano. 5. Processo. 6. Criação. I. Moraes, Marcia. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CAROLINA CARDOSO MANSO

NARRATIVAS DO CEGAR: (RE) CRIAÇÕES DE UM CORPO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovada em 19 de agosto de 2010

BANCA EXAMINADORA

Profª Doutora Joana Belarmino - Universidade Federal da Paraíba

Profº Doutor Eduardo Passos – Universidade Federal Fluminense

Profª Doutora Marcia Moraes (Orientadora) – Universidade Federal Fluminense

Ao grupo de pesquisa Perceber sem ver
Às pessoas cegas que conheci neste processo

AGRADECIMENTOS

Para a realização deste trabalho pude contar com muitos olhares, mãos, ouvidos, presenças, incentivos, ombros, palavras, experiências, cuidados.... Estive acompanhada em muitos momentos e por isso agradeço:

À força do sagrado tão presente em meu caminho;

À Professora Marcia Moraes, orientadora deste trabalho, orientadora de muitos percursos, amiga, por sua dedicação infalível, incentivo em todos os momentos, por acreditar em mim, pelas conversas, pela parceria, por sua simplicidade;

Ao Grupo de pesquisa Perceber Sem Ver - Aline, Luciana, Isabela, Luara, Jo, Júlia, Thadeu, Camila, Vandr , Liz, Tayana, Marina – por todo o aprendizado e por tudo aquilo que pudemos construir juntos, por todas as experiências difíceis, alegres, engracadas que passamos, pela amizade, pela presenca, por ser um espaço muito importante na minha constitui o profissional e pessoal;

Aos participantes das Oficinas de Experimenta o Corporal sem eles essa pesquisa não seria possível, por terem muito me ensinado, por conseguirmos juntos criar um espaço potente de experimenta o;

Ao Instituto Benjamin Constant e profissionais que l  trabalham que nos abriram as portas para que pudéssemos realizar essa pesquisa;

Aos meus pais e minhas irmãs sempre presentes e incentivadores da minha vida;

Ao Eduardo, namorado presente com seu apoio, carinho, ombro, alegria, cuidado, por acreditar em mim, pela paciência e estar sempre ao meu lado, pelo amor potente que conseguimos construir juntos;

  minha turma e professores da Escola Angel Vianna com quem pude contar com a amizade, com a continência, por terem me ensinado a importância do corpo, da experimenta o e da cria o;

Aos amigos pela paciência e amizade e

  CAPES pelo apoio financeiro.

RESUMO

A presente dissertação visa acompanhar e fazer proliferar diferentes versões do cegar e desta maneira, resistir à tradicional relação entre cegueira, deficiência, falta e incapacidade. Entendemos o cegar como um acontecimento bifurcante disparador de processo criativo. Neste processo, novos modos de existir se produzem. Nosso intuito é interferir nesta produção para que modos potentes de existir com a cegueira possam ser inventados. Para isso, elaboramos como tática de pesquisa um dispositivo que chamamos de Oficina de Experimentação Corporal, atividade que passou a pertencer à grade curricular do setor de reabilitação do Instituto Benjamin Constant. Por meio de atividades que envolvem a experimentação de materiais, a consciência corporal, a dança, o equilíbrio, a atenção, noções de espaço, o contato, dramatizações, criação e sensibilização corporal, o grupo participante da Oficina é levado a experimentar e a se deparar com seus corpos e com a possibilidade de recriá-los, de reinventar a si mesmos, assim como as suas experiências de cegar, possibilitando, desta forma, a criação de outras conexões a partir destas experimentações. Neste processo, a própria cegueira também tem a oportunidade de ser recriada, afirmando deste modo seu caráter de produção. Aqui, corpo não se restringe ao seu significado anatômico e por isso, não é o local privilegiado onde a cegueira se legitima como uma deficiência necessária. Apostamos em um corpo criativo que se produz por meio dos afetos e é capaz de se reinventar a todo instante. Com o propósito de afirmar o cegar como um processo e não como uma identidade desenvolvemos uma metodologia para dar conta de nosso objeto-processo e para isso contamos com teóricos do campo da Antropologia das Ciências como Bruno Latour, Annemarie Mol, Vinciane Despret e John Law. Além disso, utilizamos como técnica de escrita a narrativa, pois, deste modo podemos ressaltar o caráter processual de nossa dissertação, assim como do cegar.

Palavras –Chave:Cegueira, deficiência visual, narrativa, corpo, processo, criação.

ABSTRACT

This thesis aims to monitor and make proliferate different versions of the blind, and therefore to resist to the traditional relationship between blindness, disability, absence and inability. We understand the blind as a bifurcated event which triggers the creative process. In this process, new modes of existence are produced. Our purpose is to interfere in this production, so as powerful ways to exist in the blindness can be invented. For this, we've prepared, as a research tactic, a device called the Body Workshop Experimentation, an activity that became a curriculum part of the rehabilitation sector at the Benjamin Constant Institute. Through activities that involve the testing of materials, body awareness, dance, balance, attention, notions of space, contact, performing, creating and body awareness, the group participating in the Workshop is led to experience and encounter their bodies with the ability to recreate them, to reinvent themselves, as well as their experiences of blind, allowing thus the creation of other connections from these trials. In this process, the very blindness also has the opportunity to be rebuilt, thereby confirming its nature of production. Here, the body is not restricted to its anatomical significance and, therefore, is not the privileged place where blindness is legitimized as a needed deficiency. We invest in a creative body that is produced by means of affects and is able to reinvent itself at any moment. With the purpose of affirming the blind as a process and not as an identity, we've developed a methodology to account for our object-process and for that we relied on the theoretical from the Antropology Science field like Bruno Latour, Annemarie Mol, Vinciane Despret and John Law . Additionally, We've used as a technique of writing the narrative, because in this way, we can emphasize the procedural nature of our thesis, as well as the blind.

Keywords: Blindness, visual impairment, narrative, body, process, creating

SUMÁRIO

Introdução	1
Capítulo 1 – Primeiros retalhos e o início da costura	7
Do encontro com a pessoa cega.....	7
Do encontro com a deficiência, a criação de estratégias e o deslocamento de lugares.....	14
Do tornar-se cego à definição de um objeto	19
Capítulo 2 – Andanças que produzem caminhos: tecendo um método.....	36
Percursos: da especificidade do objeto	36
Percursos: compondo um método.....	40
Percursos: algumas táticas criadas e definições necessárias.....	52
Percursos: o texto como laboratório e a produção de narrativas	68
Percursos: arrumando a mala para a viagem	70
Capítulo 3 – Costuras que tecem o corpo: percorrendo suas versões	73
Como falar sobre o corpo	78
Mapeando corpos.....	87
Considerações finais	104
Bibliografia	109

INTRODUÇÃO

Interferências

Composições de uma pesquisa(Dora)

Dora é múltipla, nesta manhã acordou enroscada a sua colcha de retalhos de forma a não saber mais se a colcha cobria seu corpo ou se seu corpo cobria a colcha, uma sensação gostosa de inseparabilidade, de mistura tomou conta. Percebeu que as linhas que costuravam a colcha se misturavam a seus fios de cabelo, cabelos espalhados por todo o corpo, achou engraçado. Continuando a brincadeira, espreguiçou para um lado, espreguiçou para o outro. A cada esticada, passava a perceber seu corpo de outras formas. O espreguiçar a ajudava a encontrar outros equilíbrios e desequilíbrios e desta maneira, rolava na cama. Nesta manhã, Dora se percebe um pouco colcha de retalhos. De modo surpreendente, contínuos rearranjos causados pela interação colcha, Dora, espreguiço, cama, manhã, se produzem em seu corpo. Um equilíbrio que se move, que se metamorfoseia a cada movimento. Dora é artista plástica e um de seus trabalhos favoritos é passar horas costurando diferentes peças de retalhos e no final produzir colchas, quadros, bolsas, casacos e tudo mais que esse corte e cole a levar. Tem vezes que começa pensando em fazer um abajur e quando vê, seu trabalho virou um lindo enfeite de jardim. Dora não tem muito controle sobre o resultado de suas invenções, isso a deixa ainda mais

instigada a criar. Os materiais que utiliza são bem diferentes entre si tecidos, garrafas de plástico, botões, gravetos, folhas secas... experiências da noite anterior aqui, uma lembrança de criança acolá, o encontro com uma amiga muito antiga, a discussão no ônibus hoje à tarde, suas leituras filosóficas, as de literatura também, discussões na faculdade, aulas de dança... seu trabalho é realmente uma poção, uma verdadeira bruxaria. Com sua arte Dora afeta e é afetada, contagia e se contagia, emociona, emocionando-se, transforma transformando-se.

Caro leitor, é com grande prazer que o introduzimos a este trabalho, trata-se de um texto-laboratório fruto de uma pesquisa que visa acompanhar e fazer proliferar diferentes versões do cegar. Podemos começar nos perguntando sobre a cegueira, sobre o modo como pessoas que não enxergam ou que passaram a não enxergar experimentam o não ver. Será que há uma realidade dada de antemão acerca da cegueira? Será que todos aqueles que não enxergam ou que passam a não enxergar vivem o não ver da mesma forma? Ou ainda, será que cotidianamente a cegueira é performada da mesma maneira?

Em nosso percurso de pesquisa fomos nos transformando: inicialmente, quando nos aproximamos do campo do não ver, considerávamos que lidaríamos com a cegueira, com a deficiência visual. No entanto, o caminhar na pesquisa foi compondo um outro campo de investigação: o cegar, processo múltiplo, que é feito, perfomado, dia após dia, em certas práticas, nos corpos que não vêm, aqui e ali, um processo que, aprendemos, nos envolvem a todos.

Por isso, apresentamos e construímos neste texto um cegar que é situado, ou melhor falamos de muitas versões do cegar que estão localizados em certas práticas que

acompanhamos no Instituto Benjamin Constant (IBC), um centro de referência nacional para as questões ligadas à deficiência visual situado na cidade do Rio de Janeiro¹. Segundo Mol (1999) não existe uma só realidade mas uma multiplicidade e para falarmos dela, não basta a colocarmos no plural como se vários olhares, vários pontos de vista acerca de uma mesma realidade desse conta desta multiplicidade. Logo, para Mol (1999) multiplicidade não é o mesmo que pluralidade. Porque esta última acaba por cair num perspectivismo que em nada muda a concepção de que a realidade, em última instância, é uma só. “Falar da realidade como múltipla depende de outro conjunto de metáforas. Não as de perspectiva e construção, mas sim as de intervenção e performance. Estas sugerem uma realidade que é feita e performada e não tanto observada” (MOL, 1999, p.5).

Deste modo, entendemos que a escrita é uma forma de performar a realidade e por isso, nesta dissertação fazemos existir diversas versões do cegar. Quando performamos a cegueira não como uma realidade dada mais sim proliferando suas versões, esta passa a existir como possibilidade de criação, como processo de produção e não como um produto, não como uma identidade.

Por isso, a escrita deste texto é realizada a partir de um delicado manejo: manejo político que pretende afirmar nosso modo de lidar com o cegar, não só a partir de argumentações teóricas, mas também por meio de um percurso de pesquisa, por meio dos possíveis efeitos, conexões, contágios que este texto pode vir a produzir com outras práticas, com outros textos.

¹O Instituto Benjamin Constant por ser uma instituição de referência nacional possui diversos trabalhos relacionados a pessoa com deficiência visual assim, lá existem vários setores como pré-escola, ensino fundamental, setor médico de especialidade oftalmológica, reabilitação, estimulação precoce, imprensa e biblioteca Braille, entre outros.

Assim, escrevemos o texto tal como a fabricação de uma colcha de retalhos na qual diferentes pedaços de panos e fios são costurados de modo que cada um influencie e produza efeitos no outro e na colcha como um todo. Deste modo, fazemos existir uma trama onde a teoria e a experiência não se separam, se produzem ao mesmo tempo. É preciso sublinhar que o modo como essa colcha foi alinhavada diz de uma certa escolha feita por nós a fim de performarmos uma certa realidade. Nesta escolha contamos com aquilo com que pudemos nos conectar, com aquilo que pôde nos transformar.

Para lidar com o cegar como um processo, optamos simultaneamente por uma escrita em forma de colcha de retalhos, na qual as narrativas – os retalhos – são locais, situados, encarnados e pelo uso do verbo ou da locução verbal – o cegar, o tornar-se cego – para lidar com aquilo que pesquisamos. Com isso, afirmamos no nosso texto-laboratório o cegar como processo, que tem a força de um verbo, uma ação que se realiza, que se encarna de modo múltiplo e heterogêneo em certas práticas. Um verbo, uma ação e não um substantivo, um estado de coisas. Eis o sentido que damos àquilo que investigamos.

Na leitura deste trabalho você, leitor, irá se deparar com uma escrita que se faz também como verbo, como ação de reunir retalhos, pedaços de práticas, de experiências, afetos. Para levá-lo até o nosso objeto de pesquisa – objeto processo – foi preciso que criássemos *as interferências* que são narrativas que mapeiam o processo desta pesquisa e as várias versões do cegar. As narrativas são construídas de modo a explicitar os diversos retalhos, os diversos atores, os múltiplos fios e costuras que contam para performar as tantas versões do cegar e também para explicitar o caminho percorrido por esta pesquisa.

Nomeamos aqui estas narrativas como interferências, pois, a intenção é que estas se conectem à rede do texto e produzam reverberações e rearranjos. A interferência é um importante ator desta dissertação, pois produz efeitos no que está escrito. Deste modo, nos damos conta de que os atores desta dissertação estão interligados e que por muitas vezes quando achamos que o que parece estar em jogo é apenas uma coisa só, como por exemplo, o cegar, na verdade, também estão envolvidas outras questões e realidades. Escrevendo sobre o cegar performamos também outras realidades acerca do que é pesquisar, do que é intervir, do que é ter um corpo e assim tantas outras questões e realidades.

As interferências possuem também a função de manterem as redes desta dissertação vivas e tencionadas. Quando introduzimos uma interferência sinalizamos que a reflexão que está sendo feita não está descolada da prática, da ação, da experiência. A interferência é uma aposta ao mesmo tempo epistemológica e política. Epistemológica, porque afirmamos que conhecer é também um processo que se realiza em algum lugar. É um conhecimento que se faz em certos arranjos que envolvem muitos elementos. Arranjos locais em que o pesquisador se articula, se tece junto com o outro, com aquele que ele investiga. As pequenas narrativas, as interferências, os retalhos afirmam este conhecer situado, feito e tecido com alguém, com outros, com as coisas. Há nisso também uma dimensão política, inseparável dessa dimensão epistemológica. Interferi aonde e para que? Em nossa pesquisa, quisemos interferir numa certa versão do não ver: aquela que é substantivada. Para que? Para fazer proliferar as versões do cegar, para intervir na construção de um mundo mais amplo, mais heterogêneo, um mundo onde a diferença conte como potencialidade, como força e não como algo a ser contornado. Não queremos produzir um conhecimento universal,

isto é, um conhecimento que é feito a partir de lugar nenhum e é sobre ninguém. O político e o epistemológico seguem atrelados, um não existe sem o outro. Conhecimento situado, processual, para um objeto também processual. Com esta dissertação, convocamos você, leitor, a se reordenar junto com a rede que se ordena a partir dos retalhos-interferências que foram “costurados” no texto. Nós, pesquisadoras, também nos reordenamos neste processo.

O encontro com a multiplicidade do cegar ao invés *da cegueira* nos moveu a construir um método bastante singular para dar conta deste objeto-processo. Tal método conta com uma atividade de intervenção que chamamos de Oficina de Experimentação Corporal: uma prática que realizamos no IBC com grupos distintos de pessoas. Inicialmente, com jovens e crianças cegas e com baixa visão, e posteriormente, com adultos cegos ou que estavam em vias de cegar, vinculados ao setor de reabilitação do IBC. Com a proposição de atividades de consciência corporal, sensibilização e outras, nossa intenção foi criar um espaço onde a dimensão processual do cegar pudesse se performar, fazendo com que a criação e a potencialidade ganhassem relevância. As ações que realizávamos nas Oficinas eram registradas em diários de campo que nos permitiram mapear os movimentos, criações, interferências e com isso também acompanhar o processo de pesquisa, das versões do cegar e da nossa constituição como pesquisadoras².

Em nosso percurso de pesquisa, tomamos o cegar como um processo que se dá encarnado, situado. Por isso, nessa dissertação seguiremos os modos como o cegar e o corpo se entrelaçam, se co-engendram. Aqui, corpo não se restringe ao seu significado

² No capítulo dois abordaremos detalhadamente a Oficina de Experimentação Corporal, os diários de campo e o processo de construção do método desta pesquisa.

anatômico e por isso, não é o local privilegiado onde a cegueira se legitima como uma deficiência necessária. Apostamos em um corpo criativo que se produz por meio dos afetos e é capaz de se reinventar a todo instante, um corpo fruto da conexão de diversas redes múltiplas e heterogêneas, efeito e não essência ou substância.

Esperamos que este texto possa produzir conexões com você, leitor, e que deste modo você também faça parte deste colcha de retalhos se transformando e se recriando junto conosco.

CAPÍTULO 1 – PRIMEIROS RETALHOS E O INÍCIO DA COSTURA

Interferências

Do encontro com a pessoa cega³

Terceiro período da faculdade de psicologia. A aproximação com o teatro me levou ao primeiro contato com aquilo que hoje é tema de minha dissertação de mestrado. “Quem diria” - pensei- “minha experiência com as artes cênicas seria relevante para a entrada em um projeto de iniciação científica?” Primeiro estranhamento: o que a ciência, o pesquisar, poderia ter a ver com as artes cênicas? Nossa orientadora há pouco começara a se dedicar ao estudo das relações entre cegueira e percepção, por um motivo que eu não sabia bem qual era, em nosso projeto de pesquisa, iríamos acompanhar as aulas de teatro ministradas a jovens e crianças cegas e com baixa visão no Instituto Benjamin Constant . Fizemos algumas leituras sobre a visão e a cegueira e logo fomos ao encontro das pessoas cegas no IBC. Como o ano acabara de começar, as aulas de teatro do ensino fundamental ainda não haviam iniciado e a professora de teatro nos

³A presente pesquisa de mestrado possui raízes em um projeto de iniciação científica no qual fui bolsista de iniciação científica (FAPERJ) durante quatro anos e cujo título era “ Percepção e cegueira: o teatro como dispositivo cognitivo” . Possui raízes também, no Programa de Pesquisa e Extensão “Ver e não ver: corpo e subjetividade entre pessoas com deficiência visual” , onde participo como pesquisadora. Este programa é um desdobramento do primeiro projeto. Ambos são coordenados pela Professora Marcia Moraes, em uma parceria entre a Universidade Federal Fluminense e o Instituto Benjamin Constant.

perguntou se não gostaríamos de acompanhar suas aulas no Jardim de Infância. Aceitamos sua sugestão. A proposta de fazer uma pesquisa que juntasse a arte e a deficiência era uma possibilidade excitante. Confesso que minha entrada na faculdade de Psicologia estava atravessada por certo “assistencialismo”⁴ e o trabalho com a pessoa deficiente, iria exatamente ao encontro desse propósito, já que entendia que a deficiência e o assistencialismo possuíam uma relação necessária. De certo que ao aceitar participar desta pesquisa, não sabia onde estava me embrenhando e muito menos os possíveis efeitos desta nova articulação em minha vida. No início, tentávamos disfarçar a sensação de estranhamento que nos tomava ao encontrar as crianças cegas, muitas delas eram tão levadas quanto as crianças mais endiabradas que conhecia, pregavam peças, faziam manha e se aproveitavam de nossos olhares piedosos e caridosos para conseguir o que queriam. Acho que pensávamos que iríamos encontrar crianças obedientes, dóceis, talvez, crianças que não brincassem ou então um ambiente triste, de pesar ou algo do tipo. Nosso estranhamento vinha do embate entre aquilo que pensávamos encontrar acompanhado de um sentimento de pena e aquilo que realmente encontramos, onde o sentimento de piedade não era preponderante. A maioria das crianças brincava, ria e não tinha medo de experimentar. Lembro-me que ficava impressionada com a quantidade de esbarrões que as crianças davam entre si, conosco e com o ambiente onde estavam brincando, parecia que ao esbarrar nas coisas e nas pessoas elas aprendiam um pouco mais, elas construía um mundo mais cheio de elementos. A falta que a visão fazia estava presente, sem dúvida, por exemplo,

⁴ Por assistencialismo entendemos uma certa prática de “ajuda” a pessoas com deficiência visual, tomando-as como necessitadas de algo pelo fato mesmo de não enxergarem.

quando víamos crianças com maneirismos e estereotípias⁵, logo entendemos que estes maneirismos e estereotípias eram muitas vezes causados por uma estimulação precoce deficitária, porém muito necessária, já que é através de tal estimulação que as crianças seriam convidadas a investir sua capacidade de experimentação, não somente em seus corpos, mas também no mundo ao seu redor. Não me esqueço de uma menina chamada Maria⁶. A primeira vista tínhamos verdadeiro terror de olhar para ela, achávamos que sua condição era algo simplesmente e somente terrível. Maria tinha 9 anos e possuía uma síndrome que fazia com que seus dois olhos fossem atrofiados, seu corpo não tivesse pele e sim uma película de aparência estranha. A menina tinha pouco cabelo e dedos das mãos e pés atrofiados. Para nós era quase que óbvio que aquela menina com este corpo “tão deficiente”, tão diferente, estava fadada a ser uma pessoa sem possibilidades. O fato é que ao longo de nossos encontros, Maria parecia a todo o momento contestar nossos pré-conceitos acerca de suas possibilidades. Era comunicativa e sempre dava um jeito de conseguir o que precisava. Maria era também uma das líderes da turma quando o assunto era fazer bagunça. Um dia inventou uma brincadeira que repetiu durante muitos e muitos dias, ela me pediu que fosse chamando o nome dela ao longo de um grande corredor do setor do jardim de infância, o objetivo da brincadeira era que ela pudesse saber onde eu estava apenas escutando a minha voz. Ela me dizia: “Me chama, me chama!” e quando eu pronunciava o nome dela, logo, logo, saía ao meu encontro. Às vezes, no início, ela se perdia e acabava

⁵ Estereotípias e maneirismos são movimentos rítmicos do corpo, hábitos de apertar os olhos ou de bater as mãos, são muitas vezes substitutos da atividade muscular. (AMIRALIAN, 1997). Podemos considerar que tais movimentos repetitivos podem ser fruto do investimento da energia de descoberta e experimentação do mundo no próprio corpo. A criança com deficiência visual que não recebeu estimulação adequada, ao invés de direcionar o investimento da energia de descoberta para o exterior de seu corpo, ou seja, para o mundo, investe esta energia somente em seu próprio corpo gerando, assim, as estereotípias e os maneirismos (MARIN e BUENO, 2003).

⁶São fictícios todos os nomes das pessoas com deficiência visual citadas nesta dissertação.

errando o caminho, mas com o tempo foi cada vez mais acertando minha localização. Com esta brincadeira, Maria parecia me dizer que podia mais do que eu pensava sobre ela, parecia que de algum modo gostaria de provar que podia se localizar no espaço mesmo sendo cega, provar que podia construir suas possibilidades, mesmo com um corpo tão diferente. O encontro com Maria e muitos outros meninos e meninas aos poucos foram nos deslocando da concepção incapacitante e do olhar de pena que tínhamos em relação à cegueira. Com toda certeza o ficar cego tinha uma dimensão de perda, a questão é que aos pouco fomos começando a perceber que algumas invenções potentes podiam ser construídas e que o modo de existir cego não estava fadado a ser necessariamente um modo deficiente⁷.

O estudo do tema da cegueira na atualidade nos convida a entender como, ao longo do tempo, a falta de visão foi sendo associada à questão da deficiência. É interessante verificar que interpretações anteriores da cegueira concebiam-na como resultante de fenômenos metafísicos e religiosos. Tais concepções foram dando lugar ao entendimento desta como uma mera condição física associada à ausência de visão. A partir da modernidade foram se produzindo configurações de saber que enquadraram a questão da cegueira em um fechamento de sentido que passamos a chamar de deficiência visual.

Martins (2006a, 2006b, 2006c) comenta a afirmação de Foucault de que a modernidade possui como marca fundamental a singularidade das formas de exercício de poder e segundo o teórico, essas novas formas de poder atuam principalmente no

⁷ Narrativa criada com base nos diários de campo de 2004 e 2005 do projeto de pesquisa “Percepção e cegueira: o teatro como dispositivo cognitivo”.

corpo, colocando-o no lugar de objeto.

A relação que parece emergir entre a leitura foucaultiana das formas de dominação que a modernidade inaugurou e a cegueira ganha ainda mais pertinência dada a importância que o corpo assume enquanto lugar de atuação destas novas formas de poder. Portanto, o enalço da criação da deficiência visual enquanto idioma cultural para a apreensão moderna da cegueira liga-se, pois, a uma valorização do corpo como objeto de saberes e poderes ocorridos a partir do século XVII (MARTINS, 2006a, p.80).

Foucault identifica a partir da modernidade⁸, duas formas distintas e interligadas de configuração do poder. A primeira tem início no séc. XVII e diz respeito às estratégias, disciplinas e concepções que consagram o corpo como máquina, visando desta forma a sua utilidade e aproveitamento econômico. O autor identifica este poder como disciplinar. A outra forma de configuração do poder é denominada de biopolítica da população, tem início no séc. XVIII e se centrou no corpo-espécie, no corpo como suporte de processos biológicos: o nascimento, a mortalidade, o nível de saúde. A biopolítica da população diz respeito a um conjunto de controles que regulam a vida. As disciplinas do corpo e as regulações da vida são dois pólos nos quais se assentam o poder sobre a vida. Um dos efeitos dessa relação entre a vida e poder é, segundo Foucault, “a importância crescente assumida pela atuação da norma [...]” (FOUCAULT, 1985, p.135). Martins, ao comentar o trabalho de Foucault, menciona a centralidade do

⁸ Serres define a modernidade a partir da seguinte característica: a separação radical entre a razão e o mundo. Mais do que separação, trata-se de uma relação de dominação da primeira sobre a segunda. A modernidade, sob o império da filosofia cartesiana, faz com que “o sujeito do conhecimento e da ação goze de todos os direitos e seus objetos, de nenhum.” (SERRES, 1991 apud MORAES, 2000).

tema da norma e da normalidade nas investigações do pensador francês: “Na verdade, a fulcral importância que Foucault confere ao corpo e ao conhecimento médico, não é senão manifestação da centralidade que o filósofo atribui às formas de poder e enquadramentos de normalidade que acompanham o estabelecimento dos saberes da biomedicina [...]” (MARTINS, 2006a, p.80).

Conforme nos mostra Foucault, a biomedicina⁹ se afirma como uma armadura científica sólida, criando padrões para identificar o que é saúde e o que é doença. Segundo o paradigma biomédico, o corpo é considerado uma máquina que pode ser analisada em termos de suas peças e a doença é entendida como um mau funcionamento destas peças.

Neste contexto, o corpo passa a ser objeto das ciências naturais e é analisado somente em seu enquadramento biológico. Trata-se, portanto de um corpo-objeto cujos saberes são definidos por algo que lhe é exterior: as verdades biomédicas. Este corpo torna-se lugar privilegiado de procedimentos de controle, manipulação e normalização.

Os valores fundados pela modernidade fazem com que a noção de desvio se estabeleça. Este passa a ser identificado a partir de tudo aquilo que foge ao padrão normal e com isso, a medicina passa a perseguir a supressão do desvio pela

⁹ Nesta dissertação a crítica que fazemos à biomedicina segue os trabalhos de Martins (2006a, 2006b, 2006c) e Foucault (1985). Para estes autores, a biomedicina, como um saber moderno, pauta-se na biologia e na anatomia para estabelecer critérios de normalidade para o corpo, tomando-o em sua dimensão física e produtiva.

Nesse sentido, a biomedicina está atrelada às considerações que Foucault e Martins fazem acerca das diferentes formas de exercício do poder sobre a vida, que datam da modernidade. Assim, o corpo que fugisse à norma, era considerado anormal, improdutivo e patológico. Nesta pesquisa, não tomamos a biomedicina num viés contemporâneo que nos permita redefini-la de modo a incluir a diferença e a variação como potencialidades do vivo. Sem desconsiderar a riqueza conceitual e prática desta redefinição contemporânea da biomedicina, optamos por focar este tema tal como ele é apresentado pelos autores citados. Este enquadramento nos pareceu pertinente e coerente aos objetivos desta dissertação, dado que a concepção de cegueira como deficiência se faz notar em muitas ações voltadas para as pessoas com deficiência, como veremos mais adiante.

Para articular deficiência visual, cognição e as contribuições da biologia contemporânea, podemos utilizar Belarmino, 2004.

normalização. A noção de deficiência é construída, neste contexto, como uma das formas de desvio que se afasta da norma. “É na matriz fundada por estes valores estruturantes do biopoder moderno, denunciados por Foucault, que a experiência da cegueira é decisivamente vinculada à idéia de patologia, figurando nesse novo idioma como uma forma particular de deficiência: a deficiência visual.” (MARTINS, 2006a, p.81).

Por esta via, a cegueira estabeleceu-se no quadro das nossas representações culturais como uma condição patológica a que se chamou deficiência visual, nascendo em meio à modernidade, sob o signo da falta e do desvio em relação ao modelo biomédico do corpo.

Uma publicação elaborada pela Organização Mundial de Saúde em 1976 visando responder às necessidades de se conhecer mais sobre as conseqüências das doenças, nos ajuda a mapear como o conceito de deficiência foi sendo ordenado dentro de um entendimento estritamente biomédico e incapacitante. A *International Classification of Impairment, Disabilities and Handicaps* (ICIDH), traduzida para o português como Classificação Internacional das Deficiências, Incapacidades e Desvantagens (CIDID) no intuito de definir melhor o conceito de deficiência propôs a distinção conceitual entre as palavras *Impairment, Disability e Handicap* (FARIAS e BUCHALLA, 2005).

Impairment (Incapacidade¹⁰) se define pelas lesões nos órgãos, sistemas e estruturas do corpo, *Disability* (Deficiência) se caracteriza como as conseqüências da deficiência do ponto de vista do rendimento funcional, ou seja, no desempenho das

¹⁰ As traduções que utilizo aqui das palavras *Impairment, Disability e Handicap* são propostas por DINIZ, MEDEIROS e SQUINCA (2007). Os autores discutem e criticam a tradução oficial para o português do documento publicado em língua Inglesa *International Classification of Impairment, Disabilities and Handicaps*, neste último tais palavras são traduzidas respectivamente por Deficiência, Incapacidade e Desvantagem.

atividades e *Handicap* (Desvantagem) reflete a adaptação do indivíduo ao meio ambiente resultante da deficiência e incapacidade. De acordo com a ICIDH, haveria uma relação de causalidade entre *Impairment, Disabilities e Handicaps*. “Um corpo com lesões experimentaria restrições de habilidades, o que levaria a situações de desvantagem social. A desvantagem seria resultado das lesões, por isso, a importância de conhecer, curar ou reabilitar os corpos anormais” (DINIZ, D. , MEDEIROS, M. e SQUINCA, F. 2007).

Como podemos perceber, a ICIDH classifica a diversidade corporal como consequência de doenças ou anormalidades, além de considerar que as desvantagens sociais e de adaptação são causadas única e exclusivamente pelo indivíduo com o corpo lesionado. Deste modo, o conceito de Incapacidade (*Impairment*) fundamenta-se em termos estritamente biológicos, ou seja, é a natureza quem define as deficiências (*Disabilities*) e, portanto, as desvantagens (*Handicaps*) causadas pelas lesões e diferenças corporais são naturais e necessárias. Neste contexto, resta aos profissionais que lidam com a questão da deficiência, tentar corrigir esta desvantagem necessária causada pela lesão ou diferença corporal, através de um treinamento do corpo para reduzir os danos causados pela deficiência, a reabilitação.

Interferências

Do encontro com a deficiência, a criação de estratégias e o deslocamento de lugares

Depois de alguns meses acompanhando as crianças cegas e com baixa visão¹¹ no jardim de infância no IBC, fomos convidados a acompanhar as aulas de teatro do ensino fundamental que já haviam recomeçado. Essas aulas eram uma atividade extra-curricular para os alunos, delas participavam crianças e jovens de várias idades. O objetivo era apresentar uma peça de teatro no auditório da escola no final do ano letivo. A peça que iriam apresentar naquele ano seria “O Mágico de OZ”¹² e os ensaios já estavam começando. Era necessário escolher quem iria representar cada papel, montar as cenas, criar as personagens e ajudar os atores a decorar os textos. Aos poucos saímos do lugar de observadoras e fomos começando a participar intensamente daquele processo. Muitos deslocamentos em relação a nossas concepções iniciais do cegar foram se processando neste período. Fomos acompanhando os arranjos e rearranjos do estar cego, presenciando o cegar encarnado em corpos que o experimentavam de diferentes formas, criando e acompanhando a invenção de estratégias para a localização no palco, entrada e saída de cena, criação dos personagens, entre outras coisas. Para sair de cena, Luisa pedia que alguém ficasse na coxia estalando os dedos. O passarinho cantando era o sinal para que a

¹¹Neste trecho, para a definição de cegueira adotamos critério funcional ou educacional indicado por Amariliani (1997). Segundo este referencial é considerado cego o sujeito que faz uso exclusivamente do Sistema Braille para a leitura e a escrita e é considerado baixa visão aquele que, através de recursos óticos e não óticos, lê e escreve fazendo uso de material impresso em tinta.

¹² Roteiro adaptado pela professora do IBC Marlíria Cunha.

personagem Doroty entrasse em cena. Arlequim¹³ começava a contar os passos da coxia até o lugar que deveria ocupar no palco, pois, ele estava em pleno processo de cegar, já que sua baixa visão estava cada vez mais comprometida pelo avanço do glaucoma. Nesses encontros com os alunos da aula de teatro pudemos presenciar diversos modos de ficar cego, presenciamos o cegar como deficiência, como incapacidade, mas também como um intenso processo de criação de possibilidade de estar no mundo, como movimento de recriação constante. Um dia, no final do ensaio, enquanto os alunos se preparavam para ir embora achamos umas folhas de papel escritas em Braille, não havia nenhuma indicação a tinta para que pudéssemos identificar de quem eram aqueles papéis, para nós era apenas um papel em branco. Como Arlequim era o único que ainda estava na sala, pedimos para que ele lesse o que estava escrito, para que deste modo pudéssemos devolver o papel para seu dono. Arlequim logo começa a ler o papel e diz “É uma carta” começa, então, a fazer interjeições “Nossa! Caramba! Aí Meu Deus!!”, nós, muito curiosas para saber o conteúdo daquela carta perguntamos “ O que está escrito? Fale logo!” e então Arlequim nos respondeu “ Ah tia, não posso dizer não, é muito comprometedor, pode deixar que eu entrego ao dono!”. Ficamos como bobas diante daquela situação. Neste acontecimento, a deficiência definitivamente não podia ser definida como algo individual e instalado no corpo, fruto somente de uma lesão corporal geradora de necessária incapacidade. Nós pesquisadoras, “sem lesão corporal”, éramos as deficientes naquele momento, éramos nós que não podíamos ler aquela carta para assim podermos devolvê-la e matar nossa curiosidade. O encontro com pessoas cegas foi nos informando que o cegar

¹³ Arlequim é aluno do ensino fundamental do IBC. Ficou cego durante o período de realização desta pesquisa. Quando o conheci, ele tinha 12 anos. A escolha do nome fictício Arlequim será justificada mais adiante na nota de rodapé número 18.

não se define exclusivamente por uma lesão, ou perda localizada no corpo, no indivíduo, muitos atravessamentos, muitos fatores contam para definir como o cegar é experimentado por diferentes pessoas.¹⁴

A idéia de deficiência como uma situação que foge ao padrão, ou seja, como idéia de que falta algo ao corpo, ocupou durante muito tempo e de forma hegemônica o entendimento da questão da deficiência, colocando-a num lugar de déficit, ou seja, de inferioridade ou incapacidade.

Na década de 70, nos países europeus e nos Estados Unidos estes valores começaram a ser contestados por meio de mobilizações contra-hegemônicas, que entendiam a deficiência numa concepção de direitos. Passou-se a denunciar a cumplicidade entre a noção de deficiência hegemonicamente estabelecida, as formas vigentes de organização social, e as experiências de profunda marginalização, então vividas pelas pessoas descritas pelo idioma da deficiência.

A denúncia feita questiona a universalização dos direitos baseada no princípio da igualdade de todos perante a lei. O entendimento de que todos são iguais faz com que as diferenças sejam apagadas e mais do que isso, negadas. Assim nos anos 80, por quase todo o mundo, criaram-se e reformularam-se estruturas organizativas que estabeleceram como propósito central a defesa dos direitos das pessoas com deficiência. Estas mobilizações entendiam que a defesa dos direitos das pessoas com deficiência passava principalmente, pelo reconhecimento e legitimização das diferenças transportadas pelos diversos tipos de deficiência.

Os *Disability Studies* surgiram em resposta à hegemonia biomédica como uma

¹⁴ Reflexões a partir de diários de campo, 2005.

especialidade da área da saúde e ciências do homem e possuíam o compromisso teórico de demonstrar que a experiência da desigualdade pela deficiência resultava mais de estruturas sociais pouco sensíveis à diversidade do que de um corpo com lesões. Tal modelo subverteu a definição de deficiência pela lógica causal proposta pela ICIDH, pois segundo os *Disabilities Studies* não eram as lesões a principal causa das desvantagens, mas sim a opressão social aos deficientes (DINIZ, MEDEIROS e SQUINCA, 2007).

Este movimento propõe, portanto, que as desvantagens ou desabilidades de pessoas com deficiência são fruto de uma sociedade que não é adaptada às singularidades destes corpos. Há neste modelo um deslocamento da centralidade da questão da deficiência, se antes o foco estava na anomalia corporal e na medicina, agora a centralidade, a causa desta questão, passa para a sociedade. Podemos perceber que neste modelo o pressuposto de que há uma causa para a deficiência permanece, só que agora deslocada para a sociedade.

Em maio de 2001, a Organização Mundial de Saúde aprovou a *International Classification of Functioning, Disability and Health* (ICF) (FARIAS e BUCHALLA, 2005) que na versão em português foi traduzida como Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF). Esta classificação é fruto de intensos debates entre o modelo biomédico e o modelo social de deficiência, a idéia era criar uma nova linguagem que seria a combinação dos dois modelos, o biomédico e o social, para a instauração de um terceiro, o biopsicossocial. Dentre as várias modificações propostas pela CIF, uma delas foi o novo significado do termo deficiência que de uma categoria estritamente biomédica na ICIDH, assumiu caráter também sociológico e político.

A CIF apresenta que na avaliação da funcionalidade e/ou incapacidade de uma pessoa, mais elementos devem ser levados em consideração além da lesão corporal e que não necessariamente uma pessoa que possui lesões ou diversidade corporal vai ter prejudicada sua funcionalidade e suas relações sócio-ambientais. Neste contexto, o meio ambiente e a sociedade influenciam neste processo.

O termo do modelo da CIF é a funcionalidade, que cobre os componentes de funções e estruturas do corpo, atividade e participação social. A funcionalidade é usada no aspecto positivo e o aspecto negativo corresponde à incapacidade. Segundo esse modelo, a incapacidade é resultante da interação entre a disfunção apresentada pelo indivíduo (seja orgânica e/ou da estrutura do corpo), a limitação de suas atividades e a restrição na participação social, e dos fatores ambientais que podem atuar como facilitadores ou barreiras para o desempenho dessas atividades e da participação. A CIF é baseada, portanto, numa abordagem biopsicossocial que incorpora os componentes de saúde nos níveis corporais e sociais. Assim, na avaliação de uma pessoa com deficiência, esse modelo destaca-se do biomédico, baseado no diagnóstico etiológico da disfunção, evoluindo para um modelo que incorpora as três dimensões: a biomédica, a psicológica (dimensão individual) e a social. Nesse modelo cada nível age sobre e sofre a ação dos demais, sendo todos influenciados pelos fatores ambientais (FARIAS e BUCHALLA, 2005, p.1)

Nesta dissertação, não pretendemos nos aprofundar nos estudos da CIF e de seus efeitos nas práticas cotidianas em relação à pessoa com deficiência, talvez este seja um estudo importante, mas que no momento não iremos alcançar. Entendemos que a

publicação da CIF se configura como um passo importante nos debates da questão da deficiência, podendo agora incluir nesta discussão mais elementos, tirando-a, desta maneira, de um reducionismo biomédico de destino incapacitante.

Tal documento e suas indicações sobre a necessidade de incluir mais elementos na definição do que é deficiência e na avaliação do que conta para a funcionalidade ou incapacidade de pessoas com alguma lesão ou diferença corporal, vem ao encontro com aquilo que presenciamos no cotidiano do IBC. Os encontros com pessoas cegas no Instituto Benjamin Constant vem mostrando que o estar cego não pode ser definido única e exclusivamente pelo não ver, pela perda da funcionalidade do órgão da visão, não se define de forma individualizada centrada no corpo biológico. Percebemos que muitos elementos entram para compor o estar cego, elementos díspares e heterogêneos e os efeitos das ordenações destes elementos nem sempre desembocam em uma existência deficiente.

Interferências

Do Tornar-se cego à definição de um Objeto

Em um espaço de experimentações e muitas descobertas, a cegueira e o corpo se enlaçam. Arlequim corria com os amigos da escola, via seu programa favorito na televisão, aprendia a ler a tinta¹⁵ e jogava futebol. O cegar entra em cena e é neste exato momento que o mundo toma outras formas. Formas

¹⁵ No IBC há uma separação quanto à forma de alfabetização dos alunos. Quando o aluno é alfabetizado a tinta, significa que ele possui acuidade visual suficiente para ler por meio dos olhos a impressão à tinta. Já aqueles que não possuem acuidade visual para ler por meio dos olhos são alfabetizados a Braille.

desconhecidas e estranhas. Ações cotidianas e esquecidas ganham relevo. E agora? Neste ano, Arlequim repetiu na escola, pois, necessitava aprender o Braille. Os amigos videntes¹⁶, aos poucos vão sendo substituídos pelos amigos cegos, já que acompanhar os primeiros vai ficando cada vez mais difícil. As aulas de teatro também não são mais as mesmas, é preciso inventar outra maneira de se localizar no palco: ao invés dos olhos; as mãos, os ouvidos e tudo mais que possa ajudá-lo a circular por aquele lugar, antes tão conhecido e agora não mais. O corpo de Arlequim parece estar se atualizando em relação a esta nova realidade, mãos à frente do corpo para tentar antecipar aquilo que não pode mais ser visto pelos olhos. Um novo universo se abre e com ele uma série de questionamentos, sentimentos e transformações. Na escola especial para cegos caminha Arlequim, o desequilíbrio torna-se presente e junto com ele, esbarrões e trombadas. Pedir ajuda para encontrar a sala de aula do primeiro horário. Tenta decorar o caminho para que amanhã possa voltar: virar à esquerda, no corredor onde o chão é feito de madeira, depois à direita, logo em seguida, procurar o chão coberto de cimento e se não encontrar, está perdido. O menino agora cego depara-se com um lugar nunca antes ocupado. Um curioso espaço em que seu corpo não mais vidente, ainda não se tornou cego. Territórios existenciais antes estabelecidos já não servem mais e os novos ainda não estão construídos, um estado de suspensão, criação e tensão se fazem presentes. Qual será o percurso de Arlequim na invenção de um novo corpo, que se apresenta em latente transformação diante da recém cegueira? O menino, assim como o personagem da Comédia Dell'Arte, é irreverente e questionador, suas palavras e ações estão sempre a colocar em suspensão o que está estabelecido. Quando dizem para ele que não é possível jogar

¹⁶ Utilizaremos, nesta dissertação, o termo “vidente” para falar daqueles que enxergam.

“queimado”¹⁷ na escola, rapidamente consegue uma bola para mostrar o contrário. Quando não entende algo que está sendo falado, logo avisa que é cego e que é preciso explicar melhor. Em seu percurso do tornar-se cego dois referenciais se apresentam: um dado pelas verdades pré-estabelecidas construídas acerca do “ser cego” - referencial incapacitante recheado de assistencialismos e verdades biomédicas - e outro, imanente, a sua experiência de “estar cego”-onde encontra suas impossibilidades, mas também suas possibilidades e invenções. Uma tensão se apresenta entre o que está estabelecido e a experiência de Arlequim. A cegueira para este menino introduz uma nova ótica em seus padrões corporais/existenciais, abalando-os. É neste ponto que o menino Arlequim, com sua cegueira “Arlequinal”, torna-se inventor de si mesmo, de seu corpo e de sua existência¹⁸. A própria cegueira também é reinventada a cada momento, diálogo a diálogo, encontro a encontro. Um estado de criação se faz presente, novas normas¹⁹ vão sendo elaboradas, criando assim, um corpo singular.

¹⁷ Em uma Oficina de Experimentação Corporal realizada pelo projeto de iniciação científica já citado, uma participante com baixa visão diz para Arlequim que cegos não podem jogar queimado. Queimado é um jogo de bola, em que times opostos arremessam a bola com a intenção de tocar algum adversário, para que este saia do jogo. Arlequim discorda desta afirmação, apresentando a alternativa da bola com guizo aliada à sensibilidade auditiva para se localizar. Na semana seguinte, Arlequim não comparece na Oficina e fica jogando bola no pátio, em frente à janela da sala onde é realizada a Oficina.

¹⁸ O codinome Arlequim foi escolhido para nomear o menino por dois motivos. Um deles diz respeito à personagem Arlequim da comédia da Dell arte, teatro popular de rua nascido na Idade Média, na Itália, difundido posteriormente na França e que baseava suas performances no improviso. O personagem Arlequim é irreverente e questionador, características que encontramos no menino. O outro motivo baseia-se no manto de Arlequim, metáfora utilizada por Michel Serres (1993) em seu livro “Filosofia Mestiça: o terceiro instituído”, no qual aponta que a produção de conhecimento e a aprendizagem se constroem por meio da mestiçagem ou seja, através de uma mistura que se faz por caminhos diversos, inesperados e desconhecidos utilizando elementos variados. A aprendizagem e a produção de conhecimento se fabricam, tal como o manto de Arlequim, como uma composição descombinada que ao se compor gera algo inédito: o que o autor chama de “o terceiro instituído”. No tornar-se cego do menino Arlequim observa-se que o cegar se entrelaça com a sua vida criando, assim, um modo de existir totalmente inédito.

¹⁹ Utilizamos aqui o conceito de norma desenvolvido por Canguilhem (2002) que afirma que a criação de normas é intrínseca a cada ser vivente e que por isso, não existe um estado normal que abarque todas as possibilidades de vida. “[...]A norma de vida de um organismo é fornecida pelo próprio organismo, e está contida na sua existência”(CANGUILHEM,2002, p.232). O autor afirma a vida como possibilidade de diferir e que diante das variações do mundo, o ser vivente vai criando normas para estar neste mundo. A patologia, segundo Canguilhem (2002) não reside na diferença e sim, na incapacidade de criação de novas normas de existir.

O encontro com Arlequim se deu em um período onde a baixa visão que possuía estava em pleno processo de virar cegueira, este foi o nosso primeiro contato com uma pessoa que estava cegando. Acompanhamos Arlequim durante quase quatro anos e neste tempo nos chamou atenção os reajustes, as invenções, as negociações, os arranjos e rearranjos desta rede que formava sua existência. Pudemos ir acompanhando o modo como o recente cegar pôde ir sendo incluído na vida de Arlequim, construindo ao mesmo tempo uma nova versão do modo existente Arlequim e novas versões para o significado de cegueira. Muitos elementos contavam neste arranjar desta nova existência.

Pudemos ir compreendendo que a cegueira não pode ser definida como algo estático, uma identidade transcendente, percebemos que o estar cego, que o cegar é mais um processo que nunca cessa de se processar do que um estado, algo estático, que uma vez alcançado, ganha unidade e consistência.

O conceito de rede nos ajudará a pensar a cegueira como processo. A noção de rede que utilizamos aqui se refere a uma composição formada por séries de elementos heterogêneos, animados e inanimados, conectados e agenciados, elas se definem pelas conexões que estabelecem. As entidades que a compõe sejam naturais ou sociais, podem a qualquer momento redefinir sua identidade e suas mútuas relações, trazendo novos elementos e organizações. (MORAES, 2004)

De nosso ponto de vista, há uma estreita relação entre os conceitos de rede, proposto por Latour (1994) e o de rizoma, proposto por Deleuze e Guattari (1995). Parece-nos possível afirmar que o rizoma é uma das bases filosóficas do conceito de rede. Deleuze e Guattari (1995) apresentam alguns princípios que definem o rizoma. O

princípio da multiplicidade que diz que o rizoma é composto por uma rede de elementos múltiplos e variados, retirando-se de uma ordem dialética polarizada que promove a existência de dicotomias como sujeito e objeto, natureza e sociedade, entre outros. Princípio de conexão e heterogeneidade, segundo o qual qualquer ponto pode se conectar a qualquer outro ponto da rede. Por definição, nenhum ponto do rizoma é privilegiado em relação a outro, um rizoma tem, pois, múltiplas entradas.

Em um rizoma há linhas de segmentaridade, segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, mas compreende também linhas de desterritorialização que desestruturam a organização produzindo variação, criação e diferença (Deleuze e Guattari, 1995). O rizoma está em constante movimento. Segundo Deleuze e Guattari, o rizoma não segue nenhum modelo estrutural e por tanto, para acompanhar seus movimentos, há que se fazer uma cartografia, ou seja, um acompanhamento de perto de como as redes que o formam vão se traçando, se configurando, que elementos o compõem.

Diferente é o rizoma, mapa e não decalque. [...] O mapa se opõe ao decalque por estar inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real [...] O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social.”(DELEUZE e GUATTARI, 1995, p.22)

A filosofia mestiça, proposta por Serres (1993), é também uma importante referência filosófica para o conceito de rede. O filósofo desenvolve a idéia de que a rede é ontológica, ou seja, de que a realidade é um efeito de um processo de produção

complexo no qual os termos são segundos e a relação é primeira. A filosofia mestiça de Serres (1993) é marcada por uma prática híbrida e por isso se afasta do pensamento moderno no qual o dualismo, o reducionismo e a causalidade ordenam o mundo. Para Serres (1993), o mundo se ordena não pela relação de causa e efeito e sim pelo processo de bricolagem, onde elementos díspares se conectam e se arranjam formando deste modo a realidade, as relações dualistas, como por exemplo, as de causa e efeito seria um produto de rede e não o contrário. Não pretende, assim, estudar a realidade pela invariância e sim por suas variações, por suas mestiçagens.

Interferências

Atônito o público não sabe mais se deve calar-se ou rir. De fato a roupa do rei anuncia o inverso do que ele pretende. Composição descombinada, feita de pedaços, de trapos de todos os tamanhos, mil formas e cores variadas, de idades diversas, de proveniências diferentes, mal alinhavados, justapostos sem harmonia, sem nenhuma atenção a combinações, remendados segundo as circunstâncias, à medida das necessidades, dos acidentes e das contingências, será que mostra uma espécie de mapa-mundi, o mapa das viagens do artista, como uma mala constelada de marcas? O lá fora, então nunca é como aqui. Nenhuma peça se parece com qualquer outra, nenhuma província poderia jamais ser comparada com qualquer outra, e todas as culturas diferem [...]. (SERRES, 1993, p.2)

Para Serres (1993) a ciência ocidental, fruto do pensamento moderno se estruturou de forma a negar a variância entendendo que para estudar a realidade é

preciso utilizar a pureza, o rigor e a objetividade excluindo, portanto o lugar do mestiço, do híbrido. Em nome de uma verdade única, a ciência moderna exclui a diferença, fazendo proliferar a intolerância, a discriminação e a violência.

Toda a sua filosofia é marcada por essa conclusão e afirmação da rede, um lugar mestiço, adquire seu pleno sentido frente a ela, uma filosofia cujo princípio não se encontra na purificação, mas na mestiçagem; uma filosofia, portanto, que acolhe a diferença e faz dela o seu objeto; uma filosofia em fim cujo lema não é a violência, mas sim a tolerância. (MORAES, 2000, p.19)

Baseado na Filosofia Mestiça e nos estudos da Ciência em Ação²⁰, Bruno Latour desenvolve a Teoria Ator-Rede (TAR), segundo a qual a rede de atores fala de um plano de conexões heterogêneas a partir do qual emergem igualmente as ciências, a sociedade, instituições, conceitos, crenças, religiões e etc. As entidades das quais ela é composta podem a qualquer momento redefinir sua identidade, suas mútuas relações, sua forma de ordenamento por meio da conexão de novos elementos. Deste modo, uma rede de atores é simultaneamente um ator, cuja atividade consiste em fazer alianças com novos elementos, e uma rede, capaz de redefinir e transformar seus componentes. (MORAES, 2004).

Segundo Latour (2008), ator ou actante se define como qualquer pessoa, instituição ou coisa que tenha agência, isto é, que produza efeitos no mundo e sobre ele. Ator aqui, não se confunde com o ator de teatro que representa um personagem e é necessariamente um humano. Para Latour (2008), um actante é caracterizado pela

²⁰Os trabalhos de Latour fazem parte de um amplo campo de estudos chamado de Estudos de Ciência, Tecnologia e Sociedade, o qual ganha força a partir dos anos 80 do século XX (MELO, 2007).

heterogeneidade de sua composição, ele é uma dupla articulação entre humanos e não humanos e sua construção se faz em rede.

Deste modo, Arlequim é um Ator-rede, ele é ao mesmo tempo ator das redes com que se conecta - como por exemplo as redes desta pesquisa, do IBC, de sua família, do lugar onde mora, das aulas de teatro, entre outras - e ele mesmo uma rede. Podemos dizer que Arlequim é o efeito emergente de uma rede, rede heterogênea, em constante movimento, rede rizoma, tal como nos apresenta Deleuze e Guatarri (1995) com dimensões estratificadas e dimensões abertas ao processo de desterritorialização, de criação, de abertura a novas conexões. Quando o cegar entra em cena, este que também é ao mesmo tempo ator e rede, se conecta as redes que produzem a vida de Arlequim, propondo um movimento de reestruturação necessário, um movimento criador e gerador de modos de existir.

Um grande movimento reestruturador de sua existência se processa na vida de Arlequim, ele pode ir se conectando com elementos díspares configurando um intenso processo de bricolagem, processo singular de criação de sua existência e ao mesmo tempo de um dos possíveis significados do cegar, o cegar se apresenta propondo novos processos de criação, tanto para Arlequim como para o próprio cegar. Arlequim foi se conectando por muitas vezes com uma cegueira deficiente, paralisante, que o fez sentir raiva e revolta, mas também pode ir se conectando com um processo de invenção de estar no palco, de como jogar queimado, processo de criação de um novo corpo, uma nova forma de equilibrar-se, de se locomover, novas conexões com o ouvir, com o sentir, com o cheirar, conexões com uma certa irreverência aos modos estabelecidos de entender o estar cego como deficiência. Arlequim com o seu cegar *arlequinal* entra em

um fluxo criador potente, gerador de movimento, de novas possibilidades para si e para o entendimento do que a cegueira pode fazer existir.

Interferências

Falas de Arlequim

“ Usando a minha mão, usando a minha mão mesmo, botando a minha mão na frente para me desviar, seguindo a voz das outras pessoas, ou então eu peço uma pessoa para me ajudar”.²¹

“ Sei que alguém está chegando perto de mim escutando os seus passos, ou sentindo seu calor”.²²

“ Quando eu fiquei cego tudo mudou, foi a minha vida toda que mudou”.²³

“Eu não quero ser guiado, quero me mexer mais e não ficar esperando alguém me ajudar”.²⁴

“Eu sou cego, não pode me dizer para ali ou para lá, desse jeito não consigo me localizar, tem que dizer esquerda e direita”.²⁵

Cego pode jogar queimado?

Daise: “ Poderíamos fazer nossas oficinas ao ar livre”.

Suzana: “A gente podia jogar queimado”.

Daise: “ Jogar queimado é injusto, ela enxerga, então não pode jogar com quem não enxerga”.

Arlequim: “ E o guizo, serve para quê?”.

Daise: “ Cego só brinca de queimado porque alguém guia ele”.

²¹ Arlequim, quando perguntamos como faz para se locomover no palco em 18/04/05.

²² Diário de campo, 25/04/2006.

²³ Diário de campo, 30/03/2007.

²⁴ Diário de campo 13/04/2007.

²⁵ Diário de Campo 20/04/2007.

Arlequim: “Eu não quero ser guiado. Ser guiado não é legal, as pessoas dão um sentido de pena quando guiam e isso é horrível. Quero me mexer mais e não ficar esperando alguém ajudar”.

Daise: “Tem que bater palmas e chamar pelo nome do cego para ele conseguir jogar queimado”.

Arlequim: “Tem um outro jeito de jogar queimado, fica um de frente para o outro e usamos a bola com guizo”.

Daise: “Mas como vai jogar? Queimado tem que correr”.

Arlequim: “Existe um novo jeito de jogar queimado”.

Daise: “O Moisés se guia pela voz dos outros que vão chamando durante o jogo”.

Jorge: “Mas isso acontece em um jogo comum, pois todo jogo de queimado a gente grita mesmo e aí o cego vai pelo grito do outro”.²⁶

Baseados nos encontros com Arlequim entramos em contato com a questão central desta dissertação de mestrado. Assim como Arlequim, muitas pessoas passam pelo processo de tornar-se cego, portanto nosso interesse se configurou em acompanhar processos de cegar e em sua singularidade, ir colhendo que efeitos existenciais e corporais foram sendo produzidos, acompanhar os diferentes reordenamentos produzidos em redes cujo cegar passou a ser um ator importante. Acompanhamos tanto os efeitos existenciais, como os diferentes significados do estar cego que são fabricados nesse processo.

Utilizamos aqui a palavra colher no sentido de colheita e não no sentido de coleta. Coleta nos apresenta uma dimensão de extração de dados e colheita nos fala de um plantio prévio, como nossa idéia foi de intervir e ao mesmo tempo acompanhar o

²⁶ Diário de campo 13/04/2007.

cegar, entendemos que fizemos uma colheita de narrativas, abordaremos adiante os modos de intervenção que utilizamos.

Nesta dissertação propomos entender o cegar como um acontecimento²⁷, um acontecimento bifurcante, capaz de reordenar as conexões que estão em ação. Dito de outro modo, um desvio em um certo percurso existencial, que produz como efeito necessário o desencadeamento de um processo de criação de modos de existência. Entendemos este acontecimento como um vetor de subjetivação, como uma oportunidade de criação de novos modos subjetivos.

Segundo Guattari (1992) a subjetividade não pode ser entendida como uma representação ou como uma identidade, ou seja, algo que existe no interior de um indivíduo, a essência do indivíduo. O autor nos fala de subjetividade não como algo que temos e que nascemos com ela e por isso imutável, mas sim como produção. Para ele, o modo sujeito de existir, por exemplo, é uma produção que pode ser localizada com o surgimento da modernidade. Para o autor, a produção subjetiva cria territórios existenciais que fabricam modos de estar e agir no mundo. Ele propõe uma concepção transversalista de subjetividade que compreende ao mesmo tempo as suas amarrações territorializadas, idiossincráticas (territórios existenciais) e suas aberturas para sistemas de valor (universos incorporais) com implicações sociais e culturais.

A lógica da produção subjetiva é uma lógica de produção em rede, na qual as conexões são anteriores aos termos, ou seja, aos territórios desenhados. Nesta lógica, como já dito, diversos elementos heterogêneos fazem parte desta composição “ [...] A consideração dessas dimensões maquínicas de subjetivação nos leva a insistir, em nossa

²⁷ Definimos acontecimento por aquilo que promove uma relação de ruptura com o que está estabelecido (FOUCAULT, 1984), dito de outro modo, como o que produz um reordenamento em uma rede de atores.

tentativa de redefinição, na heterogeneidade dos componentes que concorrem para a produção de subjetividade” (GUATTARI,1992, p.14).

Neste caso, o estar cego como deficiência, como falta, lesão, incapacidade é apenas um dos possíveis modos subjetivos de criação a partir do acontecimento do cegar. Nesta dissertação investigamos que possibilidades existenciais podem ser ordenadas a partir deste acontecimento, nosso foco não é a perda,²⁸ mas sim, uma certa dimensão positiva do perder. Entendemos que no cegar não é só algo que se perde, mas também há algo que se ganha, apostamos nos ganhos oriundos de um processo criativo que se inaugura no cegar, como na história de Arlequim, novas maneiras de existir tiveram que ser criadas, pois, as antigas não davam mais conta de sua existência sem a visão. Apostamos em um processo criativo potente, no qual existem ganhos; ganhos de potência, de criatividade. Propomos, portanto, uma nova maneira de se colocar o problema da deficiência visual especialmente em relação à perda da visão.

Arlequim, ao entrar em contato com a cegueira, pôde processar modos potentes de existência, modos de reinvenção de si, do mundo, da cegueira, modos que pouco se conectavam com a incapacidade. Entendemos que este modo *arlequinal* de produção subjetiva é singular ao processo de Arlequim, portanto a positividade que atribuímos ao cegar não significa que este acontecimento necessariamente desemboca sempre em processos potentes. Caso afirmássemos isso, estaríamos cometendo o equívoco de entender o estar cego como uma identidade, mas uma identidade que se definiria pela vertente do “ser sempre potente”. Nesta dissertação, não pretendemos entender o cegar a priori nem como deficiência, nem como potência. Por isso, interessa-nos colher as

²⁸ Não desconhecemos o fato de que a perda da visão é um acontecimento que gera angústia e sofrimento. No percurso desta pesquisa, essa dimensão da cegueira se fez presente em vários momentos, o que relataremos mais adiante. No entanto, o que afirmamos é que a perda não é a única forma pela qual ocorre o cegar.

narrativas daqueles que cegam, porque nelas e por elas, podemos seguir as variações do cegar.

Afirmamos o cegar como um acontecimento desencadeante de reordenação da rede e por isso de criação de modos subjetivos, tal criação pode ser potente ou não potente.

A produção maquínica de subjetividade pode trabalhar tanto para o melhor como para o pior [...] tal evolução maquínica não pode ser julgada nem positiva nem negativamente, tudo depende de como for sua articulação com os agenciamentos coletivos de enunciação. O melhor é a criação, a invenção de novos universos de referência [...] (GUATTARI, 1992, p.15)

Interferências

Composições de uma deficiência

Nesta manhã o ritual realizado todos os dias há quase dois anos se repete. Candeia acorda e é guiado por sua mulher até o banheiro, a roupa já prontamente separada por ela, que havia acordado uma hora antes, é entregue para que ele possa se trocar. Após a higiene matutina, Candeia novamente é guiado pela mulher até a cozinha, onde o café e o pão torrado, lambuzado com manteiga, já estão prontos. A mulher o senta na cadeira e então lhe entrega o pão e o café. No final da refeição, Candeia grita: “Amélia, onde está você, mulher, que não está ao meu lado!!! Quero ir até o sofá!!!” E prontamente, já perdendo a conta de quantas vezes realizou aquela tarefa, a mulher de

Candeia leva seu marido até o sofá. No sofá, Candeia passa o dia e levanta apenas para ir ao banheiro ou fazer uma refeição. Tudo se repete dia após dia. Antes de ficar cego, este senhor de setenta e dois anos era motorista de táxi e sambista de primeira. Durante a semana passava seus dias em outra poltrona, a de seu táxi, levando e trazendo passageiros de todos os lugares. No entardecer da sexta-feira, a festa já começava, pegava a sua dama e corria para o samba onde dançava, bebia e cantava por horas a fio. Além disso, adorava jogar futebol e nunca perdia o jogo no terreno baldio a duas quadras de sua casa. Foi em um destes incansáveis sambas que a cegueira se pré-anunciou. Embalado pelo som de pandeiros e tamborins, Candeia ocupa todo o salão rodopiando sua companheira Amélia. No marcar do compasso, com Cartola e Noel Rosa, uma escuridão tomou conta do salão. Era cedo ainda para o samba acabar, pensou. Com o passar do tempo, a luz não voltou, mas o samba continuou. Candeia parou de dançar. Este foi o primeiro aviso de uma cegueira que logo chegaria definitivamente, oriunda da soma de um glaucoma nos olhos e diabetes, até este momento desconhecidos. Após incansáveis tratamentos e diversas cirurgias, a cegueira se instalou. Esta notícia soou nos ouvidos de Candeia como uma constatação de que não poderia mais rodar pela cidade com o seu táxi e nem com sua mulata no salão. Como o piscar dos faróis, no sofá o corpo estacionou. Se não podia mais dirigir e nem dançar restava se sentar na sala e ouvir a televisão. Os sons dos carros indo e vindo na rua adentravam pela janela, fustigando os ouvidos acostumados a ouvir tal sinfonia do banco do motorista, e não do sofá. A imobilidade tomou conta de seu corpo, como se este tivesse se tornado aquela mobília tão utilizada para eventuais descansos e que agora virou modo de vida. Um modo de vida que se confunde com a imobilidade do sofá. Candeia não quer se

levantar, tem medo, está triste. Para ele, a surpreendente cegueira começa a territorializar-se como sinônimo de imobilidade: se não pode dirigir o táxi, também não pode se mover. A cegueira entra em cena e junto a ela, uma estranha articulação se enraíza em seu corpo, denunciada pela marca deste no antigo sofá. A falta de movimento faz com que suas pernas já envelhecidas e cansadas fiquem sem força e desequilibradas. Um círculo vicioso se instala, quanto menos Candeia se movimenta, menor é sua capacidade de se mover. Candeia não quer se levantar, tem dificuldades de achar o caminho do banheiro e o da cozinha também, tem vontade de esbravejar, de reclamar, de acusar, mas com quem? Quem seria o culpado de sua cegueira?²⁹

O nosso encontro com Candeia aconteceu no IBC nas Oficinas de Experimentação Corporal. Candeia explicita um modo recorrente de criação a partir do cegar, tal modo se traduz por conexões que reafirmam as formas tradicionais de entendimento da cegueira como uma deficiência.

Candeia, a partir do cegar e de um modo muito singular, passa a se articular com um processo imobilizante reduzindo, desta forma, seu campo de conexões a um universo restrito de agenciamentos. O não ver para Candeia é incorporado ao seu universo de conexões como falta, déficit, incapacidade, não-movimento. Este ator-incapacitante encarnado pelo recém cegar produz um reordenamento da rede-Candeia

²⁹Narrativa criada a partir do encontro com Candeia no IBC. Candeia é aluno da reabilitação do IBC, setor onde começamos a trabalhar em 2008 e onde passamos a oferecer a Oficina de Experimentação Corporal. Esta narrativa é parte de artigo a ser publicado futuramente em livro sobre deficiência visual, que é um dos produtos gerados pelo Projeto de Pesquisa Práticas Artísticas e Construção da Cidadania entre Deficientes Visuais, apoiado pela Faperj e coordenado por Virginia Kastrup e Marcia Moraes. O artigo Composições do não ver: contando histórias, de autoria de Moraes et al será publicado em Moraes e Kastrup, 2010.

fazendo com que vínculos importantes de sua vida fossem quebrados, interrompendo, deste modo, o vínculo com o táxi, com os passageiros, com os amigos, com a rua, com o samba, com sua esposa na roda de samba, com o bar, com sua mobilidade, entre outros. Tais vínculos foram desconectados, sem possibilidade, a princípio, de serem reordenados a partir de um processo de criação potente. O estar cego, deste modo, se reafirma como falta, como um acontecimento que gera ruptura de agenciamentos sem possibilidade de reconstrução. Candeia passa a se conectar, então com o sofá, com sua esposa que de mulata no salão de samba, toma o lugar da visão perdida.

Candeia e Arlequim são dois efeitos possíveis de criação a partir do cegar. No percurso de nosso trabalho, acompanhamos muitos outros efeitos, muitos outros reordenamentos a partir deste acontecimento. Efeitos que, cada um ao seu modo, ora colocam o cegar como produtor de falta, incapacidade necessária, ora como uma oportunidade de criação de novas formas potentes de existir, produtoras de intensos processos de invenção de si e de mundos.

A cegueira [...] não deve ser encarada pateticamente. Trata-se de um outro modo de vida e de mais um dentre os tantos estilos de vida dos homens. Há certas vantagens em ser cego. Das sombras, recebi alguns presentes. Devo-lhes o anglo-saxão, meu escasso conhecimento do islandês, o prazer de tantas linhas, versos e poemas; a elas devo também um livro que escrevi e intitulei, não sem certa falsidade ou arrogância, 'Elogio da Sombra'. (BORGES, 1987, p 174).

Esses modos que chamaremos aqui de modo deficiente e modo potente, não são exclusivos um em relação ao outro, ou seja, não queremos dizer aqui que ou se vive uma deriva criadora potente em relação ao cegar ou se vive um modo deficiente em

relação ao acontecimento da perda da visão. Os arranjos que tornam o cegar um processo deficiente ou um processo potente são locais, singulares e precários, ou seja, a todo momento se organizam e se desorganizam. É importante salientar que estes modos que definimos como potente e deficiente, não são para serem entendidos como identidades, pois as organizações de redes potentes ou deficientes são singulares a cada processo, são múltiplas e diferem de si.

A proposta de nosso trabalho de pesquisa é acompanhar os efeitos do acontecimento do cegar, o que conta e o que não conta para a produção de deficiência ou de potência e mais do que isso, queremos intervir nesse processo. Intervir nas redes que se articulam com o acontecimento do cegar para que esta experiência bifurcante possa assumir uma deriva criadora potente, geradora de seu próprio movimento. Nossa tática de intervenção será abordada no próximo capítulo.

Como já apresentamos, em nossa dissertação propomos uma nova maneira de se colocar a questão do estar cego retirando-o do lugar de deficiência necessária e fazendo aparecer as múltiplas possibilidades, criações e recriações a partir deste acontecimento. Entendemos o estar cego como um ator-rede e, portanto, não como um objeto de estudo estático que pode ser definido de antemão. O objeto deste estudo se define e se recria de acordo com as muitas redes que se conecta e por isso é preciso acompanhá-lo.

Entendendo que este objeto é uma rede, ou seja, que o cegar se produz através de redes, podemos dizer que nosso objeto de estudo é ao mesmo tempo objeto e processo de produção. Dito de outro modo, a cegueira que queremos acompanhar possui dimensões estratificadas e territorializadas, mas também possui sua dimensão de produção, de abertura para a criação.

Como apresentado a especificidade deste objeto que trabalhamos é que ele é ao mesmo tempo objeto e processo de objetificação, ele é produto e ao mesmo tempo processo de produção. Como pesquisá-lo? Quais são as implicações metodológicas de tomar o objeto como rede, como processo?

A partir do modo como queremos recolocar a questão do estar cego e da especificidade deste objeto-processo, deste objeto-rede, dois fios se abriam como caminhos de investigação desta pesquisa.

Um metodológico, pois tomar o objeto como rede implica necessariamente colocar em questão o ato de conhecer, que por sua vez também é um integrante desta rede. Trataremos disso no próximo capítulo.

E o outro fio que se abre é em relação ao lugar, significado e importância do corpo no acontecimento de cegar. Se por um lado tivemos que elaborar um método para lidar com nosso objeto-rede, por outro lado, temos que criar também um novo entendimento para o que chamamos de corpo. Dizemos isso, pois, este não será somente uma materialidade fisiológica que abriga e sustenta a tese biomédica de que a diferença corporal, no nosso caso a cegueira, é necessariamente uma deficiência incapacitante. Tomar a cegueira como processo, ou seja, como cegar implica, sem dúvida, seguir as pistas já abertas pelos *Disabilities Studies*, isto é, a cegueira não se resume à falta da visão, não se restringe ao corpo tomado como solo e substrato do não ver. O cegar como processo nos leva a perguntar: qual é o lugar do corpo neste processo? O que é ter um corpo para aquele que passa pelo processo de cegar? Se não nos ocupamos das definições biomédicas da cegueira, nem tampouco dos diagnósticos médicos, de que corpo se trata então?

CAPITULO 2 - ANDANÇAS QUE PRODUZEM CAMINHOS: COSTURANDO UM MÉTODO

“Mas, encontrou alguma vez um pintor que começou a sua obra prima escolhendo as molduras?” (LATOURE, 2008, p.208). Latour (2008) em um texto no qual apresenta um diálogo entre um professor e um pós-graduando, aponta que não se começa a pintar um quadro pela escolha das molduras, da mesma forma que não se começa uma pesquisa encaixando-a de antemão em uma teoria ou método.

Neste capítulo temos como objetivo principal descrever a elaboração do método desenvolvido pela presente pesquisa. Latour (2008) adverte que o pesquisar é um processo cujos parâmetros não são definidos a priori, trata-se antes de construir o método durante o próprio percurso. Da investigação, a partir das pistas, questões, negociações e interesses que irão se configurando ao longo do processo de produção do conhecimento. Por isso, mais do que apresentar um método já pronto e constituído, gostaríamos de falar do percurso metodológico traçado, orientado por uma certa aposta metodológica que iremos descrever a seguir.

Percursos: Da especificidade do objeto

O interesse em iniciar a presente pesquisa de mestrado, se deu pela curiosidade de investigar e acompanhar pessoas que ficavam cegas, como apresentamos no capítulo anterior, logo fomos percebendo que para tal investigação teríamos que ressignificar o

nosso entendimento de cegueira, já que percebemos que esta não tinha sempre o mesmo significado para as pessoas que passavam a não enxergar mais. Cegueira não podia ser definida mais, por exemplo, somente pela falta da visão ou por uma lesão corporal que necessariamente gera incapacidade, como no já apresentado documento elaborado em 1980, o ICIDH.

Não podíamos mais definir cegueira, como se esta tivesse apenas um significado e como se pessoas que ficassem cegas tivessem o mesmo destino ou cursassem o mesmo percurso existencial. Dito de outro modo, o entendimento de cegueira como uma identidade, como um objeto estático não cabia, não era o caminho indicado pelo qual esse processo de pesquisa estava nos levando.

Interferências

Quando depois de algum tempo de pesquisa resolvi ler os diários de campo para sentir que impressões ficavam mais marcantes daqueles constantes encontros com pessoas recém cegas, me deparei com algo que já havia percebido, mas que neste momento, com a leitura dos diários, ficou mais claro e presente. Neste percurso conheci muitas pessoas recém cegas e o que mais me impressionou foi a diversidade de possibilidades de se tornar cego, para um, o estar cego em um primeiro momento se configura como sinônimo de imobilidade, para outro impossibilidade de estudar e sair de casa. Outra pessoa disse uma vez: “Ficar cega não é o problema, o problema é ter que parar de comer doce”, falou isso por conta da diabetes que, além de tê-la deixado cega, a impossibilitou de comer açúcar. Em uma conversa com uma mãe de um menino cego, ela falou

que a cegueira do seu filho significou a vida, pois foi com uma cirurgia para a extração dos olhos do menino, que ele se livrou de um câncer grave. Para a mãe, o cegar deu a seu filho a oportunidade de viver. Nesta pesquisa tenho encontrado muitas possibilidades e formas de compor o tornar-se cego.

O que foi nos chamando atenção, ao longo deste percurso, foi que mais interessante do que investigar a cegueira como um objeto estático, definido a priori, é investigar a maneira como o acontecimento da falta de visão vai compondo ao mesmo tempo o cegar e a cegueira. Como a passagem do ver para o não ver pode ir fabricando modos de existir e também, múltiplos significados da palavra cegueira.

Esta constatação nos levou a entender que nosso objeto de pesquisa possui uma especificidade que se traduz por um contínuo movimento, ou seja, por um constante processo de produção. O cegar é um acontecimento que se processa em rede fazendo com que a cegueira vá se compondo ao mesmo tempo em que caminha o processo de fabricação de modos de existir a partir dela. Possui, portanto, arranjos locais, singulares, precários e por isso, não generalizáveis. Deste modo, seguimos suas variações, seus diferentes ordenamentos.

O que significa tomar a rede, o processo, como objeto de estudo? Quais os efeitos metodológicos esta escolha produz?

Tomar o objeto como rede implica necessariamente colocar em questão o ato de conhecer, implica em construir um método que dê conta de um objeto que se caracteriza pela variação e pela sua dimensão não generalizável. Esta especificidade põe em questão o modelo científico moderno de produzir conhecimento pautado no positivismo e no racionalismo. Entender o objeto como processo, como rede, desmonta conceitos

básicos da pesquisa científica moderna como o de sujeito e objeto, neutralidade do pesquisador, generalização, verdade científica, entre outros.

Serres (1993) chama atenção para a possibilidade de construção de um conhecimento que possa estudar a realidade em sua dimensão complexa tal como ela se fabrica, um conhecimento que dá lugar ao mestiço, aquilo que não pode ser purificado e nem reduzido, isto é, aquilo que escapa aos ideais purificadores da ciência moderna, que tão fortemente marcaram a psicologia.

Que nos poderia exhibir agora o monstro comum, tatuado, ambidestro, hermafrodita e mestiço sobre a própria pele? Sim, o sangue e a carne. A ciência fala de órgãos, de funções, de células e de moléculas, para finalmente confessar: faz tempo não se fala mais de vida nos laboratórios, mas ela nunca se refere a carne que, precisamente, designa, num dado lugar do corpo, aqui e agora, a mistura de músculos e de sangue, de pele e de pelos, de ossos, de nervos e de funções diversas, que mescla aquilo que o saber pertinente analisa. A vida joga os dados e embaralha as cartas[...] (SERRES, 1993, p.5)

A presente pesquisa aposta na construção de um método que se afaste dos moldes científicos inaugurados pela modernidade, definindo como mote a ser pesquisado o cegar. Ao contrário do pensamento moderno, esta pesquisa desenvolve-se na tentativa de desenhar a rede de negociações à qual o objeto ou fenômeno, neste caso, o cegar, se encontra conectado dando conta de seu movimento permanente.

Neste capítulo, portanto, descreveremos o que pudemos construir como método para acompanhar as composições, arranjos e rearranjos com os quais nos deparamos

nesta investigação. Queremos descrever que critérios, que indicadores foram sendo necessários construir neste processo singular de pesquisa, descrever também as ferramentas fabricadas e as reflexões teóricas utilizadas. Lembrando que “[...]as ferramentas nunca são meras ferramentas feitas para se aplicar: sempre modificam as metas que tínhamos em mente” (LATOURE, 2008, p.208).

Percursos: Compondo um método

Interferências

Compor – criar

Compor – escrever

Compor – comportar

Compor – por junto

Compor – auto compor

Compor - acompanhar

A experiência da escrita é coletiva

A experiência de pesquisar
também é coletiva³⁰

Jonh Law (1992) aponta que “ o conhecimento é um produto social e não algo produzido através da operação de um método científico privilegiado[...]O conhecimento

³⁰ Reflexões durante aula de Seminário I, cursada no programa de Pós-graduação em Psicologia da UFF, em 1/2009, sob a orientação dos professores Eduardo Passos e Helder Pordeus Muniz.

pode ser visto como produto ou efeito de uma rede de materiais heterogêneos.” (LAW, 1992, p.2). A partir disso, entendemos que mais do que definir o conhecimento pela pergunta: ‘o que é conhecer?’, interessa-nos perguntar acerca do processo de composição de determinado conhecimento, ou seja, do que e como se compõe determinado processo de pesquisa? O que conta e é relevante num processo de conhecimento?

Investigar um processo tal como aponta Kastrup e Pozzana (2009), exige prestar atenção na diferença entre as duas possibilidades de significação desta palavra, uma que remete a idéia de processamento e outra a idéia de processualidade.

A noção de processamento evoca a concepção de conhecimento pautada na teoria da informação. Nesta perspectiva, a pesquisa é entendida e praticada como coleta e análise de informações. Os *inputs* devem ser processados a partir de regras lógicas, que são , na última análise as regras do método[...] Segundo as diretrizes do modelo computacional, que representam bem o cientista cognitivista, cabe colocar entre parênteses os fatores ditos extra-cognitivos, que abarcam tudo que o fenômeno possui de relação com a história, o *socius* e o plano de afetos. (KASTRUP e POZZANA, 2009, p. 58)

Distanciando-se portanto, da idéia de processamento, a dimensão de processualidade que a palavra processo compreende diz respeito ao fato das diferentes tarefas da pesquisa se caracterizarem por se sucederem sem se separarem. Dito de outro modo, nas pesquisas onde a processualidade se afirma, os diferentes passos destas se

fazem “como o próprio ato de caminhar, onde um passo segue o outro num movimento contínuo, cada momento da pesquisa traz consigo o anterior e se prolonga nos momentos seguintes”. (KASTRUP e POZZANA, 2009, p.59). Segundo as autoras, o objeto-processo necessita de uma pesquisa, também processo, na qual esta dimensão de processualidade está presente em todos os momentos, na colheita, na análise, na discussão dos dados e na construção do texto. Apresentam que o território ao qual a pesquisa pertence é portador de uma espessura processual que é “ tudo aquilo que impede que o território seja um meio ambiente composto de formas a serem representadas ou de informações a serem coletadas”. (KASTRUP e POZZANA, 2009, p. 62).

Na presente pesquisa adotamos a dimensão de processualidade apresentada acima. Tanto o próprio conhecimento como o campo a ser conhecido, objeto, pesquisador, pesquisa estão em constante produção, estão em estado de obra. Portanto, o que apresentamos neste trabalho é um recorte deste processo, um recorte que trás à tona os diversos atores desta composição, assim como as contradições, os conflitos, os enigmas e os problemas que surgiram neste caminhar.

Para tanto e a fim de fundamentar esta proposta, tomamos como aliados alguns autores que, no contemporâneo, propõem novos modos de conhecer e de pesquisar.

Em meados do séc. XX inauguram-se alguns estudos visando o questionamento dos padrões modernos de cientificidade. Bruno Latour , Annemarie Mol, Vinciane Despret e John Law, são alguns dos principais autores que se situam no campo da antropologia das ciências e que têm renovado o debate acerca do que é o conhecer.

A antropologia das ciências nasce na década de 80 com o intuito de fazer uma antropologia das ciências e das técnicas, interessa olhar para a ciência em ação, tal como o antropólogo olha, olhar a ciência como ela se faz, o que o cientista faz na prática [...] Na tradição científica inaugurada na modernidade, a produção de conhecimento sempre visa o universal, que são produzidas como efeito de uma racionalidade.[...]A antropologia das ciências que visa estudar a ciência em ação é diferente, pois sua aposta é questionar esta ciência clássica propondo uma ciência que é de natureza impura, procurando mesclar conhecimentos.(MELO, 2007, p. 170).

Bruno Latour (1994) afirma que jamais fomos modernos, indicando com esta afirmação que o conhecimento implica sempre um processo bastante heterogêneo de construção. Para o autor a purificação moderna, que separa sujeito de objeto, produz uma série de seres híbridos que não são pensáveis neste referencial binário. Seres que insistem em existir e que não cessam de escapar aos ideais de purificação modernos. Propõe que não há ciência neutra e sim uma grande rede híbrida de conexões e negociações que produzem o fato científico.

Segundo Latour (1997) interessa-nos acompanhar como se constituiu um fato científico, isto significa pensar e seguir como se formaram os regimes de verdade. Para isso é necessário colocar em cena as negociações e misturas necessárias a esta confecção.

[...] mas é a própria ciência que permanece em xeque nos domínios da multiplicidade, quando sua existência enquanto entidade única, coerente e universal dá sinais de sucumbir ante a

pluralidade das mais diversas práticas culturais. A ciência ou uma ciência?[...] (CUKIEMAN, 2000, p. 21)

Latour (2007) nos aponta que o conhecimento ocorre de forma encarnada, só sendo possível conhecer a partir de um engajamento prático, deste modo, o processo de pesquisa nunca é puro, ou seja, reduzido a suas partes elementares. O conhecimento científico é sempre um conhecimento articulado a uma rede, quanto mais o fato científico for articulado, mais real ele será (LATOURE, 2007). Latour (1997) aponta que a aplicação do processo de purificação em uma pesquisa nos dá como resultado um produto, já quando levamos em consideração todo o percurso, ou seja, a rede que gerou determinado conhecimento, incluindo todos os seus elementos heterogêneos, estamos lidando não com produtos e sim com processos.

Law (1992) mostra que a estrutura social, assim como as instituições e as verdades científicas são efeitos gerados em rede a partir das conexões de diversos materiais, porém, muitas vezes não tomamos consciência de tais redes que constituem determinado fato científico, instituição ou objetos. Tendemos a tomar o fato como um único bloco, como dado e não construído.

No capítulo anterior dissemos que rizoma é uma das bases filosóficas para a noção de rede. Num rizoma, como numa rede, há múltiplas entradas e não apenas duas entradas privilegiadas, como se supunha no pensamento moderno: ou se conhece o objeto pelo pólo da natureza, ou pelo pólo da sociedade. Latour (1994) tira daí conseqüências metodológicas importantes. Uma vez que o real é rizomático, é possível entrar em campo sem preconceber nenhuma distinção a priori, nenhuma porta de entrada como sendo a única via possível de acesso. O princípio de simetria, proposto

pelo autor, é o modo pelo qual se acompanha a construção de certos fenômenos. Trata-se de um princípio metodológico que não faz distinções apriorísticas entre os atores pertencentes a uma rede de produção de conhecimento, isto aponta para a recusa das distinções classicamente concebidas entre sujeito e objeto, social e individual, teoria e prática, científico e não científico. Latour (1996) apresenta, portanto que as distinções entre os diferentes atores da produção de conhecimento não estão dadas e sim são construídas de acordo com o próprio processo de conhecer, ou seja, são efeitos gerados a partir da forma como as redes se organizam.

Segundo Law (1992) as redes de produção de conhecimento fazem parte da rede sociotécnica ou sociomaterial e o modo como tais redes se organizam depende de um efeito relacional, ou seja, de como os pontos da rede se conectam, das negociações que estão em jogo. “A estrutura não é algo separado e independente como os andaimes em torno de um prédio, mas um local de luta, um efeito relacional que se gera recursivamente e se auto-reproduz[...] nenhuma versão da ordem social, nenhuma organização, nenhum agente chega a se tornar completo, autônomo, final.”(LAW, 1992, p.6)

Jonh Law (1992) apresenta que a ordenação de uma rede está sempre em movimento, nunca é definitiva, portanto as diferenciações entre sujeito e objeto de uma pesquisa, ou seja, de pesquisador e pesquisado não são fixas, estão o tempo todo em movimento, se restabelecendo.

Interferências

Vendados ficamos cegos?

O uso das vendas, em nossa pesquisa surgiu como uma possibilidade de igualar a experiência entre os participantes cegos e com baixa visão, pois percebíamos que em algumas atividades as experiências dos participantes cegos e dos participantes com baixa visão eram muito diferentes. Por outro lado, o uso das vendas por parte das pesquisadoras surgiu para que pudéssemos nos aproximar do universo do estar cego, pois, achávamos que utilizando as vendas poderíamos compreender melhor a realidade da cegueira e com isso, melhorar as instruções das atividades durante as Oficinas de Experimentação Corporal. Assim, determinamos que haveria sempre uma das pesquisadoras participando das atividades, e que esta usaria vendas durante toda a Oficina. A última experiência que tivemos com as vendas foi na Oficina do dia 30 de março de 2007. Nesta, a utilização da venda provocou uma intensa experiência de desestabilização da pesquisa. Se por um lado, a utilização das vendas por parte das pesquisadoras nos ajudou a retificarmos várias ações que por muitas vezes não eram compreendidas pelos participantes cegos, por outro lado nos fez repensar o nosso entendimento acerca da cegueira, repensar também o dispositivo “uso da venda” que utilizávamos, reestruturando, assim, o direcionamento da pesquisa e o nosso lugar enquanto pesquisadoras. Referimo-nos às questões trazidas por Arlequim integrante da oficina, no momento de discussão sobre a atividade do dia. Neste dia, a pesquisadora que participava da oficina (integrante mais nova da pesquisa) leva uma venda para tampar seus olhos, porque diz não conseguir permanecer muito tempo de olhos fechados e leva mais algumas vendas a serem distribuídas entre os participantes da Oficina que quisessem usá-las. A pesquisadora fala que está colocando a venda nos olhos e pergunta se mais alguém quer usar (dois integrantes que possuem baixa visão dizem que querem tampar os olhos). No

final da Oficina, uma das pesquisadoras pergunta a uma das alunas que quis usar as vendas o porquê dessa escolha, e ela responde que é porque quer ter a experiência de ser cega. Essa afirmação gera uma discussão no grupo sobre o que é a experiência de ser cego, tal discussão é protagonizada por Arlequim.

Falas de Arlequim a partir dos acontecimentos:

“Ficar de venda não é como ser cego, quando você fica cego você muda de vida”.

“O vidente coloca a venda e acha que sabe o que é ser cego, mas ele não sabe. Porque ele tira a venda e volta a ver. E eu? A venda que eu tenho nos olhos, quem é que vai tirar? Ela não sai, é para sempre”.

“É, mas não precisa colocar a venda para saber do cego. Se você quer saber do cego, pergunte a ele. Pergunte para mim que eu te digo como é. Se você falar vai para ali, ou para lá, eu vou dizer: para lá onde? Eu entendo isso tia, mas lá fora ninguém coloca venda, ninguém quer saber como o cego é. E eu tenho que viver lá fora”.

As falas de Arlequim produziram um grande reboliço na oficina, todos os participantes começaram a falar de suas experiências acerca da cegueira.

“Quando a gente não enxerga nada, a gente apura a pele toda”.

31

³¹ Pierrot, 17 anos, cego há dois anos.

“Só porque o olho é perto do cérebro, as pessoas acham que a gente tem problema na cabeça. Acham que a sua cegueira é mental”.³²

“Eu fico com raiva quando as pessoas falam ‘coitadinho do ceguinho’. Eu tenho vontade de dar um soco na cara da pessoa que diz isso”.³³

“Só porque você é cego as pessoas acham que podem colocar a mão em você, ficam puxando a gente, querendo ajudar a descer a escada. Eu não gosto que coloquem a mão em mim”.³⁴

Estas falas nos tiram do lugar, Arlequim ocupava agora o lugar de pesquisador, nos dizia o caminho pelo qual deveríamos orientar nossa pesquisa e mais, nos dizia também a maneira pela qual ele, como cego, gostaria de ser pesquisado. Mostrava-nos que a experiência da cegueira não se resume a fechar os olhos.

Em nossa pesquisa compreendemos que os lugares de pesquisador e de pesquisado são fruto das relações que constantemente se produzem no momento da pesquisa. A partir do relato acima percebemos a fragilidade do ordenamento de uma rede, já que ela se caracteriza pelo seu constante movimento. Segundo Law (1992), o ordenamento de uma rede é um processo precário, ou seja, frágil e por isso não há “a ordem” de uma determinada rede, com um único centro ou um conjunto único de relações estáveis, ao contrário há ordens, no plural, que estão em constante movimento.

³² Pierrot, 17 anos, cego há dois anos.

³³ Pantaleão, 13 anos, baixa visão.

³⁴ Colombina, 16 anos, baixa visão.

Este constante movimento da rede e suas configurações precárias, porque mutáveis, se estabelecem a partir das conexões que se produzem entre os diversos componentes da rede e também a partir das resistências que surgem nesse processo.

Latour (2007) propõe como pista metodológica importante seguir as resistências ao processo de pesquisar, o que ele chama de recalitrâncias, as quais produzem desvios, redirecionamentos no pesquisar. Segundo Latour (2007), para que uma investigação se torne interessante é preciso que os pesquisadores sigam as recalitrâncias, que são os principais indicadores que nos apontam se estamos fazendo as perguntas mais interessantes. Deste modo, a recalitrância é uma das principais pistas que ajudam a decidir qual caminho a pesquisa deve seguir. Latour (2007) diz que os laboratórios em ciências sociais explodem muito pouco, pois, estamos lidando com humanos e segundo o autor, eles fazem pouca resistência às perguntas realizadas nas pesquisas, ou seja, muitas vezes eles respondem exatamente aquilo que os pesquisadores querem ouvir. O autor propõe que deixemos os nossos laboratórios explodirem mais, ou seja, que coloquemos em risco nossas questões, para que assim, as boas perguntas, que são aquelas que produzem conexões fortes, que de algum modo movimentam a rede, que fazem proliferar as conexões, a heterogeneidade de uma rede, possam aparecer (LATOURE, 2007).

Na narração acima, as falas de Arlequim inauguraram uma recalitrância. Quando ele nos aponta que aquele não é o melhor jeito de pesquisar o estar cego, está produzindo uma resistência ao entendimento de que o cegar é apenas fechar os olhos, nos dando uma pista interessante de como esta questão deve ser investigada. Por meio de sua fala, nos apontou que para pesquisar o cegar deveríamos mudar nossa questão, a partir deste momento a pesquisa sofreu um desvio, pois, a boa questão não era mais: o

que é o cegar? E sim, que mudanças corporais e existenciais são realizadas no processo de cegar?

Masini (1994) e Belarmino (2004) apontam que a pessoa cega percorre caminhos singulares e distintos na construção da percepção de mundo em relação às pessoas que vêem. A partir daí, percebemos que a aproximação com o campo da cegueira não se faz pela ambição de uma igualdade, mas pela possibilidade de positivarmos as diferenças, as singularidades, sem com isso deixar de criar um mundo comum³⁵. Arlequim, por meio de sua fala afirmava sua diferença em relação às pessoas que vêem e indicava modos possíveis de encontro entre cegos e videntes.

Arlequim também nos apontou uma outra importante questão, que nos ajudou no redirecionamento da investigação “ Se quer saber do cego pergunte a ele[...]”. Com esta recalitrância, Arlequim nos apresentou outra pista³⁶ que nos direcionava, agora, a investigar o cegar por meio do recolhimento de narrativas, ou seja, uma indicação que nos direcionava a investigar o cegar, a partir da experiência de estar cego ou de se tornar cego. Com esta pista nos dizia também que cada cegueira é singular, que cada processo é um processo, retirando, assim, a cegueira de um lugar tradicionalmente concebido como algo dado. Deste modo o estudo do processo de cegar é singular e local e não universal e geral.

Os teóricos da antropologia das ciências também chamam atenção para o caráter local e singular de todo processo de conhecimento. Local e singular, pois é fruto de uma produção específica, ou seja, segundo conexões que se produziram em determinado ponto da rede. Isto significa dizer que a produção de conhecimento não gera uma verdade universal, aplicável de forma geral. Latour (2007) afirma a existência das

³⁵ Abordaremos melhor esta expressão mais adiante. A concepção de mundo comum está em Latour (2007, 2008).

³⁶ Desenvolveremos o conceito de pista adiante.

generalizações científicas, porém, entende que as generalizações se dão em forma de contágio. Aponta que uma produção de conhecimento singular e local pode, por meio do contágio, contaminar outras redes de conexões e assim produzir diferença, ou seja, um rearranjo destas outras redes.

Segundo o autor, a generalização produzida a partir de determinado processo de conhecimento, longe de se caracterizar como algo que pode ser aplicável aos mais variáveis contextos, tem como característica principal, a capacidade que esta produção tem de gerar mais e mais articulações por onde passa, ou seja, para Latour as boas generalizações permitem conectar largamente diferentes fenômenos e então gerar um arranjo inesperada modificando o destino destas redes por onde se conecta. Por isso, Latour afirma que o que se generaliza é o contágio, isto é, a generalização se dá na medida em que determinado processo de conhecimento é capaz de se conectar e produzir rearranjos por onde passa.

Boas generalizações são as que permitem relacionar fenômenos muito diferentes, criando assim mais reconhecimento³⁷ de diferenças inesperadas através do envolvimento de poucas entidades nas vidas e destinos de muitas outras; as más são aquelas que, porque conseguiram obter tanto sucesso localmente, tentam produzir uma generalidade, não através da relação com novas diferenças, mas antes desqualificando como irrelevantes as diferenças restantes. (LATOURE, 2007, p. 53)

³⁷ No texto original em inglês Latour utiliza o termo “recognition”. No contexto da citação, o termo não está atrelado ao sentido clássico de re-cognição, apontado por Deleuze e outros autores para indicar uma forma de conhecimento pautada na representação, no re-conhecimento de unidades dadas de antemão. No sentido proposto por Latour, as boas generalizações são aquelas que produzem mais e mais articulações, fazendo proliferar as diferenças.

Entendemos que o acontecimento acima narrado se configurou como uma importante indicação a ser seguida por este processo de pesquisa. Por meio da recalcitrância de Arlequim, algo ali se produziu: inúmeras conexões, todos na oficina começaram a falar sobre a sua experiência de estar cego e de como há uma certa versão do cegar – “o coitadinho do ceguinho” - que atravessa os seus cotidianos. Para nós, era como se falassem por meio de uma polifonia de vozes: “Este não é o jeito que a cegueira deve ser entendida, parem e escutem o que os cegos têm para falar de suas experiências, não pré-concebam nossas experiências, venham nos consultar antes!” Esta polifonia de vozes configurou-se para nós como a emergência de um coletivo que, com toda a sua força, produzia uma resistência ao entendimento da cegueira como algo natural, dado e fruto de um simples não ver. Um coletivo forte que nos indicava que aquele caminho que estávamos tomando não era um caminho interessante, um caminho que potencializasse aquela rede. Por isso, esse acontecimento se configurou como uma pista importante a ser seguida.

Moraes (2008) aponta para o conceito de mal entendido promissor elaborado por Despret (1999). O mal entendido promissor acontece quando a partir de um mal entendido a pesquisa sofre bifurcações, variações, toma outros rumos. A partir da recalcitrância proposta por Arlequim, onde ele insistia que ficar cego não significa pôr uma venda, a pesquisa teve que fazer um desvio, portanto, o mal entendido gerado pelo uso das vendas foi promissor no sentido de que produziu uma recalcitrância, criando, deste modo novas versões para a pesquisa desenvolvida. O mal entendido é promissor quando coloca em risco a nossa observação, os nossos modos de interrogar o outro e nesse sentido é positivo, pois, é vetor de transformação e não variáveis a serem controladas, purificadas. A partir do acontecimento narrado pudemos transformar tanto

os nossos modos de conhecer, quanto às versões sobre o que é o cegar, o que é intervir para esta pesquisa. Desse modo, aquilo que interrogamos não é um simples objeto passivo a ser investigado e sim aquele que fornece as suas questões ao pesquisador.

Percursos: algumas táticas³⁸ criadas e definições necessárias

Nossa pesquisa ocorre no IBC principalmente no Setor de Reabilitação³⁹, que atende pessoas que ficaram cegas ou que estão em vias de perder a visão. O Setor de Reabilitação oferece às pessoas que o procuram aulas de Braille, aulas de Orientação e Mobilidade, onde se ensina o uso da bengala para a locomoção; aulas de Atividade da Vida Diária, onde técnicas sobre a vida diária, como se vestir, cozinhar e limpar a casa são ensinadas, entre outras. Por conta de nossa intenção de acompanhar o processo de cegar, encontramos no IBC um lugar propício para o encontro com estas pessoas recém cegas ou em vias de se tornar cegas.

A principal tática criada para pôr em prática nosso objetivo foi a construção de uma atividade de intervenção que intitulamos de Oficina de Experimentação Corporal. Esta Oficina é oferecida duas vezes por semana aos alunos do setor de reabilitação do IBC⁴⁰. Tais oficinas têm o objetivo de promover experimentações corporais que de

³⁸ As palavras estratégia e tática se diferenciam uma vez que a estratégia é uma formulação prévia de um olhar que observa e por isso antecipa sua ação. Esse saber é ancorado em poderes estabelecidos. Já a tática é uma ação elaborada e feita de acordo com os acontecimentos, cada tática é elaborada a partir do movimento do campo e por isso pode ser modificada ao longo do processo. “As táticas aparecem no meio da rede de poderes estabelecidos criando modos singulares de luta, saber mudo – poder errante. Mudo porque insinua-se entre as palavras. Errante porque opera desvio e desaparece sem deixar rastro. Operar taticamente equivale a extrair a dimensão única daquilo que nos acontece, enquanto que, a operação estratégica fabrica modelos de ação.” (KNIJNIK, 2009 p. 52). Nesta dissertação preferimos utilizar a palavra tática, pois é a que mais se equivale ao modo de operar desta pesquisa.

³⁹ Quando iniciei esta pesquisa de mestrado, o projeto de pesquisa da qual este trabalho é uma vertente, não estava mais realizando suas investigações na escola do IBC e sim no setor de reabilitação desta instituição. Por isso digo que a maior parte do trabalho de campo foi realizado no setor da reabilitação do IBC.

⁴⁰ Os alunos da Oficina têm entre vinte e setenta e seis anos, em geral são pessoas que ficaram cegas há menos de dois anos ou que estão ficando cegas, há também dois alunos cegos congênitos. Utilizamos a

algum modo coloquem em questão os padrões corporais estabelecidos por aqueles que participam da Oficina. Por meio de atividades que envolvem a experimentação de materiais, a consciência corporal, a dança, o equilíbrio, a atenção, noções de espaço, o contato, dramatizações, criação e sensibilização corporal, o grupo participante da Oficina é levado a experimentar e se deparar com seus corpos e com a possibilidade de recriá-los, de reinventar a si mesmos, assim como as suas experiências de cegar, possibilitando, desta forma, a criação de outras conexões a partir destas experimentações. Neste processo, a própria cegueira também tem a oportunidade de ser recriada, afirmando deste modo seu caráter de produção.

Por que uma Oficina de corpo? Porque, como dissemos, se o cegar é um processo, ele é um processo que ocorre encarnado, é situado. E o que nos interessava era justamente investigar este processo pelo meio, como Latour (2008) propõe, isto é, investigar este processo em ação. Salientamos que o modo como entendemos o corpo está longe das definições da anatomia. Compreendemos, aqui, corpo como produção, como fruto da conexão de diversas redes múltiplas e heterogêneas, ou seja, compreendemos corpo como um efeito e não como essência, ou substância. O conceito de corpo utilizado nesta pesquisa se distancia do corpo máquina, criado pela modernidade. Segundo Latour (2007), o corpo não é um objeto isolado e por isso, ter um corpo é aprender a ser afetado, efetuado, deslocado. Para este autor ter um corpo é ser constantemente posto em movimento por meio de conexões com elementos os mais díspares e heterogêneos. Por isso, uma Oficina de Experimentação Corporal seria uma arena na qual o corpo poderia ser afetado, tocado, movido por diferentes elementos, por

definição de cegueira congênita para aqueles que nasceram ou que ficaram cegos antes dos cinco anos de idade.

diferentes atores. Variações do corpo, variações do cegar: eis o que nos interessava seguir⁴¹.

A criação das Oficinas de Experimentação Corporal vem ao encontro da noção de corpo estabelecida por Latour (2007). Por meio destas, pretende-se criar interferências que produzam um reordenamento das redes que efetuam os corpos presentes na Oficina, possibilitando, desta forma, a emergência de suas potencialidades criadoras. A Oficina funciona, portanto, como um dispositivo para que novas formatações da rede possam ser efetuadas. É preciso sublinhar que o objetivo não é direcionar as recriações e sim estimular e deste modo recolher as produções singulares e criativas de cada corpo. Corpo, neste contexto, pode ser entendido pelas múltiplas redes presentes na Oficina, como os corpos dos participantes, o corpo que compõe os diversos significados da cegueira, o corpo da pesquisa e até mesmo, o corpo que compõe o setor de reabilitação e o próprio IBC. Mapearemos estes corpos no capítulo 3 desta dissertação.

Com isso, não pretendemos afirmar que a Oficina seja o único lugar onde tais criações potentes acontecem. Por certo, elas existem em muitos outros lugares. No entanto, nesta dissertação, a Oficina de Experimentação Corporal é tomada como um lugar de intervenção e de acompanhamento das reinvenções da experiência do cegar. É importante sublinhar que o modo como cada rede presente na Oficina será tocada ou não pelas propostas e acontecimentos deste espaço é singular e por isso, o plantio se dá sem saber ao certo como será a colheita e que frutos serão recolhidos.

⁴¹A noção de corpo será melhor desenvolvida no próximo capítulo.

Outras composições

Entramos em contato com Candeia logo no início da criação das Oficinas de Experimentação Corporal, em março de 2008. Após ter ficado quase dois anos em casa no sofá, por insistência da mulher e de amigos, Candeia vai até o IBC e se matricula no setor de reabilitação. Neste momento, mais atores começam a participar da rede que compõe a sua vida e sua cegueira, pois, se incluíam agora, o IBC, o sair de casa, o ônibus que teria que tomar, as pessoas que passou a conhecer, oficinas que começou a frequentar, entre outros. A ligação entre seu corpo e o sofá de sua casa, neste momento, começa a se enfraquecer. Neste período, Candeia estava com muita dificuldade de andar, grande falta de equilíbrio e sentia dores por todo corpo. Chegou até a Oficina de Experimentação Corporal por meio de sua professora de Orientação e Mobilidade que lhe encaminhou nos dizendo: “Candeia precisa de um trabalho prévio, deste jeito não é possível aprender a se locomover com a bengala, ele mal tem equilíbrio para andar sem a bengala, imagina com? Não tem força nas pernas e o pior, não se levanta do sofá de sua casa para nada, se ele continuar assim não dá, já falei para ele... ele precisa se mexer, se não, quando ele quiser se mexer não vai dar mais!!!”. Ficamos assustadas com aquele relato aterrorizador e que diagnosticava o futuro de Candeia. Na primeira Oficina de Experimentação Corporal percebemos sua enorme dificuldade

de se locomover, além disso, precisava de ajuda para se sentar e levantar do chão e não conseguia sentar em roda, sem que tivesse a parede para lhe apoiar as costas. Em nossa primeira conversa no final da Oficina, Candeia nos fala: “O que eu procuro no IBC é andar melhor, minhas pernas estão fracas e desequilíbrio muito, mal consigo andar dentro de casa.” Com esta fala percebemos que de alguma forma, algo diferente da conexão entre cegueira e imobilidade se processava em sua vida, Candeia queria andar. Nas Oficinas seguintes decidimos começar por um trabalho com os pés, já que eles são um dos responsáveis pelo equilíbrio e pelo andar. Não só Candeia falava de desequilíbrios ao andar, outros participantes da Oficina disseram que depois que perderam a visão, o equilibrar-se ficou muito difícil. Quando pedimos para fazer uma massagem nos pés, Candeia nos disse: “Faz duas semanas que eu não toco o meu pé.” As Oficinas foram se seguindo e com o passar do tempo fomos começando a perceber que Candeia estava diferente, ficou muito à vontade na Oficina, conversava com todos e percebia e experimentava seu corpo. Em uma Oficina que trabalhamos com vários tipos de elásticos, pedimos para que eles experimentassem em seus corpos a propriedade do esticar do elástico, Candeia nos disse: “Gostei do trabalho com o elástico, ele movimentou muito nossos corpos”. Parecia que algo diferente estava se processando em sua vida, estava com gosto por se movimentar. Em outra Oficina, chegou contando que no dia anterior havia saído com seu neto para caminhar. Candeia parecia estar fazendo novas redes e reconstruindo um corpo. Uma vez nos disse: “Quando a gente fica cego a gente vira criança novamente, tem que aprender tudo de novo. Quando a gente vê a gente sabe uma teoria, quando ficamos cegos é preciso aprender outra teoria”. Percebíamos que novas “teorias” estavam em pleno processo de fabricação, teorias criadas a partir

de um processo intenso de produção, no qual Candeia podia experimentar suas possibilidades, fazer novas conexões e rearranjos das redes que teciam a sua vida. Com o passar do tempo percebíamos Candeia mais seguro e com vontade de descobrir as potencialidades de seu corpo. Em uma Oficina, trabalhamos com os apoios, partes do corpo que tocam o chão e sustentam o corpo, fizemos vários tipos de experimentações que incluíam a percepção dos apoios necessários para levantar e descer ao chão, dos apoios necessários para caminhar, experimentamos vários caminhos possíveis para subir e descer ao chão. Neste mesmo dia, Candeia constatou: “Tenho o joelho fraco de tanto jogar futebol, para eu subir do chão preciso apoiar minhas mãos, elas sim me dão firmeza para levantar” Candeia estava criando novas possibilidades de movimento, novas possibilidades para si, novas possibilidades para seu corpo. No final do ano de 2008, quando fazíamos um balanço das atividades daquele ano e nos despedíamos para as férias de janeiro, Candeia fala: “Se paramos de nos movimentar começamos a enferrujar[...] Hoje em dia estou fazendo mais coisas, me sinto mais leve, tô com vontade até de jogar futebol.” E prosseguiu “Eu trabalhava com o público, não tenho visão, mas tenho orientação. Pelo andar do ônibus, pelas curvas que ele faz, sei onde estou. É um fenômeno. A nossa mente é que nos carrega. Não fiquei rico na minha situação financeira, mas fiquei na minha saúde. Tenho minha mulher, meus filhos, então estou bem. Fiquei muito surpreso com um amigo que me ajudou”. Com estas falas, Candeia nos dizia acerca de como vinha reconstruindo as conexões entre seu corpo, a recente cegueira e a mobilidade. Apontava-nos outras possibilidades de conexão da sua vida com, por exemplo, a saúde, com a sua capacidade de orientação e as novas descobertas acerca de seu corpo e de como

poderia se locomover. Sua cegueira, agora, passara a ter outras conexões que não só com a imobilidade e o sofá de sua casa.

As Oficinas de Experimentação Corporal têm funcionado, portanto, como um espaço-laboratório para inúmeras experimentações. Percebemos que a partir destas experimentações alguns rearranjos se produzem. Os acontecimentos narrados a partir de Candeia explicitam o papel do dispositivo criado de fazer emergir aquilo que escapa do modelo incapacitante e deficiente, associado ao acontecimento da cegueira.

Assim, marcamos esta Oficina como uma ação de intervenção. A Oficina de Experimentação Corporal, além de ser um dispositivo criado para o acompanhamento das possíveis recriações e reinvenções da experiência do tornar-se cego, é também um espaço de intervenção no sentido de que propomos ações no intuito de produzir um estranhamento que de alguma forma desestabilize a ligação entre o cegar e a deficiência e o déficit.

Segundo Despret (2004) em um processo de construção do conhecimento há uma afetação mútua, no qual pesquisadores e pesquisados ao mesmo tempo afetam e são afetados, dito de outro modo, na produção de conhecimento, ambas as partes se fabricam e se tornam outras a partir daquele processo. Para ela, nem o pesquisador, nem o pesquisado são neutros e toda produção de conhecimento diz de uma transformação, de uma criação de mundo e de modos de vida.

A autora afirma que em um trabalho de pesquisa é preciso que se construa uma disponibilidade de todas as partes que compõem aquela rede, uma disponibilidade para ser afetado e afetar e mais, uma disponibilidade para vir a ser outra coisa, para uma transformação. Tal disponibilidade para a afetação se constrói a partir do que ela chama

de crença que “ é o que faz as entidades 'disponíveis' aos eventos.”(DESPRET, 2004, p. 122).

Despret (2004) chama atenção para a diferença entre “estar disponível” e “ estar dócil”. Atender a expectativas, estar disponível à crença ou interesse de outros não é obedecer a estas expectativas ou crenças. A autora completa dizendo que podemos diferenciar o estado dócil do estado disponível observando a capacidade e possibilidade de resistência daqueles que estão sendo pesquisados. Em um dispositivo docilizante o pesquisado não encontra meios de resistir, de ser recalcitrante às perguntas que lhe são feitas. Neste caso, as hipóteses do pesquisador são confirmadas e o que a elas resiste é marcado como variável estranha, como algo a ser controlado. Já em um dispositivo produtor de disponibilidade, existe a oportunidade do pesquisado mostrar quais são as perguntas mais interessantes a serem feitas a ele, isto é, as perguntas que o fazem ser mais articulado, isto é, as perguntas que o fazem diferir. Comentando acerca dos dispositivos de pesquisas com animais, Despret (2004) abre importantes reflexões acerca dos dispositivos de pesquisa com humanos. Segundo a autora:

O contraste entre um cientista que conta com a disponibilidade tanto do instrumento quanto do animal, e um cientista que requer docilidade (este cientista sendo ele mesmo dócil aos pré-requisitos recebidos da ciência) pode ser traduzido através de um outro contraste: o contraste entre a maneira de dirigir-se ao sistema, de um lado, como alguém que toma cuidado, como alguém interessado em seu possível vir a ser, e de outro, como um juiz ou um mestre. No primeiro caso, o animal é que articula o sistema, no outro, é o sistema que articula o animal, que apenas tem de mostrar como ele obedece às leis. Nós encontramos evidência deste contraste quando nós observamos

como um animal pode resistir ao que se espera dele.
(DESPRET, 2004, p.124)

No trabalho com o grupo da Oficina procuramos construir o dispositivo de maneira que ele possa ser interrogado e questionado. Não pretendemos trabalhar com a docilização e sim com o cultivo da disponibilidade visando uma construção que é coletiva e que produz efeitos no corpo da pesquisa como um todo e isto inclui todos os seus atores.

Na narrativa acima, o dispositivo da Oficina pode fazer uma colheita que falava da questão mobilidade/imobilidade, porém, muitos outros efeitos são recolhidos, efeitos que dizem respeito mais a determinado participante do grupo, ou do grupo como um todo, efeitos que colocam a própria pesquisa em xeque, efeitos que nos fazem modificar as perguntas que estão sendo feitas.

Por isso as atividades que se realizam nas Oficinas são construídas junto com os seus participantes levando em conta os eventos, as questões, os impasses que marcam o cotidiano destas pessoas que perderam a visão. Assim, como pesquisadores seguimos as pistas que nos são dadas sobre como propor novas intervenções e que questões são mais interessantes. As Oficinas são planejadas de forma imanente, passo a passo, seguindo as linhas e as pistas que o próprio grupo fornece.

Como já apresentado na interferência “Vendados ficamos cegos?” muitos efeitos são recolhidos a partir das Oficinas e é comum que esses efeitos questionem a própria pesquisa, os pesquisadores e os caminhos que estamos tomando. Por isso entendemos que esta pesquisa é uma construção coletiva, um processo de co-construção no qual todos os atores são partes ativas desta produção. Portanto, apostamos que o trabalho de

campo não se faz sobre o outro e sim com o outro, assim, não pesquisamos sobre aqueles que ficaram cegos e sim com eles. É este coletivo que fabrica as suas questões.

É, antes de tudo, um problema de levantar questões mais interessantes que permitam respostas mais articuladas, e, conseqüentemente, identidades mais articuladas. É uma questão epistemológica. Além disso, definir crenças, expectativas como disponibilidade a uma 'afetação' que ao mesmo tempo cria eventos e é criada por eles, pode também nos ajudar a superar a grande repartição que resulta da 'vontade de fazer ciência'. Com a noção da 'disponibilidade', os sinais que correspondem ao mundo e os que correspondem ao sujeito são redistribuídos de uma nova maneira. Ambos são ativos e ambos são transformados pela disponibilidade do outro. Ambos são articulados pelo que os outros 'fazem-no fazer'. (DESPRET, 2004, p. 125)

Outras táticas também foram criadas no sentido de complementar as experimentações corporais propostas pelas Oficinas. Falamos aqui, por exemplo, do espaço de fala disponibilizado no final de cada Oficina para que todos explicitem suas experiências e outras experiências que gostariam de ter. É neste espaço que muitas vezes ocorrem debates em torno do que é estar cego, trocas de experiências acerca de estratégias cotidianas para lidar com a nova realidade, sugestões para os próximos trabalhos da Oficina e outros.

Outra tática realizada é construção de diários de campo produzidos semanalmente após cada Oficina. Nos diários de campo descrevemos as atividades propostas, os acontecimentos e falas que consideramos importante, registramos

impressões, afetos acerca daquilo que acompanhamos naquele dia de trabalho. Durante as Oficinas há sempre um dos pesquisadores responsável por tomar notas. Posteriormente os diários são construídos coletivamente já que são lidos e debatidos pelo e com o grupo da pesquisa.

Realizamos, ainda, entrevistas semi estruturadas com alguns participantes da Oficina. Tais entrevistas têm o objetivo de conhecer melhor a história dos participantes. Também entrevistamos os familiares para que assim possamos acompanhar as redes que compõem determinado corpo e que estão conectadas às Oficinas.

Tanto os diários de campo, como as entrevistas, as oficinas e os espaços de fala, se configuram como importantes táticas que muito têm nos ajudado a seguir as pistas que nos orientam no direcionamento da pesquisa e no acompanhamento das redes que se trançam.

Segundo Latour (2008) o trabalho de pesquisa realizado pela antropologia das ciências visa seguir as conexões que se estabelecem e que são as condições de possibilidades para que determinado conhecimento se produza. Neste trabalho, como já dito, temos como objetivo seguir as produções singulares do tornar-se cego, principalmente aquelas que escapam ao modelo que identifica a cegueira à deficiência, ao déficit. Mas o que deve ser seguido? Será que todos os acontecimentos da Oficina assumem caráter de pista? O que dá a um acontecimento o estatuto de pista?

Em resposta a essas questões entendemos necessário definir o que em nossa pesquisa assume caráter de pista. Um trecho escrito por Latour e um acontecimento durante as Oficinas de Experimentação Corporal, nos ajudam a elucidar este tema. “[...] trata-se de seguir os vínculos que se estabelecem entre esses elementos que parecem

incomensuráveis. A TAR não decide o vínculo, ela segue o vínculo” (LATOURE, 2008,p.206).”

Interferências

A caminho das pistas

[...] Lá pelas tantas, a Oficina pega um caminho que se desvia do percurso por nós construído para aquele dia. Roberto⁴² faz uma pergunta: “Quanto tempo essa Oficina dura?” Esta pergunta nos pegou de surpresa. Roberto parecia querer saber em quanto tempo estaria liberado da Oficina, ou pronto corporalmente ou algo do tipo. Estranhamos de imediato esta questão. Candeia responde que essa Oficina não tem tempo, ela é para sempre. Após pegarmos fôlego e sem entender direito o motivo da pergunta, também respondemos que não há um tempo pré-estabelecido, pois, entendemos que as experiências corporais são um trabalho contínuo e que não tem data marcada para terminar [...] Roberto começa a falar que tem muitas dificuldades de andar e se localizar no espaço. Diz que às vezes tem muito medo. Dá como exemplo, a dificuldade que é ir até a padaria perto de sua casa “não consigo decorar o caminho, os vizinhos já estão falando para a minha mãe não deixar eu ir sozinho para a padaria, pois, quando eu vou ver, estou perdido no meio dos carros e isso é perigoso!”. Logo, todos começaram a falar: Valéria diz que ele tem que fazer um mapa mental na sua cabeça e decorar o caminho “Ih mas ele nunca enxergou, como é que ele vai fazer?” fala Valéria. Alguém fala que ele tem que se localizar pelo meio fio, outro diz que o melhor é se localizar pelo muro das casas. Todos começam a dar suas opiniões, a falar

⁴² Roberto é cego congênito e tem por volta dos 40 anos.

junto, todos parecem ter uma história para contar ou uma dica para dar, parece que aquele assunto é interessante. Perguntamos a Roberto como cotidianamente ele faz para se localizar no espaço e ele diz que é decorando, que é tateando com a bengala no meio fio, diz que isso funciona no IBC e no percurso de ida e volta ao IBC “Eu já venho sozinho ao Benjamin, na primeira vez que vim, eu não contei para ninguém, só para um amigo que estava me dando força, se eu contasse para minha mãe ela não ia deixar. Foi emocionante! A partir daí eu sempre venho e volto sozinho. O problema é que perto da minha casa o meio fio não é muito bem definido e perto dos muros tem um monte de barraca. Outro dia mudaram de lugar o ponto de ônibus, aí quando eu vejo, estou perdido no meio dos carros” diz Roberto. Uma das coordenadoras da oficina pergunta “Você não escuta o barulho dos carros? Não tem ninguém para te ajudar a perceber as referências ao longo do caminho?” e ele responde “Aqui eu já aprendi a atravessar, pois o sinal daqui faz barulho e eu já identifiquei onde aperta o botão, mas lá perto de casa, não tem essas coisas”. Alguém fala que é preciso que ele crie algumas referências. Roberto diz que pediu para a sua ex-professora de Orientação e Mobilidade ir na casa dele para ensinar o caminho, mas ela está com dificuldade de ir lá. Questionamos se outra pessoa não poderia fazer isso e ele diz que não, que todos da sua família são muito ocupados e não sabem ensinar direito. Falamos que talvez fosse interessante não depender da Professora sempre que esta situação acontecesse e que talvez, ele precisasse ensinar às pessoas a lhe ensinar os caminhos. Candeia diz que vai à padaria sozinho e que já aprendeu o caminho, mas no meio da frase, se lembra que sua rua não é muito movimentada e que por isso pode ser mais fácil. Januario começa a falar da dificuldade que é os parentes ajudarem: “Por eles a gente morria, somos tratados como um entrave”, Valéria

diz: “Por eles nós nem saíamos de casa, acham que nós não podemos fazer nada, eu tive que insistir lá na minha casa, enfrentei a situação”. Pedro, confirmando a fala de Valéria, diz que os familiares não ajudam nem um pouco. A partir do momento que a Oficina se desviou, uma tensão se estabeleceu, ficamos em dúvida se voltávamos ao percurso original ou deixávamos aquele outro fluxo seguir. Pensamos: “Estamos só falando e o corpo? Esta Oficina não é de corpo, precisamos trabalhar o corpo” (Será que falar do corpo no cotidiano e das estratégias criadas, não é trabalhar o corpo?). Resolvemos deixar o fluxo seguir, afinal, esta é nossa proposta, seguir as conexões, os fluxos, as recalitrâncias, percebemos que aquelas falas, as discussões, a colocação de Roberto estavam sendo muito importantes para o grupo. Percebemos que as falas produziram algo no grupo, pois todos se implicaram com a questão, de algum modo, todos começaram a falar, dar sugestões, falar de suas experiências. Entendemos que aquele era um assunto importante, pois, produziu vínculo, produziu conexão. Aquele emaranhado de falas nos diziam que aquele acontecimento era importante, que devíamos prestar atenção nele, seguir o que ele estava nos mostrando.[...] No final daquele encontro, para amarrar melhor este acontecimento e continuar seguindo esta indicação, pedimos para os participantes sugerirem por onde deveríamos seguir com a nossa Oficina. Para a nossa surpresa Candeia falou que deveríamos sair na rua, ir até a Praia Vermelha para que pudéssemos ir testando este caminhar pela rua “Minha professora de Orientação e Mobilidade, nunca me levou na rua, acho que me achava incapaz e com as pernas fracas!”. Ficamos então de ir para a rua na semana que vem, mas combinamos que eles iriam nos ensinar como ensinar a eles a se localizar na rua e fechamos o acordo.⁴³

⁴³ Diário de campo da oficina do dia 13 de abril de 2009

Latour (2008) ao nos orientar a seguir os vínculos que parecem incomensuráveis, aponta que algo interessante de ser seguido tem a ver com uma certa produção de vínculo, de conexão. No acontecimento narrado, podemos identificar que Roberto, a partir de sua pergunta e do compartilhar de suas dificuldades em relação a localização na rua, promove naquele grupo um estranhamento e mais do que isso, um estranhamento que gera um efeito conectivo, identificado pelo fato de todos os participantes da Oficina começarem a falar sobre o assunto de modo intenso. Este acontecimento indica que existe algo importante no compartilhar das experiências acerca da locomoção, indica também que a localização é um assunto importante na experiência do tornar-se cego, fazendo-nos entender que tal pista deve ser seguida e investigada. Tal pista gera uma indicação do caminho para o qual deveríamos dirigir o nosso trabalho.

Definimos pista, portanto, como uma certa experiência recalcitrante, uma experiência que, como já apresentado, gera um estranhamento e que tem potência conectiva, ou seja, que desestabiliza a rede gerando novas e potentes conexões.

Nosso trabalho tem se configurado, portanto a partir da ação de seguir estes rastros que nos auxiliam a fazer perguntas mais interessantes e a acompanhar as produções singulares do cegar.

A pergunta do participante da Oficina “Quanto tempo a Oficina dura?” nos fez refletir sobre o estatuto deste dispositivo que montamos. Segundo Deleuze (1996) um dispositivo se traduz por um conjunto multilinear composto por linhas de naturezas diferentes que estão sempre em desequilíbrio, procuram produzir variação e por isso, não possuem contornos definidos. Nesta pesquisa montamos o dispositivo Oficina de

Experimentação Corporal com o intuito de produzir um espaço fértil para a criação de modos potentes do cegar, o objetivo era criar um ativador de redes potentes. Através do corpo e da arte pensamos em produzir desestabilização das redes que afirmam a cegueira como uma deficiência e deste modo, no limite com a arte e com o corpo, desencadear reordenações produtoras de novas possibilidades.

Chamamos este dispositivo de Oficina e não aula, pois a idéia era criar um dispositivo que não fosse descolado das redes que compõem a pesquisa, um dispositivo-processo. A Oficina de Experimentação Corporal é mais um nó da rede de produção desta pesquisa, de modos de cegar. A Oficina tem o objetivo de interferir nas redes que compõem o processo de cegar para que este se torne um processo potente, sendo ela mesma parte desta rede em processo de fabricação.

No entanto, neste ponto, é importante sublinhar o que nos parece ser senão um paradoxo, pelo menos um campo de tensão: não possuímos de antemão garantias de que a Oficina cumprirá o seu papel de ativador de redes potentes. Poderia, assim, como todo processo de criação, ir por um caminho despotencializador, já que este é um dispositivo que não possui um caminho definido e sim se fabrica de acordo com as pistas que colhemos. Por isso, o nome Oficina é uma proposta de abrir um campo criativo potente sendo ela mesma um processo de criação.

O que nos direciona no intuito de tentar fazer com que a Oficina não caia em um processo criativo despotencializador é um certo manejo que é imanente ao processo. Temos tentado construir uma certa sensibilidade para perceber se a Oficina está produzindo despotencialização ou potencialização do processo de cegar, porém não possuímos garantias a priori. O que temos percebido nesta tentativa de construir uma sensibilidade para perceber que tipo de criação está sendo produzida é que neste

processo o coletivo, o grupo é muito importante. Constantemente refletimos em grupo sobre os efeitos das atividades propostas e por muitas vezes após essas reflexões mudamos os rumos das propostas.

A pergunta de Roberto sobre quando a Oficina acaba e a conseqüente resposta de Candeia de que não acaba nunca, deixa transparecer este universo processual e de abertura de possibilidades sem um desfecho definido, pois, o processo de abertura para a criação de redes potentes não tem um caminho determinado e nem um final pré-estabelecido e por isso não podemos dizer quando acaba e se acaba.

A pergunta de Roberto, além disso, também faz referência ao fato de que no IBC, a reabilitação tem o tempo marcado de três anos para se concluir, quando o aluno completa três anos como participante da reabilitação, automaticamente é entendido que está reabilitado, ou seja, treinado, readaptado, e por isso, a sua ligação com o setor se encerra. A pergunta de Roberto faz emergir uma questão importante, isto é, a Oficina está inserida no setor de Reabilitação, porém, opera longe de uma lógica adaptacionista de treinamento, de formatação, de volta ao padrão anterior de funcionalidade da pessoa que se tornou cega. Esta lógica adaptacionista parece ser uma forte vertente em muitas práticas de reabilitação. Com relação a isso, sublinhamos que a Oficina de Experimentação Corporal critica a concepção de reabilitação como uma busca incansável pela volta a norma. Nossa proposta é de abertura e não de fechamento, queremos fazer proliferar as conexões.

É como se, com essa pergunta, Roberto nos interrogasse “Vocês não reabilitam?” A pergunta de Roberto coloca o problema da reabilitação no campo da Oficina, o que nos levou a pensar que o reabilitar pode, de algum modo, comportar a abertura de possibilidades e não somente um treinamento para a volta a norma. Em

última instância Roberto nos forçou a pensar que a reabilitação pode também envolver um processo de abertura para modos potentes de não ver. Assim, começamos a perceber que no encontro da pessoa cega com as práticas de reabilitação que muitas vezes são práticas de treinamento/adestramento podem ocorrer desvios interessantes, variações, reinvenções do cegar. No capítulo seguinte faremos um mapeamento da Reabilitação no IBC e continuaremos a pensar a questão da reabilitação.

Percursos: o texto como laboratório e a produção de narrativas

Como construir um texto em que transpareça um modo de pensar e pesquisar que é encarnado? Como produzir um texto que dê conta dos movimentos, tensões e percursos? Podemos fabricar uma escrita acadêmica mobilizadora de afetos e de novas experiências?

Um dos desafios que se apresentam a esta dissertação fala da construção de sua escrita, uma escrita delicada e arriscada. Intencionamos fabricar um texto que dê conta da dimensão processual de seu objeto e do percurso trilhado.

Nesta construção queremos incluir as contradições, os conflitos, os enigmas e os problemas que restam em aberto, também são bem vindas as conclusões e inconclusões. Fazer do texto um laboratório, tal como nos aconselha Latour (2008), um espaço de experimentação, onde fiamos elementos diversos e variados. Para o autor, o texto é o laboratório das ciências sociais, é nele que experimentamos e é a partir dele que produzimos realidade, por isso é preciso construir um texto que afete, dito de outro

modo, é necessário que se construa um texto capaz de, por meio de contágio, produzir novas realidades, reestruturar as redes por onde passa.

Escolhemos para isso a produção de narrativas como uma das táticas de escrita do texto. Narrar implica em uma construção artesanal onde o narrador necessita ter a capacidade de intercambiar experiências (BENJAMIN, 1994). Este dá materialidade às inúmeras vozes que compõem determinada história e todo seu corpo está envolvido na narração, pois se trata de dar passagem a um conhecimento que é encarnado. Entendemos que esta forma de escrita é parcial, pois, o narrador escolhe o que vai narrar, é ele que costura a história em sua fala. “Ela (a narrativa) mergulha na vida do narrador para em seguida retirar-se dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador como a mão do oleiro na argila do vaso”. (BENJAMIN,1994, p.205).

Entendemos que este estilo de texto, por explicitar o processo, se compõe com o modo que escolhemos para construir esta pesquisa, pois nos ajuda a descrever o acompanhamento dos movimentos da rede da Oficina. As narrativas em vez de instituir a harmonia ou de apresentar um quadro imóvel e com o seu sentido fechado, resultam em um espaço de tensão, onde os jogos de força presentes são explicitados. Este modo de escrita, por narrar a experiência, tem a capacidade de abarcar a dimensão complexa, híbrida do campo e além disso faz proliferar as multiplicidades.

Nossa intenção é que por meio da narração das pequenas histórias possamos produzir interferências no modo como a cegueira hegemonicamente vem sendo entendida.

Mas existem outras possibilidades. Por exemplo, é possível cultivar histórias no plural, uma ao lado da outra. Se assim o fizermos, então produziremos várias narrativas menores - várias

chaves menores. Fazemos a multiplicidade. No caminho perde-se a grande história. Este é o custo: não temos a visão geral. Mas, ao mesmo tempo, criamos algo que não existia antes: interferências entre as histórias. [...] cultivar várias histórias uma ao lado da outra é alterar o caráter do saber e do fazer. É tornar o saber e o fazer complexo e múltiplo. Para usar um termo padrão, é ser descentrado. Se as narrativas que fornecem uma chave resultam em arborescências- estruturas de árvores com inícios meios e fins, onde tudo o que é importante se mantém coeso através de uma coordenação centralizada - , o contador de múltiplas histórias produz algo diferente. Produz redes rizomáticas que difundem por todas as direções elaborações e interações que se mantém coesas como um tecido de fibras. As interações são mais ou menos locais e heterogêneas . Suas especificidades podem ser investigadas. Em síntese, produz formas descentradas de se conhecer e que não são singulares.”(LAW apud CUKIERMAN, 2000, p. 24)

A proposta de Jonh Law é multiplicar as narrativas estabelecendo deste modo a possibilidade de diálogo entre a narrativa singular e a narrativa das multiplicidades. Para o autor há que se considerar a multiplicidade no sentido de tomá-la como mais do que um e menos do que muitos (LAW, 1992). Dito com outras palavras, não pretendemos apenas dizer que há uma pluralidade de modos de existir da cegueira. O que nos interessa é seguir os modos como se conectam os múltiplos modos de existir da cegueira. Trata-se, portanto, de fabricar um patchwork (LAW e MOL, 1995) no qual a costura, as linhas que ligam uma narrativa a outra, são ferramentas que nos permitem resistir à hegemonia de uma certa concepção de cegueira, justamente aquela que faz da cegueira um déficit (MARTINS, 2006a, 2006b, 2006b).

Percursos: Arrumando a mala para a viagem

O que é imprescindível colocar na mala para a viagem que esta pesquisa propõe? Para organizar o método construído junto a este trabalho propomos uma lista com itens caros a esse processo de produção, com o que nos pareceu ser de capital importância para o trabalho. Mas esta lista não pretende ser exaustiva, definitiva, rígida. Não é um protocolo a ser aplicado. Ela é como a nossa pequena caixa de ferramentas, que fomos aprendendo a usar junto com as pessoas com deficiência visual, que fomos montando, organizando, sempre de modo imanente, isto é, sempre em parceria com as pessoas com deficiência visual com quem atuamos ao longo destes últimos anos. São elas:

- **A produção de conhecimento se dá em rede.** O conhecimento implica sempre em um processo bastante heterogêneo de construção, este se dá em rede e por isso, conceitos como pesquisador e pesquisado, sujeito e objeto, fato científico, entre outros se constituem no próprio ato de conhecer e não anteriormente. Definimos nosso objeto como uma rede, um processo, deste modo, acompanhamos as redes que vão se fabricando.
- **Princípio de simetria.** Para acompanhar as redes que vão se compondo adotamos o princípio de simetria cuja idéia é que o pesquisador entre em campo sem pré-conceber nenhuma distinção a priori, sem que privilegie nenhuma porta de entrada como sendo a única via possível de acesso. Esta não é uma tarefa simples e por isso, é um exercício constante.

Necessita de reflexões cotidianas, há de se construir um corpo que esteja aberto a esta tarefa.

- **Seguir as recalcitrâncias.** Construir um dispositivo de pesquisa disponível a ser questionado, desviado, seguir com isso, as variações, os mal entendidos promissores. Utilizá-los como pistas que guiam o processo de pesquisa no intuito de produzir questões mais interessantes.
- **Pesquisar com.** Considerar aqueles que serão investigados como parceiros no processo de pesquisa, pesquisar com eles e não sobre eles. Investir na disponibilidade e não na docilidade dos participantes da pesquisa, interpelá-los por aquilo que sabem e não por aquilo que não sabem.
- **O texto como laboratório.** Construir narrativas no intuito de explicitar, no texto, o movimento e heterogeneidade da rede que compôs o processo de pesquisa. Fazer existir, por meio do texto, uma nova realidade que se generaliza por contágio e não pela lógica do universal.

CAPÍTULO 3 – COSTURAS QUE TECEM O CORPO: PERCORRENDO SUAS VERSÕES

Interferência

“ [...] Fui aprendendo com o corpo[...]

Manoel de Barros

corpo-deficiente, corpo-lesão, corpo-natureza, corpo-perda, corpo-falta, corpo-padrão, corpo-máquina, corpo-produção, corpo-benefício, corpo-imobilidade, corpo-treinado, corpo-reabilitação, corpo-IBC, corpo-teórico, corpo-pesquisa, corpo-passagem, corpo-oficina, corpo-experimentação, corpo-transgressão, corpo-território, corpo-encontro, corpo-afeto, corpo-fresta, corpo-cotidiano, corpo-desvio, corpo-criação, corpo-possibilidade, corpo-coletivo, corpo-variação, corpo-escrita, corpo-narrativa, corpo-cegueira, corpo-múltiplidade, corpo-rede, corpos....

Neste capítulo falaremos de corpo. Para isso voltaremos rapidamente a especificidade de nosso objeto de pesquisa, escolhemos um objeto-rede que enfoca a cegueira em sua dimensão processual, elaboramos para dar conta deste objeto um método que trabalhamos no capítulo anterior e agora, construiremos, na escrita deste

capítulo, um significado de corpo que possa sustentar a nossa proposta construtivista⁴⁴ para a compreensão da questão do estar cego. E por que falar do corpo?

A partir da modernidade, como já abordado, a questão da deficiência passa a ser um território do saber biomédico que baseia seus estudos acerca desta questão em indícios localizados no corpo fisiológico. Neste contexto, o corpo é o alicerce na natureza, isto significa que o corpo, resumido em sua dimensão física, material, é local privilegiado de verdades acerca do humano, ou seja, algo dado, pré-definido e portanto, imutável.

Como mencionado no capítulo anterior, o documento criado pela OMS nos anos 80, o ICIDH, que estabelece uma relação de causalidade entre as perdas ou anormalidades corporais (*impairments*), as restrições de habilidades provocadas pelas lesões (*disabilities*) e as desvantagens sociais que daí resultam (*handicaps*) deixa claro o papel do corpo físico como substrato da deficiência, como se este, somente pelo fato de ser diferente ou estar lesionado produzisse uma sentença sobre os efeitos deste corpo na condição humana.

Interferência

“Emília ficou cega logo depois de nascer. Ela nasceu pré-matura e por isso teve que ficar algum tempo na incubadora, o oxigênio mal regulado, causou a cegueira nela. Mas, na maternidade, ninguém me contou nada. Quando eu e Emília recebemos alta da maternidade, o médico falou para eu levar a minha filha em um outro médico e me deu um encaminhamento, ele não disse o porque eu deveria fazer isso. Quando cheguei no outro médico,

⁴⁴ Latour (2007) retoma a noção de construção para indicar que a realidade é construída. O autor afirma que quanto mais construído um fato, mais real ele será, problematizando assim a clássica oposição entre realidade e construção.

ele me disse que minha filha estava cega e que ela nunca iria andar ou comer sozinha e nem falar ou trabalhar, ia ficar igual a um vegetal e ela ia ser dependente a vida toda. Me desesperai”.⁴⁵

Se seguirmos a versão causal de deficiência presente no ICIDH somos levados a afirmar que a pessoa com deficiência visual irá, de modo inexorável, experimentar uma desvantagem social. A figura a seguir deixa claro esta relação de causalidade:

Figura 1⁴⁶

Corpo com lesões → **restrição de habilidades** → **desvantagem social**

A capacidade produtiva deste corpo com lesões, no enfoque do modelo biomédico, fica bastante comprometida. Segundo Diniz e Santos (2009), a partir de uma pesquisa sobre os critérios de elegibilidade para receber o Benefício de Prestação Continuada (BPC)⁴⁷, a avaliação de quem irá ou não receber tal benefício é feita principalmente por um médico perito que verifica se o candidato possui ou não capacidade para o trabalho.

Segundo os autores,

⁴⁵Entrevista realizada com mãe de uma aluna do grupo de teatro que acompanhamos no IBC em 2007.

⁴⁶ A figura apresenta a relação de causalidade estabelecida pela ICIDH. Descrição da figura da esquerda para a direita: caixa de texto onde se lê “ corpo com lesões” seguido de uma seta com a ponta voltada para a direita, seguido de outra caixa de texto onde se lê “ restrição de habilidades”, seguido de outra seta com a ponta voltada para a direita, e por último, seguido por outra caixa de texto onde se lê “ desvantagem social”.

⁴⁷O BPC faz parte da política de Assistência Social Brasileira regulamentado pela Lei orgânica da Assistência Social (LOAS) de 1993 que garante a transferência de renda mensal equivalente a um salário mínimo aos idosos e às pessoas com deficiência pobres. Para ser elegível e passar a receber o benefício, a pessoa com deficiência deve possuir incapacidade para o trabalho e ser pobre. (DINIZ E SANTOS, 2009).

O laudo de corpo deficiente elegível ao BPC não é um ato descritível e objetivo sobre lesões, mas um discurso moral sobre quais expectativas sociais não são passíveis de serem atendidas por determinados corpos. É essa incapacidade de adequação à norma do trabalho, definida por contraste ao ideal de sujeito produtivo, que se expressa na perícia médica ao incluir um indivíduo na proteção social (DINIZ E SANTOS, 2009, p. 20).

Podemos perceber que a avaliação do perito possui bases em um modelo normal de corpo para julgar se o corpo que se apresenta candidato ao benefício é elegível ou não. É com base na lesão corporal e no julgamento individual do perito, que é médico, libera ou não o recebimento do benefício. Percebemos então que o corpo biológico, isto é, o corpo que se define a partir da lesão ou da sua diferença, que se delimita pelos seus contornos físicos e fisiológicos, é ainda um ator determinante para a organização de redes bastante estáveis em que a deficiência produz incapacidades.

Outras concepções de deficiência estão mundialmente sendo construídas pautadas não só no modelo biomédico, mas também no modelo social da deficiência ou ainda no modelo biopsicossocial, como é o caso do documento publicado pela OMS em 2001, que refaz os critérios de avaliação da pessoa com deficiência. Este documento, o CIF (ICF - International Classification of Functioning, Disability and Health), além de considerar os aspectos biomédicos, inclui também, os aspectos sociais e psíquicos na definição e classificação das deficiências. Apesar disso, o corpo em seu entendimento restritamente físico ligado a idéia de norma, ainda ocupa, na maioria das práticas cotidianas, lugar decisivo para uma avaliação moral em relação às incapacidades de uma pessoa com o corpo lesionado. O corpo biológico lesionado, porque desvia dos

padrões, ainda nos dias de hoje, é o que atesta a deficiência e define as capacidades ou incapacidades, mesmo que de forma moral, acerca de uma pessoa com deficiência.

Interferência

Aqui no IBC é assim, quando um aluno novo chega na reabilitação ele passa primeiro por um médico que vai dizer se ele é realmente deficiente ou não, é o médico por meio de avaliações do olho da pessoa que vai dizer se ele pode ou não entrar para ser reabilitado, então depois são feitas as avaliações psicológicas e sociais, mas aí o aluno já faz parte da instituição.⁴⁸

Nesta dissertação reescrevemos o significado de corpo afastando-o do modelo biomédico e naturalizante. Construir outra definição para este termo é desafiar os limites impostos pela produção biomédica e propor uma nova concepção do entendimento da deficiência. Propomos aqui entender o corpo como um artifício e não como realidade dada, dito de outro modo, entenderemos o corpo como o lugar privilegiado de criação, palco das múltiplas invenções do cegar. É justamente onde o modelo biomédico ancora o seu discurso acerca da deficiência, ou seja no corpo, que iremos interferir propondo uma nova versão deste conceito.

⁴⁸ Fala de uma profissional do IBC em conversa informal, 2010.

O corpo agora não será mais determinante, substrato da essência humana, por outro lado tal como nos diz Manoel de Barros (2010) poderemos ir aprendendo com o corpo, este será lugar de novas cognições.

Como falar sobre o corpo?

[...] livramo-nos da obrigação de definir uma essência, uma substância (o que o corpo é por natureza). Em vez disto [...] podemos procurar definir o corpo como *uma interface que vai ficando mais descritível quando aprende a ser afectado por muitos mais elementos*. O corpo é, portanto, não a morada provisória de algo de superior - uma alma imortal, o universal, o pensamento - mas aquilo que deixa uma trajetória dinâmica através da qual aprendemos a registrar e a ser sensíveis àquilo de que é feito o mundo. É esta a grande virtude da nossa definição: não faz sentido definir o corpo diretamente, só faz sentido sensibilizá-lo para o que são estes outros elementos. (LATOURE, 2007, p. 40)

Utilizaremos a definição de corpo elaborada por Bruno Latour (2007), segundo ele não possuímos um corpo – no sentido de um objeto isolado, que se confunde com o corpo anatômico – o que está em jogo é que nós adquirimos um corpo na medida em que somos afetados. Adquirir um corpo é um empreendimento progressivo que produz ao mesmo tempo mundo e o corpo. Em outras palavras, o autor compreende o corpo como uma superfície cognitiva, que se produz a partir dos encontros com o mundo, quanto mais conexões este corpo fizer, mais amplo, mais vasto é aquilo que ele conhece, aquilo que o afeta. Corpo-cognoscente e mundo cognoscível são co-

engendrados, co-produzidos. Portanto, é a partir do corpo que habitamos um mundo e que criamos este mesmo mundo, ou seja, a produção de modos de vida se dá de forma encarnada.

Para que as conexões possam se estabelecer, Latour (2007) diz que o corpo necessita aprender a ser afetado. E aprender a ser afetado diz respeito aos modos de reconstrução do corpo, ou seja, da rede que o constitui. A partir da produção de novas conexões e rearranjos, o corpo se modifica, se recria.

Latour (2007) nos dá um exemplo acerca do que “aprender a ser afetado” significa, é um simples exemplo que diz respeito ao treino de narizes para perfumes industriais, por meio do uso da maleta de odores descrito por Geneviève Teil. O kit de odores é feito de modo que distintas fragrâncias puras estejam organizadas dentro da maleta. O ordenamento da maleta é feito das fragrâncias de contrastes maiores, para as fragrâncias de contrastes menores. Para aprender a diferenciar todos os contrastes é preciso fazer um treinamento que dura uma semana. Inicia-se o treinamento com um nariz que não distingue mais do que odores bons e odores ruins, após o treinamento é possível criar um nariz, ou seja, ser capaz de discriminar mais e mais subtipos de diferentes fragrâncias e falar sobre elas, mesmo quando estão misturadas com outras. Este acontecimento não se dá por acaso, a pessoa é chamada a ter um nariz, como se, através das sessões de formação, ela aprendesse a ter um nariz que lhe permite habitar um determinado mundo. Ter um nariz, neste caso, é aprender a ser afetado pelas fragrâncias dos diferentes frascos e somente a partir daí, surge um mundo, para aquele que passou pelo treinamento, onde as fragrâncias de diversos perfumes diferentes fazem parte.

Com este exemplo, Latour nos aponta que

As partes do corpo, portanto, são adquiridas progressivamente ao mesmo tempo que “as contrapartidas do mundo” vão sendo registradas de nova forma. Adquirir um corpo é um empreendimento progressivo que produz simultaneamente um meio sensorial e um mundo sensível (LATOURE, 2007, p.41.)

No exemplo apresentado por Latour, a maleta de odores é coextensiva ao corpo, apesar de não fazer parte do corpo físico, é certamente uma parte do corpo se afirmamos este como um constante movimento de aprender a ser afetado, deslocado, na direção da produção de mais e mais articulações criando, ao mesmo tempo, mundo e corpo. Portanto, neste exemplo, a maleta de odores, com todos os elementos que lhe são associados, a indústria que o produziu, o laboratório onde foi desenvolvida, entre outros, é parte essencial daquilo que é ter um corpo, ou seja, é parte de um mundo odorífero mais rico.

Dizer que ter um corpo é aprender a ser afetado é produzir uma versão de corpo e de conhecimento que se distancia de qualquer dualismo que separe corpo e alma, objeto e sujeito. Nas versões dualistas, que Latour chama de modernas, o corpo e suas afetações não são tematizadas como o solo mesmo onde se dá o conhecimento. Neste tipo de enfoque há uma pressuposição de que certas unidades são dadas de antemão: o corpo, o mundo, o sujeito que conhece. Estas são unidades isoladas, dadas. É em outra direção que Latour nos propõe falar do corpo. Trata-se, para este autor, de lidar com corpo e mundo num processo de produção recíproca.

Por isso, Latour (2007) afirma que prefere falar de corpo por meio de proposições (que são articuladas ou inarticuladas), ao invés de fazer afirmações (que ou

são verdadeiras ou falsas). O termo proposição compreende a imprevisibilidade, aquilo que pode ou não ser, fala de articulações, de composição e de efeitos de composição incluindo, desta forma, as negociações e as diferentes possibilidades, já a afirmação compreende as coisas de fato (matters of fact) e por isso, inegociáveis e previsíveis. O termo proposição pode ser considerado também como uma proposta de ação, de efetuação – e este é um sentido que Latour quer dar ao termo quando afirma que ter um corpo é ser afetado, movido e efetuado pelo mundo. Isso é ter um corpo é ser movido por certas propostas de ação, por certas conexões.

Com afirmações, nunca haveremos de compor um mundo que seja simultaneamente sólido, interpretado, controverso e dotado de sentido. Com proposições articuladas, esta composição progressiva de um mundo comum torna-se pelo menos pensável (LATOURE, 2007, p.45)

Quando abordamos o corpo por proposições, o que buscamos é fazer um mapeamento das articulações deste corpo, em outras palavras é entendê-lo como efeito de redes. Quanto mais articulações este corpo possuir, mais vasto e amplo o mundo conhecido e mais capaz de ser afetado será.

Pensando o tornar-se cego por meio das proposições e do corpo articulado, podemos dizer que a cegueira como deficiência, incapacidade, diz de um corpo pouco articulado, pouco capaz de ser afetado. Já a cegueira como potência seria a capacidade cada vez maior do corpo de fazer novas articulações, ou seja, de estar aberto para novos afetos, para reordenamentos. Um corpo pouco articulado produz poucas variações,

repete certos padrões, já um corpo capaz de proliferar suas articulações engendra a variação do mundo produzindo formas novas e inesperadas.

Este é o limite de uma definição comum - um sujeito só se torna interessante, profundo ou válido quando ressoa com os outros, quando é efectuado, influenciado, posto em movimento por novas entidades cujas diferenças são registadas de formas novas e inesperadas. Articulação, portanto, não significa capacidade para falar com autoridade - [...] um discurso autorizado pode servir para dizer sempre a mesma coisa - mas ser afectado por diferenças. A principal vantagem do termo articulação não é a sua associação, em certa medida ambígua, a capacidades lingüísticas ou sofisticação; é antes a sua capacidade para trazer a lume os componentes *artificiais e materiais* que permitem progressivamente adquirir um corpo. (LATOURE, 2007, p.43)

Diante do acontecimento da cegueira, o corpo que não consegue produzir boas e novas articulações, ou seja, articulações que sejam capazes de proliferar mais e mais articulações a partir deste acontecimento, torna-se desarticulado ou com poucas articulações. Este corpo pode permanecer na forma como se ordenava anteriormente, porém sem mais ser ordenado por essas antigas articulações, sem mais poder contar com elas para se ordenar. Por exemplo, o corpo que enxerga se organiza com a visão e com ela produz articulações, no momento em que o cegar se coloca, este não pode mais contar com a visão para se articular e se ordenar. Se por acaso, a forma deste corpo se afetar pelo acontecimento do cegar não abrir mão em nenhum momento da articulação com a visão para se reorganizar, suas possibilidades ficam restritas, já que ele não possui mais a visão, ou seja, não possui mais a capacidade de proliferar articulações por

meio desta. Dito de outro modo, o cegar articulado somente pela visão que não existe mais, ou seja pela perda da visão, compromete a capacidade de proliferação de novas e boas articulações, com isso, a perda e a falta ficam irremediáveis, neste contexto a criação de modos potentes de existir fica enfraquecida.

O exemplo de Candeia, apresentado no capítulo anterior, ilustra bem isto que estamos querendo dizer. Candeia, quando enxergava, se ordenava a partir do ver e as articulações de suas redes também, ele era motorista de táxi, dançava com sua esposa no samba, entre outras coisas. Quando ficou cego, as articulações produzidas com base na visão não puderam mais se sustentar da mesma forma, porém, em um primeiro momento, Candeia produziu um corpo pouco capaz de multiplicar suas articulações, ou seja, a inclusão da cegueira nas redes que compõem Candeia, ao invés de proliferar articulações, restringiu-as. Neste momento, poucas articulações foram possíveis, uma delas foi com o sofá de sua casa e outra com a esposa no lugar de seus olhos.

A articulação com o sofá estava pautada na perda da visão, pois, Candeia entendia que sem a visão não podia se locomover, tal articulação fecha ou diminui o campo de possibilidades de Candeia, já que agora, a capacidade de variação, de proliferação de articulações fica restrita. No sofá há uma diminuição de encontros com atores que poderiam reorganizar as redes de Candeia, diminuindo, deste modo, a possibilidade de multiplicar as versões de cegueira, além da cegueira como a falta da visão, outras possibilidades poderiam ser criadas.

O fato de seu corpo ter se articulado com a esposa como substituição de seus olhos, indica que as criações que ele pôde construir com a cegueira neste momento, se baseavam em um padrão vidente mesmo que não mais pelo seu olhar e sim pelo da sua esposa. Esta articulação ao invés de criar possibilidades, reencena a falta.

O trabalho da Oficina de Experimentação Corporal foi o de acompanhar e mobilizar um processo de criação de um corpo que pudesse aprender a ser afetado pela cegueira pelo viés da multiplicação de possibilidades e não somente pela restrição. Nosso direcionamento apontava para estimular o processo de criação de um corpo mais sensível aos acontecimentos e mais disponível a se articular e rearticular, que pudesse multiplicar as versões de sua cegueira. No percurso da sua participação nas atividades da Oficina, observamos que Candeia pôde criar um corpo mais articulado, mais atores puderam entrar em sua organização, atores como os materiais utilizados na Oficina, os outros participantes da pesquisa, o desejo de movimentar-se. Candeia pôde entrar em um fluxo de criação e (re)criação e como ele mesmo falou “Quando a gente fica cego a gente vira criança novamente, tem que aprender tudo de novo. Quando a gente vê a gente sabe uma teoria, quando ficamos cegos é preciso aprender outra teoria”. Candeia pode construir um corpo capaz de aprender, de se afetar por outras teorias.

A criação de múltiplas versões para o cegar se torna possível quando compreendemos que a cegueira não é somente o não ver, ou seja, que a cegueira não se encarna em um corpo que se define somente pela dimensão fisiológica, pois se fosse assim, não poderíamos criar proposições, outras propostas para o cegar, a única opção seria uma cegueira marcada pela falta, pelo déficit, pois é isso, que no processo de cegar acontece com o corpo fisiológico, a perda da visão.

O cegar ordenado como o não ver, fica atrelado sempre a uma falta e, portanto, as rearticulações deste corpo, agora cego, ficam também mediadas pela falta.

Interferência

Georgia, entrou na Oficina de Experimentação Corporal no início do ano de 2008. Ela tinha por volta dos 40 anos e andava sempre com sua mãe para todos os lados. No primeiro dia de Oficina, nos chamou atenção sua aparência infantil, a lentidão de seus movimentos, o medo de andar sozinha, a dificuldade de tomar iniciativas e sua mão que possuía pouquíssimo movimento, força e parecia um pouco atrofiada. Raquel, sua professora de orientação e mobilidade desabafou “Geórgia ficou cega lá pelos 12 anos, os pais não quiseram aceitar, entenderam que ela não poderia mais fazer nada, por isso, Georgia nunca estudou e teve pouquíssima estimulação, ficou trancada em casa e hoje é super dependente da mãe”. Em entrevista, a mãe de Georgia disse que quando ela ficou cega tirou a menina da escola, pois, a busca por tratamento que a fizesse voltar a enxergar tomava muito tempo, além disso, não acreditava que sua filha poderia aprender alguma coisa na escola normal e se recusava a colocá-la em uma escola especializada “Fomos umas três vezes a Cuba em busca de tratamento, estávamos sempre viajando e indo em diversos médicos, para tentar fazer com que Georgia voltasse a ver, esta busca durou muitos anos.”(mãe de Georgia, 2008). Disse também, que Georgia, depois de ter ficado definitivamente cega, passou a sair pouquíssimo de casa, já que ela trabalhava fora todos os dias, saindo pela manhã e retornando para casa já à noite. Hoje em dia também é assim quando não vem ao IBC, fica em casa “Ela parece uma sombra, para onde eu vou, ela vai também, isso acontece na rua e dentro de casa.” (mãe Georgia, 2008). Na Oficina de Experimentação Corporal, aos poucos, Georgia foi se apresentado, conversava, esboçava risos, começava a falar de

seus gostos, ela gostava de escutar Lulu Santos. Em uma Oficina resolvemos trabalhar com os sons e a capacidade de segui-los para se localizar no espaço, tocávamos um instrumento em um canto da sala e os participantes da Oficina tinham que andar até onde estava o som, depois mudávamos o lugar do som e então, os participantes tinham que seguir o som novamente. Geórgia teve muita dificuldade de entender de onde estava vindo o som e lá pelas tantas resolveu ficar parada, ao invés de tentar descobrir de onde o som estava vindo. Quando a interpelamos ela disse que não sabia de onde o som estava vindo e preferia ser guiada até o som, além disso, tinha medo de andar sozinha. Em um outro dia quando repetimos o mesmo exercício Geórgia se juntou a outra participante de modo que aonde esta ia, Geórgia ia também, percebemos que ela não ajudava a decidir a direção que a dupla tomava, ela apenas era guiada. Na Oficina seguinte, ainda dentro da temática do som, trabalhamos em roda com instrumentos feitos de latas, panelas, e colheres de pau. Havia um regente, que no início éramos nós, as coordenadoras da Oficina, e os regidos, que eram os demais participantes da Oficina. Com uma panela e uma colher de pau construíamos uma sequência ritmada de sons que era repetida pelo grupo através de palmas. A panela rodou de mão em mão, quem quisesse podia experimentar ser regente. Foi aí, então, que a regência foi para a mão de Geórgia, ela quis experimentar. Bate, desconfiada, uma vez na panela e imediatamente todos batem palmas também uma vez, como se quisessem confirmar seu comando, bate na panela duas vezes seguidas e logo, todos batem palmas duas vezes seguindo seu comando, um sorriso de Geórgia aparece, sim ela estava no comando. Faz uma série de seqüências sonoras e cada vez mais coloca novos desafios aos participantes, novas articulações, novas efeitos, Geórgia ao invés de ser guiada, guiava. Percebemos que provavelmente esta é uma

das poucas, ou até mesmo a única vez que Geórgia ao invés de ser regida, rege. Múltiplas articulações se estabeleceram, com a panela, com a colher, com os outros integrantes da oficina, com o reger, com os sons, com sua mão, neste momento ela adquiria um corpo. Quanto mais se articulava com aquela rede, mais seu corpo ia movimentando-se, transformando-se, sua pele ia ficando avermelhada, um largo sorriso, seguido de uma gargalhada apareceu. A cegueira naquele momento, articulada com todos aqueles atores, pôde ser outra, pôde incluir a possibilidade de autoria, de regência, de criação, de movimento. Naquele arranjo, Geórgia não era deficiente.⁴⁹

Como vimos na narrativa acima, a cegueira de Geórgia, entendida por sua mãe e talvez por ela própria, somente como falta, como perda de uma função orgânica, gerou um intenso movimento de busca para reverter esta situação, isto fez com que a reordenação das redes que compunham o corpo de Geórgia e sua mãe girasse em torno da dicotomia não ver e voltar a ver, perder e restabelecer a perda. Para a mãe de Geórgia a única forma de sua filha sair da perda era ganhar a visão de volta, por isso tantos médicos, tantas buscas por cura. Isto fez com que outras criações não pudessem ser elaboradas, criações que saíssem desta dicotomia, criações que produzissem mais articulações a esta rede. Geórgia passou toda sua vida em função da perda e quando perceberam que ela não ia mesmo voltar a ver, ou seja, não ia mesmo sair do déficit, este determinou sua vida.

Quando, na Oficina de Experimentação Corporal, abriu-se a oportunidade dela experimentar seu corpo não pelo viés da determinação e sim pelo viés da criação, Geórgia pôde ordenar, mesmo que momentaneamente, de maneira instável um outro

⁴⁹ Narrativa construída a partir do diário de campo do dia 3 de outubro de 2008.

corpo, um corpo mais articulado, mais potente. Geórgia criou um corpo sensível e capaz de se afetar.

Mapeando corpos

No item acima vimos que a definição de corpo proposta por Latour (2007) não o resume ao corpo individual, pelo contrário, sua proposta é de criação de corpos cada vez mais amplos, cada vez mais articulados. Neste sentido, podemos dizer que corpo é efeito de redes conectadas, é o território emergente fruto de articulações em rede. Tal território criado, conectado também por redes, faz existir o que chamamos de real. Como já afirmamos em capítulo anterior, a realidade, segundo Latour (2007), é fruto da articulação de redes heterogêneas, quanto mais criada, mais articulada, mais real.

Neste contexto, afirmamos uma noção de corpo que é condição de produção da realidade, ou seja, a realidade se produz de maneira encarnada. O que significa dizer isso? Significa dizer que entendemos que a noção de corpo apresentada por Latour (2007) aponta para o fato de que a realidade, os fatos, os acontecimentos, as instituições, são fabricadas localmente em um processo constante de ordenamento, onde corpo e real emergem ao mesmo tempo, portanto a realidade é um efeito de conexões situadas, efeito de práticas e ações locais.

Dito isso, afirmamos que o estar cego só existe encarnado, performado pelas práticas cotidianas (MORAES, 2010), este não existe, portanto, longe das ações. Desta maneira, se queremos acompanhar as múltiplas versões do cegar devemos mapear as ações cotidianas, as práticas, ou seja, as redes múltiplas e heterogêneas onde o estar cego emerge. Neste item, iremos fazer um mapeamento de como o corpo do estar cego é

performado, encarnado no setor da reabilitação do IBC, faremos isso com o intuito de acompanhar como tais versões do estar cego atravessam a Oficina de Experimentação Corporal⁵⁰. Com isso, rastreamos também, como estes corpos da cegueira se articulam com o corpo da Oficina, promovendo a proliferação de outras tantas versões do estar cego.

Como já apresentamos, o setor de reabilitação do IBC, possui inúmeras atividades no intuito de fazer com que a pessoa que perdeu a visão ou que está em vias de perdê-la possa se adaptar a esta nova realidade. Ao longo de nosso contato com este setor pudemos ir percebendo que muitas versões do estar cego se ordenam neste espaço. Se por um lado há uma tendência de afirmar o estar cego como falta, localizando este acontecimento em um corpo estritamente fisiológico, por outro lado, há também, ações, aberturas, reinvenções onde o estar cego procura outras possibilidades. Neste sentido, o reabilitar comporta dois sentidos: um de habilitar de novo, retornar para uma habilidade perdida; o outro e mais interessante para este trabalho é de uma reinvenção, de uma criação de novas habilidades.

Interferências

Hoje fizemos uma reunião de finalização do semestre com a Coordenadora da reabilitação. Avaliamos como foram as Oficinas de Experimentação Corporal, falamos de alguns participantes e também dos planos para o próximo semestre. Uma das propostas que fizemos à coordenadora foi a continuação do grupo de estudo com os professores de

⁵⁰Lembramos que a Oficina de Experimentação Corporal desde 2008, faz parte da grade curricular do setor de reabilitação do IBC.

Orientação e Mobilidade, para que pudéssemos ler e discutir questões relacionadas à cegueira. A coordenadora disse que nesse momento não seria possível, pois, o contrato dos professores havia acabado e novos professores foram recém contratados. Disse-nos que nesse momento de recém contratação estava realizando, ela mesma, um grupo de estudos com esses professores. Perguntamos, então, se não poderíamos participar desse novo grupo. Na mesma hora ela nos disse que não poderíamos estar nesse novo grupo, porque, segundo ela, os assuntos que estão sendo estudados são iniciais demais para nós. Estranhamos sua resposta e perguntamos qual livro estavam utilizando como bibliografia. A coordenadora disse: “ O nome do livro é *Cegueira* do Padre Thomas J. Carroll”.⁵¹

O livro citado pela coordenadora como a principal referência bibliográfica da formação de recém professores, é um importante não-humano (LATOURE, 2008) que age na composição da rede reabilitação do Instituto Benjamin Constant, que por sua vez faz agir atores como, por exemplo, os reabilitandos e os seus acompanhantes, contribuindo, desta forma, para o ordenando do estar cego neste espaço.

Este livro foi escrito na década de 60 nos Estados Unidos, contém 352 páginas divididas em quatro grandes partes. Destaco as duas primeiras partes. A primeira parte é composta por uma lista de 20 perdas relacionadas ao ficar cego, nesta parte o autor se preocupa em fazer uma descrição detalhada das perdas geradas a partir do ficar cego, tais como: perdas psicológicas, perdas de diversas habilidades, perda da percepção visual do belo, perda da mobilidade, dentre muitas outras. Nesta parte conceitua a cegueira como uma deficiência múltipla (CARROLL, 1961, p.85).

⁵¹Registros do Diário de Campo – julho de 2009

A segunda parte é composta por outra lista que estabelece que para cada perda registrada há que se realizar uma restauração e reabilitação. Nesta parte, portanto, o autor propõe inúmeros treinamentos que a pessoa que ficou cega deve realizar a fim de voltar ao “normal”. A dicotomia normal e anormal é bastante utilizada neste livro, como no trecho “Esta necessidade de orientação psico-social não implica em que a pessoa cega seja anormal, que haja qualquer coisa de errado mentalmente. Ao contrário, significa que são (citando a frase usada em um contexto ligeiramente diferente pelo Dr. William Menninger) ‘pessoas normais em circunstâncias anormais’ (CARROLL,1961, p.86).

Como podemos seguir, este livro não é apenas um texto, ele produz materialidade e socialidade atuando no ordenamento da cegueira como uma identidade reafirmando, assim, articulações desta com a perda, a falta, a incapacidade, por exemplo. Além disso, faz existir um estar cego que necessita de uma readequação, uma restauração de traços normais pautados em saberes biomédicos. Segundo esta produção, existe um saber médico que diz que a pessoa que ficou cega precisa ser restaurada por especialistas da reabilitação.

A reabilitação, neste contexto, é pautada em um princípio de normalização com a ambição de restituir a pessoa com deficiência à norma perdida. Martins (2006a), ao fazer um histórico de como o cegar passa a ser simbolizada na modernidade pelo signo da deficiência, fala do nascimento de um saber médico que estabelece uma grande valorização à normalidade, atribuindo à cegueira uma condição patológica. Para ele, segundo um pensamento moderno, a reabilitação teria um papel paliativo, já que as pessoas com deficiência nunca voltariam a ser “normais”. Deste modo, a reabilitação ocuparia um lugar, sempre frustrado de retorno à norma.

Continuando a seguir os rastros do livro de Carroll (1961), mapeamos que este é citado em importantes livros e documentos acerca do tema da deficiência visual. Trata-se, portanto, de um livro de referência nacional e internacional para as práticas relacionadas às pessoas cegas. Podemos então, a partir deste rastro, identificar certa versão do estar cego bastante estabilizada e performada não somente no âmbito da reabilitação do Instituto Benjamin Constant. Tal versão produz uma forte conexão entre cegueira e deficiência, perda e impossibilidade.

Uma das bibliografias encontradas que possuem como referência o livro de Carroll é o *Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental: deficiência visual*, documento publicado pelo Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial (MEC/SEE, Brasil, 2001), referência necessária no campo da educação e da reabilitação da pessoa com deficiência visual no Brasil e construído com a colaboração do Instituto Benjamin Constant. Trata-se, portanto, de outro importante ator que ajuda a mapear a rede da reabilitação no IBC.

É interessante notar que apesar deste documento ter como base o livro de Carroll, outras produções da cegueira puderam ser feitas. O estar cego enquanto materialidade produzida no texto de Carroll se conecta, se articula a outras redes produzindo efeitos, se desviando e proliferando outros sentidos. No documento elaborado pelo MEC em 2001, o cegar é ordenado tanto pelo viés da norma e da falta, quanto por outras articulações inéditas e inesperadas, o que a nosso ver, parece abrir o sentido da reabilitação em outras direções, não apenas naquelas já indicadas por Martins (2006a), mas na direção de uma recriação e reinvenção de si.

Os trechos à seguir foram destacados do fascículo sobre reabilitação deste documento e indicam diferentes versões do cegar:

O indivíduo que se percebia como um ser inteiro, agora, após a cegueira, se vê fragmentado, mutilado. Aconteceu algo terrível, está diferente do que era antes e o que é ainda pior, está diferente daqueles que o cercam. Esta diferença física em relação ao indivíduo normal que o torna, portanto, “diferente”, é algo que pode desestruturá-lo psicologicamente, prejudicando assim, todo o processo de reabilitação, agravando todos os problemas que ele terá que enfrentar. (BRASIL, ano, p.139)

Este trecho faz existir um cegar determinado pela falta e pela noção de norma, em que a diferença é tomada como algo terrível.

Quem perde a visão repentinamente fica praticamente imobilizado, confinado ao lugar em que se encontra, inseguro e desprovido de uma das principais características do ser humano: a capacidade de locomover-se. Permanece assim preso pelo pânico e pelo medo, sempre suspeitando que a sua volta tenha algum obstáculo. [...] É agora um ser terrivelmente dependente. (BRASIL, ano, p.141)

O trecho acima fala de um tornar-se cego universal onde todos que perdem a visão repentinamente têm o mesmo destino trágico. É interessante notar como esta produção de realidade que impõe um destino imobilizante de algum modo se articulou à vida de Candeia produzindo efeitos também imobilizantes como sua permanência no sofá. Já em relação à Geórgia a articulação com o ator-rede “cegueira = a imobilidade” produziu como um de seus efeitos a dependência.

Consideramos que o trecho a seguir, também retirado do fascículo sobre reabilitação do documento elaborado pelo MEC, começa a produzir alguns desvios por relação ao modo como Carroll (1961) faz existir o cegar.

[...] Um programa de reabilitação pode ajudar, sobretudo no estágio inicial de desapontamentos, de enfrentamentos emocionais difíceis e de dependência, principalmente para estimular melhor a reflexão sobre as possibilidades e capacidades, tão necessárias neste novo estado.

Podemos caracterizar reabilitação, segundo um enfoque psico-socioeducacional, o processo integral, que tem como objetivo a construção de um projeto de vida mediante o desenvolvimento das relações interpessoais da competência funcional, da readaptação ao trabalho e à vida comunitária [...] (BRASIL, 2001, p.146- 147)

Os desvios acontecem quando, por exemplo, o trecho fala de “reflexão sobre as possibilidades”, compreendemos que a abertura a outras possibilidades propõe um deslocamento a dicotomia normal/ anormal abrindo para a construção de novos ordenamentos. O trecho em que caracteriza a reabilitação como um processo integral produz um entendimento do cegar como um processo e não como algo dado, além disso, desloca este acontecimento de sua comum localização apenas na perda da visão, atribuindo a este processo um caráter integral.

O documento também aborda a importância da educação física no desenvolvimento de pessoas com deficiência visual, abrindo espaço para se pensar a educação física como um espaço de experimentação corporal.

Podemos querer enquadrar as pessoa em padrões de movimento, mas esse objetivo, uma vez alcançado, reduzirá o papel da Educação Física frente ao projeto pedagógico que busca a formação do homem, sua autenticidade, originalidade, independência, flexibilidade e maneira particular de ser e estar no mundo [...] cabe dar conta do homem integral. [...] as atividades propostas não devem ser desenvolvidas como treinamento ou mera instrução. Devem contemplar o nível de desenvolvimento, a liberdade de ação auto-iniciada, privilegiando o movimento criativo. (BRASIL, 2001, p. 160, 164)

Este trecho valoriza a educação física, não como um treinamento para o aprendizado de padrões considerados normais de movimento, também não compreende o corpo somente em sua dimensão física, pois inclui outras relações do corpo como por exemplo, sua relação com a formação do homem e com a possibilidade de criar.

Outro ponto que nos chamou atenção acerca deste documento de 2001 foi o fato de o final de cada fascículo apresentar as narrativas das pessoas com deficiência visual. Ainda que as narrativas sejam colocadas no final, como exemplos, e que sejam narrativas de tipo exemplares, há uma abertura para se pensar a construção da deficiência com a voz das pessoas com deficiência, deste modo abre-se a possibilidade da criação de um saber acerca da deficiência visual que passa também por quem a vive e não somente por quem a estuda.

Tanto o livro do Carroll (1961) como o documento elaborado pelo MEC se articulam ao cotidiano da reabilitação do IBC, produzindo também outros arranjos para o estar cego. Os movimentos da rede que podemos acompanhar no documento do MEC que ora articulam a cegueira dentro de um padrão normal, identificada somente com a

perda e a falta e ora articulam o cegar como abertura de possibilidades, contagia o movimento da reabilitação produzindo, nesta, modulações entre estes dois pólos.

O viés que coloca o estar cego como fruto de uma lesão corporal que compromete as capacidades da pessoa cega aparece, por exemplo, na reabilitação do IBC, nas práticas de seleção dos alunos novos. Como já apresentamos em interferência anterior, a decisão sobre se o aluno novo pode ou não frequentar a reabilitação é feita por um médico que avalia as condições físicas da cegueira e então dá o seu parecer.

Outra modulação que a reabilitação faz é imprimir um ritmo produtivo ao processo reabilitacional afirmando a lógica do padrão e da norma. No IBC, a reabilitação tem que ser cumprida em três anos, quando o aluno completa três anos no setor, ele é automaticamente desligado da instituição. Durante as Oficinas de Experimentação Corporal, muitos participantes se queixavam desta regra, pois, muitos deles não achavam este tempo suficiente, além disso, falavam que construíam laços na instituição e que de uma hora para outra tinham que perder ou reduzir drasticamente estes laços. Esta lógica de produção não leva em consideração um processo de cegar que é local e singular, pois imprime um tempo definido e igual para todos, como se o tornar-se cego fosse um processo homogêneo.

Neste ponto há um importante desvio que a Oficina de Experimentação Corporal faz em relação a esta lógica. Como já apresentado, a Oficina não possui tempo determinado para acabar. A permanência ou a saída de um participante da Oficina é pactuada com o grupo. Apesar de esta atividade pertencer ao quadro de ofertas de atividades do setor de reabilitação do IBC, nós não seguimos a lógica dos três anos, pois, achamos incoerente com o nosso posicionamento em relação ao tornar-se cego estabelecer um tempo fixo para isto acontecer. Compreendemos que esse processo

nunca se finaliza, pois, sempre novas articulações vão ser possíveis e com isso novas criações.

A lógica produtiva aparece também na fala de uma das alunas

Há uma fila de espera por ordem de chegada para as atividades mais concorridas como Orientação e Mobilidade e Iniciação ao DOSVOX⁵², porém essa fila é furada quando o professor percebe que há alguém lá atrás da fila que, ou necessita urgentemente do treinamento para continuar a trabalhar ou estudar, ou que eles avaliam serem mais rápidas para o aprendizado, normalmente pessoas mais jovens. O problema é que aqueles que são considerados mais lentos no aprendizado ou por serem idosos, ou por terem alguma dificuldade de aprendizagem, ficam muito tempo esperando na fila.

Acontece também, do aluno começar a fazer a atividade e não apresentar o resultado esperado no tempo esperado, como a fila de espera é muito grande, eles afastam este aluno e chamam o próximo da fila. Outra coisa que também acontece é quando o aluno completa o tempo pré-estabelecido para aprender determinada atividade, por exemplo, andar com a bengala e se no tempo estabelecido ele não aprender, o prazo não é repensado. O aluno termina a atividade sem aprender e fica por isso mesmo, tudo por causa da fila de espera.⁵³

Esta lógica produtiva gera efeitos na Oficina de Experimentação Corporal. Candeia por muitas vezes reclamou, pois, completou o curso de Orientação e Mobilidade sem aprender a andar com a bengala. Outro participante da Oficina, um dia

⁵²O DOSVOX é um programa de computador criado para facilitar o acesso da pessoa com deficiência visual às informações digitalizadas. O programa traduz em áudio as informações que aparecem na tela do computador em formato de texto.

⁵³Fala retirada de uma conversa com uma aluna do setor de reabilitação em 2009

chegou muito triste e ao ser abordado falou que seu professor de DOSVOX disse que ele aprende muito devagar.

Uma vez abordamos uma professora de Orientação e Mobilidade sobre esta questão e ela disse que infelizmente há muitas pessoas na fila de espera e que por muitas vezes necessitam passar alguém na frente ou estabelecer prazos para o aprendizado, se não a fila não anda. Ela disse também que muitos alunos chegam para a aula sem requisitos mínimos, segundo ela deveria ser feito um trabalho prévio com o aluno que perdeu a visão. Aponta que antes de iniciar a aula de Orientação e Mobilidade, o aluno deveria passar por um processo de trabalho corporal para aprender a perceber os limites de seu corpo, reestruturar o equilíbrio corporal, sensibilizar outros sentidos como a audição e o olfato, conhecer noções de direita e esquerda, entre outras coisas.

A partir desta e de outras conversas com os profissionais pudemos entender que esta lógica produtiva está articulada a lógicas produtivas estabelecidas pelo MEC que disponibiliza uma pequena quantidade de verba para a contratação de professores e cobra produtividade. Entendemos também, uma certa dimensão política da reabilitação que não possui profissionais concursados, fazendo com que a maioria seja contratado e que por isso permaneça apenas dois anos na instituição. Assim, a força de enfrentamento político dentro do próprio IBC e também em relação ao MEC, com o objetivo de gerar mudanças no funcionamento do setor, fica bastante comprometida. O setor de reabilitação, na época desta pesquisa, possuía apenas três profissionais concursados dos mais de 20 profissionais trabalhando no setor.

Percebemos nestas questões trazidas pelos professores um desejo de produzir desvios, por exemplo, em relação à lógica produtiva ou em relação a dualidade normal e patológico ou ainda em relação à lógica incapacitante vinculada a pessoa que perdeu a

visão. Fomos nos dando conta que faltavam “braços” para este trabalho e oportunidade de reflexão.

Foi por conta das questões da professora sobre o trabalho corporal prévio com os alunos, para que facilite e ajude no processo de orientação e mobilidade, que estabelecemos uma importante parceria com os professores de Orientação e Mobilidade e mais tarde com os professores das aulas de Atividades da Vida Diária.

Apresentamos aos professores os objetivos de nossa Oficina, enfatizando a importância da experimentação corporal no acontecimento do cegar para criação de possibilidades singulares a cada processo. A partir daí estabelecemos que os professores poderiam nos encaminhar alunos, estabelecemos também, um grupo de estudos que fez com que as trocas com o setor de reabilitação como um todo aumentassem.

A partir desta nova articulação feita com os professores pudemos ir notando os pequenos desvios que o próprio setor de reabilitação fazia em relação a pretensa hegemonia da cegueira enquanto perda e falta. Podemos ir acompanhando, assim como no documento escrito pelo MEC, uma vacilação do entendimento do estar cego como apenas um desvio da norma, como falta, como foco de um saber biomédico. O encontro com os professores nos serviu de pista para acompanhar os desvios feitos por esse setor.

Foi aí que pudemos escutar falas de participantes como “O IBC é uma usina de transformações”,⁵⁴. Esta fala nos indica essas vacilações do cegar somente como perda. Outro participante nos disse, “A reabilitação é a minha oportunidade de fazer diferente. A minha irmã, também cega, fica em casa o dia todo e não sai para trabalhar, eu não

⁵⁴Fala retirada do diário de Campo dia 7 de abril de 2008

quero isso para mim, eu quero aprender a andar sozinho, a usar o computador, eu quero estudar para poder trabalhar”⁵⁵.

Também, a partir da parceria com os professores, um importante efeito se produziu na característica dos participantes que passamos a receber na Oficina. Observamos que passamos a receber os alunos que os professores consideravam muito difíceis, ou por possuírem outra deficiência associada, ou por terem grande necessidade de falar, ou por possuírem grandes dificuldades de se encaixar nas normas da reabilitação, ou por terem alguma demanda “psicológica”⁵⁶, ou ainda por estarem muito vinculados à perda da visão e por isso, não conseguirem entrar no processo de reabilitação.

Percebemos que esses alunos eram considerados diferentes e o setor de reabilitação tinha muitas dificuldades de incluí-los dentro dos padrões deste setor. Para nós esta grande diversidade dos participantes da Oficina também era um desafio. Desafio este que nos apontou pistas importantes sobre o tornar-se cego, nos apontou para o fato de que apesar de todos possuírem alguma deficiência visual, não podíamos igualar aquele grupo pelo viés da cegueira. Trabalhávamos no intuito de valorizar as diferenças singulares, sem deixar de tentar criar uma rede comum a todos os participantes. A todo tempo trabalhávamos para que diante de toda aquela diversidade e a partir dela pudéssemos produzir redes potentes de criação de possibilidades. Tomávamos a diferença como oportunidade de criação. As diferenças apresentadas por aquele grupo estavam sempre deslocando todos de seus lugares.

⁵⁵ Entrevista realizada com um dos participantes da reabilitação no segundo semestre de 2008

⁵⁶ Seria interessante investigar os sentidos que os professores do setor de reabilitação do IBC dão a esta “necessidade de tratamento psicológico”. Não seguimos esta pista. Talvez este seja um trabalho futuro.

Interferência

Francisca entrou para a Oficina de Experimentação Corporal no início do ano de 2009, havia ficado cega a pouco tempo. Francisca falava o tempo todo como se todos os seus pensamentos fossem direto para a fala sem sofrerem qualquer censura. Falava do fato de ser mineira, de como o povo mineiro come, mata galinha, da saudade que tem da sua terra, falava que apesar de ser cega era limpinha, perguntava se estava bem arrumada, perguntava sobre as pessoas que estavam na sala, falava sobre sua cegueira e os progressos obtidos e dificuldades que enfrentava, falava sobre sua relação com o marido, sobre o fato deste não valorizá-la, sobre ele ser violento com ela, falava, falava e falava. Como iríamos lidar com esta grande necessidade de fala de Francisca? Não sabíamos. No primeiro dia a deixamos falar o quanto quis, percebemos que alguns participantes ficaram incomodados com o monopólio da fala, porém, não se manifestaram. Quando acabou a Oficina fomos conversar com a coordenadora da reabilitação sobre Francisca e tentar entender melhor sua entrada no IBC e o encaminhamento para a Oficina. A coordenadora nos aponta que Francisca está em fase de avaliação, pois, não sabia se esta iria poder ficar na instituição, já que “atrapalhava” todas as outras atividades de que participa, pois, não para de falar. Disse também, que nos encaminhou a participante, pois como éramos um grupo de psicólogos talvez pudéssemos dar conta de sua demanda. Ficamos impressionados com o fato de Francisca estar em avaliação, afirmamos para a coordenadora que Francisca precisava do espaço da reabilitação, pois, como ela mesma dizia, precisava sair de casa, conhecer novas pessoas, precisava aprender a andar sozinha para não depender do marido. Afirmamos perante a coordenadora que

Francisca precisava ser acolhida pela instituição. Na Oficina seguinte Francisca solicitou o espaço de fala, novamente, estava chorosa e começou a falar sobre as dificuldades na relação com o marido, como estava se sentindo rejeitada por ele, só porque ela havia ficado cega. Entendemos que naquele dia Francisca precisava de uma atenção especial e propomos ir para a sala ao lado conversar um pouco e que depois ela poderia voltar para Oficina. Um dos coordenadores foi ouvir Francisca e os outros ficaram com o grupo da Oficina. Com o passar do tempo Francisca conseguia ficar na Oficina, chegava um pouco mais cedo e conversava bastante com os coordenadores. Aos poucos pudemos ir incluindo a fala dela no espaço das experimentações corporais. Antes da chegada de Francisca, a Oficina era organizada de tal modo que as atividades de experimentação corporal eram feitas quase em silêncio, ao som de músicas, um ou outro comentário, as orientações das coordenadoras sendo faladas, e vários momentos de silêncio. O espaço de fala era organizado imediatamente depois das atividades corporais, no momento da roda de conversa, que durava em torno de meia hora. Francisca nos fez reordenar este espaço porque a fala passou a ser contemporânea da experimentação corporal, uma fala suscitada pelo trabalho corporal, instada no e pelo corpo: fala encarnada. A fala foi incluída em todo o processo de experimentação corporal e percebemos que isto aproximou não só Francisca, mas também todos os outros integrantes da experimentação corporal. Além disso, Francisca foi podendo falar sobre novas coisas, falar sobre suas descobertas corporais, sobre como estas descobertas produziam mudanças no modo como ela se relacionava com sua casa, falava sobre suas descobertas sobre como fazer comida, lavar roupa, limpar a casa e ir ao supermercado. Com o tempo, sua fala não produzia mais tanto incomodo, passou a reverberar na fala de outros

participantes que passaram a dizer também das descobertas corporais e de como criavam maneiras de fazer as tarefas domésticas, entre outras coisas. Outro efeito interessante foi o modo como o grupo como um todo foi se articulando para lidar com a fala de Francisca, ora o grupo a deixava falar, ora alguém do grupo se colocava e pedia a voz. Francisca, por sua vez, também passou a pausar a sua fala, valorizar os espaços de silêncio e da fala das outras pessoas. A diferença de Francisca pôde reverberar e produzir efeitos no grupo e nela mesma sem que precisasse ser apagada.⁵⁷

Além de todos os efeitos produzidos na Oficina, a presença de Francisca foi fazendo com que nos déssemos conta de que na reabilitação não havia um espaço para que as pessoas pudessem falar de suas vidas, do fato de terem ficado cegas ou da expectativa de já saberem que poderiam perder a visão. Observamos que, apesar da perda da visão articular inúmeros atores na reabilitação, o único momento onde isto podia ser falado era quando do ingresso do aluno neste setor, em entrevista de triagem com a psicóloga. Segundo nos disse um dos participantes da Oficina, nas atividades oferecidas na reabilitação, a questão da perda, apesar de presente, não era falada, não era abordada, como se o fato do aluno estar fazendo treinamentos para aprender a viver sem a visão, por si só, já fosse suficiente para dar conta desta questão.

O tema da perda foi para nós também algo de difícil aproximação. Quando iniciamos as Oficinas de Experimentação Corporal a perda era algo que rondava a Oficina e que nos dava curiosidade, porém, percebíamos que nossa tendência era focar na criação de possibilidades, ou seja, na dimensão de ganho que o acontecimento da cegueira podia gerar. Mas e a perda?

⁵⁷Narrativa construída após leitura dos diários de campo de 2009.

Foi a partir de um acontecimento na Oficina de Experimentação Corporal que esta difícil dimensão do cegar se colocou para nós.

Interferência

Juliano, participante da Oficina de Experimentação Corporal, possui 21 anos, ficou cego a dois anos e além da cegueira, está perdendo a audição. Na Oficina de hoje, após um relaxamento Juliano me chama e diz que está muito angustiado que acha que a vida não está valendo a pena, diz que não está escutando direito que está perdendo a audição e isto o está deixando muito nervoso. “To muito nervoso, To muito nervoso, to perdendo a audição. Já sou cego, imagina se eu ficar surdo! Eu não sei, mas acho que não faz mais sentido viver”. Seu rosto estava tenso e vermelho, seu corpo enrijecido. Me conectei com a angústia de Juliano, fiquei sem chão, sem saber o que falar, pois para mim aquilo também era uma perda terrível, algo que me desorientava, me deixava sem possibilidades. Diante de tanta impossibilidade, parecia não restar nada. Pensei “Como será que ele irá sobreviver sem a visão e sem a audição!”. Nunca a angústia da perda tinha ficado tão presente em meu corpo, a única coisa que pude fazer naquele momento foi dizer bem pertinho dele que eu estava ali do seu lado.⁵⁸

O acontecimento acima narrado nos trouxe a dimensão da perda com toda sua força de intensidade. Apesar de se tratar de uma perda auditiva, pudemos entrar em contato com a experiência de perder e nos conectar com o sofrimento disso, com o sofrimento de perder o referencial, a organização que tínhamos antes e ainda não ter

⁵⁸Registro do diário de campo da Oficina do dia 2 de setembro de 2008

construído novas possibilidades, um momento sem chão, sem território. Diante do ficar cego, nós pesquisadores, já havíamos construído um território onde a perda da visão poderia encontrar novos caminhos que não só a falta, porém diante da surdo-cegueira não tínhamos nenhum referencial e por isso conseguimos acessar a dimensão de perda com toda sua intensidade.

A partir deste acontecimento, o perder pode ir aparecendo e se articulando à Oficina. A perda podia, agora, ser falada, experimentada, acompanhada e com isso podíamos ir produzindo outras versões para ela. A dimensão da perda articulada à Oficina de Experimentação Corporal pôde comparecer de outras formas deslocando-se do lugar determinante que comumente ocupa. A cegueira como falta, como perda comparece constantemente, como em uma fala de Francisca: “ É mentira que a pessoa que perde a visão não fica triste. Eu sonho que estou enxergando, quando eu acordo é aquele terror, tudo escuro. De vez em quando bate aquela depressão. Fico com muita angústia, com um nó na garganta é aqui ó, é aqui o nó na garganta.” Porém, muitas outras versões do cegar também podem aparecer. O que apostamos é que o estar cego possa ser muitas coisas, possa produzir muitas versões incluindo todas elas, que o sofrimento possa existir, mas que também outras possibilidades possam ser criadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Interferência

Como se fabrica uma colcha de retalhos?

Fios e diferentes texturas, composição arriscada, composição dançarina, movente, delicada, espécie de caleidoscópio de formas variáveis e desconhecidas. Experimento de múltiplas combinações. É preciso sensibilidade, sensibilidade à multiplicidade, às variações, aos rastros, às composições. O Tecelão desta colcha precisa estar atento aos arranjos entre os vários retalhos. Retalhos de seda, algodão, retalhos de cetim, renda e organza, tecidos coloridos, estampados, tecidos conjuntivos, epiteliais, musculares, cardíacos...

A tarefa é costurar, tecer, fiar.⁵⁹

Estamos chegando ao final da fabricação desta colcha de retalhos, um final que inaugura um início, pois o que pretendemos é que esta colcha se conecte a outras colchas de retalhos podendo, em seu novo percurso ir criando novas possibilidades do cegar. Finalizamos este texto com a expectativa de que ele possa produzir contágio por onde passar. Não podemos prever as fabricações que ocorrerão daqui por diante, porém, o que desejamos é que esta escrita possa multiplicar os discursos e práticas relacionadas ao cegar, produzindo assim resistência à hegemonia das construções incapacitantes acerca deste tema.

⁵⁹Texto elaborado a partir do relato do encontro entre a orientadora deste trabalho e Jonh Law, julho de 2009.

O que nos interessa é que os sentidos do cegar se multipliquem criando, deste modo, não o universo da cegueira e sim um multiverso do cegar. Segundo Latour (2007) o multiverso liberta o universo de sua prematura unificação e se define pelo processo de composição, de articulação do mundo. Assim, a unificação do mundo não é dada de saída, mas algo a que se chega, localmente, e devido a um intenso processo de articulação, de embates e negociações.

Neste sentido, nossa intenção é poder criar um mundo comum onde as múltiplas variações do cegar possam existir. Este mundo comum, não pressupõe a igualdade entre os termos, um universo e sim a articulação entre atores heterogêneos, um multiverso. Um mundo pode ser comum quando abriga a diferença, a variação, comum porque múltiplo, porque heterogêneo. Que este texto possa colaborar na construção de um mundo comum onde o estar cego possa variar e diferir e com isso possa produzir outras tantas colchas de retalhos, outras tantas possibilidades de existir.

Muitos fios desta colcha que começamos a tecer não puderam ainda ser alinhavados e percorridos e por isso finalizamos este trabalho com a sensação de que vários tipos de retalhos ainda podem ser costurados e conectados a esta colcha.

Um destes fios que ainda ficaram por ser seguidos são os da dimensão política da questão da deficiência, gostaríamos de percorrer estes fios com o propósito de pensar e refletir sobre as políticas públicas em relação a este tema, principalmente no Brasil. Como construir políticas públicas que abarquem a questão da deficiência em sua dimensão processual e não identitária?

Como já citado anteriormente os Estudos sobre a deficiência (*Disabilities Studies*), movimento iniciado nos países de língua inglesa nos anos 70 do século XX inauguraram uma importante crítica ao modelo biomédico de deficiência invertendo a

lógica causal de que um corpo com lesões necessariamente seria um corpo incapaz e em desvantagem social. A partir deste movimento, a desvantagem social seria a causa da deficiência e não o contrário (MORAES, 2010). Neste modelo a deficiência é o efeito da opressão social de uma sociedade excludente

Consideramos o modelo proposto pelos Estudos sobre a Deficiência um importante passo para que a questão da deficiência possa ocupar novos espaços que não só o consultório médico e instituições reabilitacionais. Porém entendemos que se o modelo biomédico coloca a questão da deficiência identificada a um corpo com lesões, o modelo social identifica essa questão à uma sociedade excludente, nos dois modelos a questão da deficiência identificada a uma causa não é desconstruída.

Por isso deixamos aqui a indicação para que futuramente possamos estudar a deficiência relacionada a política pública sem abrir mão do entendimento que construímos nesta dissertação de que não há o universo da deficiência e sim performaces, versões singulares. Como estudar e interferir na fabricação de políticas que possam dar conta da singularidade e localidade da deficiência ? Como construir e executar políticas não pelo viés do universal e sim pelo viés do local? Não pelo viés da identidade e sim da variação, do mundo comum?

Neste sentido há que se fazer uma reforma dos moldes como a deficiência é ainda apreendida, uma reforma das práticas, uma reforma política tal como presenciamos com a questão da saúde mental, pelo viés da reforma psiquiátrica, inaugurada na Itália produzindo contágio em diversas partes do mundo.

Ainda que não tenhamos percorrido nesta dissertação o campo das políticas públicas na área da deficiência, apostamos que nosso trabalho possui uma dimensão política: a de ter produzido interferências em certas práticas com pessoas com

deficiência. Interferências locais, situadas que fizeram proliferar versões do cegar e que permitiram a criação de um mundo comum mais vasto, mais amplo, no qual diferentes versões de deficiência puderam ser articuladas.

Deficiência-imobilidade, deficiência-perda, deficiência-queimado, deficiência-angústia, deficiência-vidência, guiar e ser guiado, reabilitação-reinvenção, deficiência-movimento, deficiência-arlequinal, deficiência-criação, deficiência-autoria, deficiência-potência e tantas outras versões que essa dissertação fez existir. Se um texto é um laboratório, este texto é um laboratório na medida em que pôde colocar em ação muitas versões de deficiência.

A interferência que fazemos e que nos aponta a dimensão política deste trabalho age na questão da deficiência no intuito da criação de um multiverso, um multiverso que interfere e reordena tudo a que ele se conecta, como em um efeito em cascata, cada ator que se conecta a este multiverso sofre reordenamentos, variações.

Portanto, este multiverso que criamos interfere e reordena, por exemplo, o pesquisar produzindo um conhecimento engajado, um conhecimento em que o outro não é objeto e sim co-autor. Sem Arlequim, Candeia, Juliano, Geórgia, Francisca e tantos outros, este trabalho não seria possível. Interfere na criação de um método que pode acompanhar um objeto-processo, que pode fazer existir o cegar ao invés da cegueira. Interfere na possibilidade de movimentar-se de Candeia, de nos depararmos com a perda junto com Juliano, interfere na possibilidade de costurar e descosturar a colcha, de reordenar a fala de Francisca, de produzir um novo sentido para reabilitação, de criar um manto de Arlequim e viajar com ele.

Interferir no não ver, também é interferir no ver: não se transforma um sem se transformar o outro. O não ver conectado a este multiverso que performamos, nos faz

ver, conhecer de outros modos, interferir de outras maneiras, este é o sentido que damos ao princípio de simetria proposto por Latour (1994).

Interferir no cegar nos ensina a ver o vivo, a ver a vida em sua dimensão de possibilidades, em sua dimensão dos modos de existir, dos modos de criação a partir dos acontecimentos bifurcantes. Nos faz reequacionar perdas e ganhos de modo que já não são mais tão um oposto do outro, podem caminhar juntos, podem participar de um mesmo processo.

Interferência

É vestida, ou melhor, embolada com o manto de Arlequim, suas cores, produções, variações, retalhos que termino esta dissertação, finalizo-a invadida pelo processo, finalizo sem conseguir colocar um ponto final. O fim desta dissertação entra em cena e é neste exato momento que o mundo toma outras formas. Formas desconhecidas e estranhas. E agora? A profissão, a clínica, o pesquisar, a escrita não são mais os mesmos, é preciso criar outros modos de existir. Um novo multiverso se abre e com ele uma série de questionamentos, sentimentos e transformações. Me deparo com um lugar nunca antes ocupado, um estado de criação e tensão se faz presente.....⁶⁰

E você, querido leitor? Depois de tanto tempo juntos, depois de tantas costuras, arranjos e rearranjos, como você termina esta leitura? Que conexões pôde fazer junto a este manto de Arlequim?

⁶⁰Narrativa construída com base na narrativa em que apresentamos o tornar-se cego de Arlequim, em 28 de julho de 2010 - dia em que esta dissertação foi finalizada.

BIBLIOGRAFIA

AMARILIAN, M. L. T. *Compreendendo o cego: Uma visão psicanalítica da cegueira por meio de desenhos-estórias*. São Paulo: FAPESP, 2007.

BARROS, M. Compendio para o uso dos Pássaros. In:_____ *Poesia Completa*. São Paulo, Leya, 2010.

BAVCAR, E. O corpo espelho partido da história. In: NOVAES, A. (org) *O homem-máquina*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2003.

BELARMINO, J. *Aspectos comunicativos da percepção tátil: a escrita em relevo como mecanismo semiótico da cultura*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____ *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, Obras escolhidas volume 1, p. 197-221, 1994.

BORGES, J. L. *Sete Noites*. São Paulo: Max Lemonad, 1987.

BOSI, A. Fenomenologia do Olhar. In: NOVAES, A.(org) *O olhar*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

BOUMARD, P. O lugar da etnografia nas epistemologias construtivistas. *Revista de Psicologia Social e Institucional* – UEL, vol.1(2). Documento eletrônico, disponível em: <http://www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov1n22.htm> . 1999. Acessado em 2003.

BRASIL. *Programa de Capacitação de Recursos do Ensino Fundamental: deficiência visual*, Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial, conteudisas Marilda Moraes Garcia Bruno e Maria Glória Batista da Mota, 2001.

CANGUILHEM, G. *O Normal e o Patológico*. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CARROLL, T. *Cegueira*. São Paulo: Campanha Nacional de Educação dos Cegos do Ministério da Educação e Cultura, 1968.

CHAUÍ, M. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, A. (org) *O olhar*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

CUKIERMAN, H. L. Eudóxia: uma viagem pela multiplicidade. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. Vol.52, nº3, 28-15 2000.

DELEUZE, G. *O mistério de Ariana*. Lisboa: Ed. Vega. Passagens, 1996.

DELEUZE, G & GUATTARI, F. Introdução: Rizoma. In: _____ *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, Vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995.

DESPRET, V. The Body We Care for: Figures of Antropo-zoo-genezis. *Body & Society*, vol.10, nº 2-3, 111-134, 2004. Disponível em:

<http://bod.sagepub.com/cgi/content/abstract/10/2-3/111>. Acesso em março de 2009.

DINIZ, D. , MEDEIROS, M. e SQUINCA, F. Reflexões sobre a versão em português da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde da Organização Mundial da Saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, 23 (10), p. 2507-2510, out. 2007.

DINIZ, D. & SANTOS, W. R. Deficiência e perícia médica: os contornos do corpo. *R. Eletr. De Com. Inf. Inov. Saúde*. Rio de Janeiro, v.3, n.2, p. 16-23, jun., 2009.

FARIAS, N. , BUCHALLA, C. M. A Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde da Organização Mundial da Saúde. Conceitos, usos, perspectivas. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 8 (2), p. 187-93, 2005.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, M. O que são as Luzes? (1984) In: _____. *Ditos e escritos II. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. – São Paulo: Ed. 34, 1992. (coleção trans)

GUATTARI, F. e ROLNIK, S. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

KASTRUP, V. e POZZANA, L. Cartografar é acompanhar processos. In: Passos, e., Kastrup, V. e Escóssia, L. (Orgs) *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

KNJINIK, C. *Cacos Urbanos: gesto, cidade e narração*. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, UFF, 2009.

LATOUR, B. *Jamais Fomos Modernos*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1994.

LATOUR, B. On actor-network theory: a few clarifications. *Soziale Welt*, [S.l.], v. 47, n. 4, p. 369-381, 1996.

LATOUR, B. e WOOLGAR, S. *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LATOUR, B. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: NUNES, J. A. E ROQUE, R. (orgs). *Objetos impuros. Experiências em estudos sociais da ciência*. Porto: Edições Afrontamento, 2007, pp. 40-61.

LATOUR, B. *Reensamblar lo Social: Uma Introduccion a La Teoria Del Actor – Red*. Buenos Aires: Manantial, 2008.

LAW, J. (2003) *Making a mess with method* . Documento eletrônico, disponível em: <http://www.comp.lan.cs.ac.uk/sociology/jlaw.html>, 2003. Acesso em 2009.

LAW, J. *Notes About ANT Theory: Order, Strategy and Heterogeneity*. Center for Science Studies, Lancaster University, Lancaster, 1992. Disponível em: [http://www.lancs.ac.uk/notes_about_ant_theory: Order, Strategy, and heterogeneity](http://www.lancs.ac.uk/notes_about_ant_theory:_Order,_Strategy,_and_heterogeneity) . Acesso em fevereiro de 2009.

LAW, J. & MOL, A. Notes on materiality and sociality. *The Sociological Review*, 274-294, 1995.

MARTINS, M. e BUENO, T. *Deficiência Visual - Aspectos Psicoevolutivos e Educativos* . São Paulo: Editora Santos, 2003.

MARTINS, B. *E se eu fosse cego: narrativas silenciadas da deficiência*, Lisboa: Edições Afrontamentos, 2006a.

MARTINS, B.S. *A cegueira como transgressão corporal: dos corpos marcados aos corpos que marcam*. Documento eletrônico, disponível em: www.apantropologia.net/publicacoes/actascongresso2006/cap7/MartinsBruno.pdf, 2006 b. Acesso em 2007.

MARTINS, B.S. *Políticas sociais na deficiência: exclusões perpetuadas*. Documento eletrônico, disponível em: www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/228/228.pdf, 2006 C. Acesso em 2007.

MASINI, E. *O Perceber e o relacionar-se do deficiente visual*. Brasília: CORDE,1994.

MASINI, E. A experiência perceptiva é o solo do conhecimento de pessoas com e sem deficiências sensoriais. *Psicologia em Estudo* [Maringá]. 8 (1) , 39-43, 2003.

MELO, M. F. A.Q. Seguindo as pipas com a metodologia da TAR. *Revista do Departamento de Psicologia – UFF*, 19(1), p.169-186, 2007.

MOL, A . Ontological Politics. A word and some questions. In: Law, J. e Hassard, J. (org.) (1999) *Actor Network Theory and After*. London: Blackwell – The Sociological Review, 1999.

MOL, A. & LAW, J. *Embodied action, enacted bodies. The example of hypoglycaemia*. Documento eletrônico, disponível em: <http://bod.sagepub.com/> , 2003. Acesso em 2006
MORAES, M. O conceito de rede na filosofia mestiça. *Revista Informaré*, v.6, n.1, p.12-20, 2000.

MORAES, M.: A ciência como rede de atores: ressonâncias filosóficas. *História, Ciência e Saúde – Manguinhos*, vol 11(2): 321-33, maio-ago. 2004.

MORAES, M. Ver e não ver: sobre o corpo como suporte da percepção entre jovens deficientes visuais. *Revista Benjamin Constant*, v. 12, n. 33, p. 15-20, 2006.

MORAES, M. Modos de intervir com jovens deficientes visuais: dois estudos de caso. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 11, p. 90-110, 2007.

MORAES, M. A contribuição da antropologia simétrica à pesquisa e intervenção em psicologia social: uma oficina de expressão corporal com jovens deficientes visuais. *Psicologia e Sociedade*, vol.20, no.spe, 2008.

MORAES, M.; MANSO, C. C. & LIMA, L. Variações sobre o ver e o não ver: dois relatos de casos. *Análise Psicológica*, submetido em 01 de maio de 2009.

MORAES, M.; MANSO, C. C., MONTEIRO, A. C. L. Afetar e ser afetado: corpo e cognição com pessoas com deficiência visual. *Universitas Psychologica*, 8 (3), 785-792, 2009.

MORAES, M. PesquisarCom: Política ontológica e deficiência visual. In: MORAES,

M. & KASTRUP, V. *Exercício do ver e do não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual*. Nau: Rio de Janeiro, 2010. No prelo.

MORAES, M.; MANSO, C. C. et al. Composições do não ver – contando histórias. In: MORAES, M. & KASTRUP, V. *Exercício do ver e do não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual*. Nau: Rio de Janeiro, 2010. No prelo.

MOSER, I. Against normalisation: subverting norms of ability and disability. *Science as Culture*, 9 (2), pp. 201-240, 2000.

ORMELEZI, E. *Os Caminhos da Aquisição do Conhecimento e a Cegueira: do universo do corpo ao universo simbólico*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, USP, 2000.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 16, n. 1, p. 71-79, 2000.

ROCHA, M. & AGUIAR, K. Pesquisa intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia: Ciência e Profissão* 23(4), 64-73, 2003.

SACKS, O. Ver e não ver. In: _____ Um antropólogo em Marte. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

SERRES, M. *Filosofia Mestiça o terceiro instruído*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

SIMMONS, J. N. & SANTIN, S.S. Problemas das crianças portadoras de deficiência visual congênita na construção da realidade. *Revista Benjamin Constant*. Documento eletrônico, disponível em http://www.ibcnet.org.br/Paginas/Nossos_Meios/RBC/RBC_16.htm 2000. Acessado em 2004.

SPINK, P. *Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista*. Documento eletrônico, disponível em: <http://www.scielo.br/> 2003
Acessado em março de 2005.

TESSLER, E. & CARON, M. Uma câmara escura atrás de outra câmara escura: entrevista com E. Bavcar. In: SOUZA, E. et alli (org) *A invenção da vida: arte e psicanálise*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.